



ARY RAMOS DA SILVA JÚNIOR

FUGINDO DOS CONSENSOS:

REALIDADE GLOBAL E NOVAS REFLEXÕES

FUGINDO DOS CONSENSOS: REALIDADE GLOBAL E NOVAS REFLEXÕES

Ary Ramos da Silva Júnior

© Copyright 2025, Ary Ramos da Silva Júnior

1^a edição

(Publicado em Novembro de 2025)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva Júnior, Ary Ramos da

FUGINDO DOS CONSENSOS: REALIDADE GLOBAL E NOVAS REFLEXÕES. Ary Ramos da Silva Júnior. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2025. E-book, formato PDF.

ISBN 978-85-434-1900-8

CDD- B869 Literatura brasileira. Crônicas. Reflexões Contemporâneas. Brasil. Título.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Mendonça \ editor

Assistente editorial \ Geovanna Gravet

Revisora \ Jacqueline Hagop

Preparadora de texto \ Janaína Jaakkko Mello

Cao Ypiranga \ designer

Livro publicado pela

VIRTUALBOOKS EDITORA – livros impressos e e-books.

<https://www.virtualbooks.com.br>

<https://virtualbooksonline.com.br/doi>

WhatsApp 37991733583 - capasvb@gmail.com

Introdução

Todos os indivíduos conseguem vislumbrar as grandes transformações na sociedade contemporânea, com impactos generalizados para todos os indivíduos e para toda a comunidade, em todas as regiões do mundo encontramos murmúrios de incertezas, medos e ressentimentos.

Nesta obra separamos artigos que refletem sobre a sociedade contemporânea, os desafios dos governos, das empresas e organizações, destacando aos leitores uma visão crítica e reflexiva, ao contrário do que estamos visualizando nos dias atuais, onde percebemos uma crítica sempre interessada por degradar os adversários, escritos encomendados para defender pensamentos políticos reacionários, muitas vezes autoritários e defensores de sentimentos fascistas, que pouco contribuem para o incremento de nossa sociedade.

Vivemos numa sociedade marcada pelo crescimento da visão econômica marcada pelo imediatismo, pelo individualismo, pelo narcisismo e pela busca crescente de lucros imediatos, onde os valores estão atrelados ao ganho monetário e financeiro, onde percebemos o incremento da intolerância, do racismo e da intolerância, tudo isso contribui imensamente para a situação degradante que vivemos na sociedade internacional.

Os escritos que compõem o livro ***Fugindo dos consensos: realidade global e novas reflexões contemporâneas*** foram publicados no decorrer dos anos de 2024 e 2025, estes artigos foram apresentados ao público no Jornal Diário da Região, no caderno Economia e na coluna Conjuntura, onde o autor refletia sobre as questões econômicas e políticas, para compreendermos os grandes desafios da sociedade globalizada, que nos propõem novas oportunidades, novos modelos de negócios e novos espaços de acumulação mas, ao mesmo tempo, nos exigindo uma grande capacidade de profissionalismo e grande capacidade de inovação, afinal estamos na era das informações.

Nestes artigos buscamos conversar com a sociedade sobre assuntos cotidianos que afligem a economia nacional, mostrando o crescimento político de poucos atores econômicos e financeiros que passaram a comandar a sociedade nacional e

internacional, mostrando o incremento do capital improdutivo que definem a agenda das nações e fazem com que a democracia sejam reféns dos donos do poder e comandam todos os setores da sociedade, impondo políticas dominantes e limitam a capacidade de gerir seus recursos e alocar, da melhor forma, o orçamento público em prol dos interesses da comunidade.

Nestes quase dois anos de publicações semanais, algo que sempre me orgulhou, recebo contribuições dos leitores, solicitando reflexões variadas sobre economia brasileira e um nítido posicionamento político, neste ínterim eu evito esse posicionamento, buscando uma visão mais neutra, mesmo sabendo que essa neutralidade é algo impossível. Nestes espaços de reflexões constantes, gostaria de agradecer pelos auxílios de Deise Ramos e de Rosângela Márcia, as primeiras leitoras dos artigos, fazendo as correções gramaticais e construindo análises críticas, todas elas foram fundamentais para que estes artigos fossem publicados.

Nestes noventa e cinco artigos o autor tentou mostrar uma visão mais ampla dos grandes desafios para a sociedade brasileira e as limitações que limitam nossa capacidade de desenvolvimento, embora sabemos que ambicionemos o chamado desenvolvimento econômicos, estamos nos distanciando do pelotão de frente e nos acostumando numa visão medíocre, centrado no crescimento de uma economia agroexportadora produtora de produtos primários de baixo valor agregado e importadora de produtos industrializados, perpetuando as desigualdades sociais e uma dependência econômica, além de um subordinação política.

O nome da publicação, ***Fugindo dos consensos: realidade global e novas reflexões contemporâneas***, ambiciona deixar uma visão unilateral da economia, onde muitos analistas econômicos destacam, cotidianamente, uma visão fortemente atrelado aos interesses do capital e a defesa incondicional dos valores do mercado, que defendem diuturnamente as políticas de austeridade, contenção dos gastos públicos, redução dos dispêndios dos benefícios sociais, defendendo reformas trabalhistas e previdenciárias que diminuem os benefícios dos trabalhadores e contribuindo, imensamente, para a construção de uma sociedade marcada pela guerras de todos contra todos, onde os grandes agentes econômicos espalham um discurso de eficiência do Estado para privatizar, pilhar e aumentar seus ganhos monetários e financeiros, dominando os agentes políticos, comprando o Congresso Nacional, trazendo os setores ligados ao judiciário para o lado do capital e garantindo a perpetuação de seus ganhos e a manutenção de seu status-quo.

Espero que gostem da obra e convido os leitores para conhecer melhor o trabalho do professor Ary Ramos da Silva Júnior, doutor em sociologia e professor universitário desde 1998, exatamente a 28 anos, com larga experiência e vivência acadêmica e profissional. Para conhecer melhor, convido os leitores para acessar o site www.aryramos.pro.br com reflexões atuais e críticas sobre as realidades do Brasil e

do mundo contemporânea, com e-mail marketing, podcast com temas variados e reflexões constantes sobre assuntos ligados a contemporaneidade.

Abraços.

Ary Ramos da Silva Júnior, Economista, Administrador, Mestre, Doutor em Sociologia e professor universitário.

Sumário

PACTO PELO CRESCIMENTO.....	- 12 -
ECONOMIA E EDUCAÇÃO	- 15 -
MUDANÇAS ECONÔMICAS	- 18 -
FUTURO E CONFIANÇA.....	- 20 -
POLÍTICA INDUSTRIAL.....	- 23 -
MILAGRE ASIÁTICO	- 26 -
MISSÕES.....	- 28 -
PRESENTE NEBULOSO	- 30 -
PERPETUANDO DESIGUALDADES.....	- 32 -
INVASÃO CHINESA	- 34 -
CRISES CONECTAS	- 36 -
PROTECIONISMO	- 38 -
POTÊNCIA CHINESA.....	- 40 -
HERANÇAS ACUMULADAS	- 42 -
MACROECONOMIA DA ESTAGNAÇÃO	- 44 -
DEPENDÊNCIA ETERNA	- 46 -
AMBIENTE CONTURBADO	- 48 -

LIMITANDO O CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	- 50 -
CLASSE MÉDIA EM CRISE.....	- 52 -
DEVASTAÇÃO CLIMÁTICA	- 54 -
CHINA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES	- 56 -
DÉCADA PERDIDA	- 58 -
MOMENTO ECONÔMICO	- 60 -
TURBULÊNCIAS GLOBAIS.....	- 62 -
RETORNO DO PROTECIONISMO	- 64 -
PLANO REAL: TRINTA ANOS	- 66 -
GUERRAS, GUERRAS E MAIS GUERRAS	- 68 -
ESCOLHAS.....	- 70 -
TEMPOS SOMBRIOS.....	- 72 -
HEGEMONIAS	- 74 -
DESIGUALDADES SOCIAIS	- 76 -
CRISES FINANCEIRAS.....	- 78 -
NOVOS CONSUMIDORES GLOBAIS.....	- 80 -
EMPREGO E DESENVOLVIMENTO	- 82 -
CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	- 84 -
APOSTAS ESTRATÉGICAS.....	- 86 -

VENTOS POSITIVOS	- 88 -
EQUILÍBRIO	- 90 -
DÚVIDAS ECONÔMICAS	- 92 -
GRAU DE INVESTIMENTO	- 94 -
PROSPERIDADE E POBREZA	- 96 -
A ROTA DA SEDA	- 98 -
BRICS +	- 100 -
REVISÃO DOS GASTOS	- 102 -
INCERTEZAS CRESCENTES	- 104 -
CHINA X EUA	- 106 -
PARCERIA ESTRATÉGICA	- 108 -
AJUSTE FISCAL	- 110 -
MUNDO QUENTE, INCERTO E VIOLENTO	- 112 -
REALIDADE PARALELA	- 114 -
ESPERANÇAS	- 116 -
DESAFIOS ECONÔMICOS GLOBAIS	- 118 -
PROTECIONISMOS	- 120 -
DESAFIOS COTIDIANOS	- 122 -
ONDE ERRAMOS?	- 124 -

CENÁRIO TURBULENTO	- 126 -
GUERRAS COMERCIAIS	- 128 -
TARIFAS, SUBSÍDIOS E PROTECIONISMO	- 130 -
DESAFIOS	- 132 -
NOVA DEPENDÊNCIA	- 134 -
RETALIAÇÕES	- 136 -
DESACELERAÇÃO ECONÔMICA	- 138 -
CONFUSÃO E AMEAÇAS	- 140 -
PARAÍSO FISCAL	- 142 -
INCERTEZAS	- 144 -
CRISE GLOBAL	- 146 -
MOMENTOS PREOCUPANTES	- 148 -
DECISÕES ESTRATÉGICAS	- 150 -
A ECONOMIA DE FRANCISCO	- 152 -
CRISE E OPORTUNIDADE	- 154 -
NOVOS MERCADOS	- 156 -
CONSTRUINDO O DESENVOLVIMENTO	- 158 -
DESAFIOS NACIONAIS	- 160 -
NOVAS TECNOLOGIAS	- 162 -
INSISTINDO NO ATRASO	- 164 -

AMBIÇÃO, GUERRAS E O CAOS.....	- 166 -
CONJUNTURAS	- 168 -
PROBLEMAS FISCAIS	- 170 -
BAGUNÇA GENERALIZADA	- 172 -
CASSINO GLOBAL.....	- 174 -
DEBATES EXALTADOS	- 176 -
JOGOS GEOPOLÍTICOS.....	- 178 -
VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA.....	- 180 -
DEPENDÊNCIAS.....	- 182 -
DESACELERANDO A ECONOMIA	- 185 -
AGITANDO O MUNDO.....	- 187 -
DESIGUALDADES CRESCENTES.....	- 189 -
MORTE POR DESPERO	- 191 -
POLARIZAÇÕES CRESCENTES	- 193 -
INQUIETAÇÕES.....	- 195 -
MODELO ECONÔMICO	- 197 -
TRIBUTAÇÃO E DESIGUALDADES	- 199 -
TRABALHO CONTEMPORÂNEO.....	- 201 -
DUELOS DE GIGANTES.....	- 203 -
INDÚSTRIA DO MUNDO	- 205 -

Pacto pelo crescimento

A economia brasileira vem passando por grandes alterações que tem impactos sobre todos os setores, destacando as potencialidades da nação e os grandes desafios que se abrem para o século XXI. Neste momento, precisamos construir laços efetivos, reduzir as polarizações que atravancam o desenvolvimento brasileiro, impulsando a construção de novas riquezas em um mundo em constante transformação, além de pensar um futuro promissor e inclusivo para todos os indivíduos, criando cidadãos e não se contentando com a construção apenas de consumidores.

Depois de décadas de forte crescimento econômico e fortalecimento produtivo, que colocou o Brasil na liderança do crescimento econômico internacional, depois dos anos 1980 perdemos a vocação para o crescimento econômico e passamos a nos acostumar com taxas pífias de crescimento, perdemos espaço no comércio internacional, mergulhamos num processo de desindustrialização, com perdas crescentes de renda e perdemos o dinamismo produtivo, reduzindo nossa complexidade econômica e, novamente, voltamos a nos destacar apenas como uma nação exportadora de produtos primários de baixo valor agregado e dependentes da importação de produtos industrializados e manufaturados.

Precisamos impulsionar o crescimento da economia, retomando as discussões do nosso potencial econômico e produtivo, precisamos impulsionar as ideias de planejamento econômico sistêmico, usando as estratégicas geopolíticas e geoeconômicas para que o Brasil retome seu papel na sociedade internacional, mostrando nosso potencial de economia verde, construindo energias alternativas e capacitando o meio ambiente para garantir a sustentabilidade, transformando essas potencialidades naturais, desta forma levantaremos poupanças externas

para financiar as melhorias sociais, garantindo emprego de qualidade e espaço privilegiado nos círculos políticos globais.

No Brasil contemporâneo, precisamos construir variados pactos para a melhoria econômica, política e social, dentre estes pactos, precisamos pactuar produção, emprego e crescimento econômico, utilizando toda a infraestrutura para angariar melhorias das condições sociais, rechaçando políticas que priorizam os interesses corporativos, que aumentam os subsídios e as desonerações que garantem ganhos imediatos e contribuem ativamente para a perpetuação das desigualdades que perpassam a sociedade nacional.

Embora saibamos que os recursos públicos são limitados e as condições orçamentárias são precárias, precisamos analisar, estrategicamente, os investimentos públicos e seus retornos, impulsionando as melhores formas de gastos privados, criando espaços de confiabilidade e vislumbrando retornos sólidos e consistentes no longo prazo, garantindo melhorias para toda a comunidade. Nestes últimos quarenta anos, a comunidade internacional percebeu que a agenda para os países em desenvolvimento era de austeridade fiscal e restrição econômica e financeira, marcadas por taxas de juros elevadas e gastos públicos reduzidos, diante disso, os resultados destas políticas são claras e conclusivas, empobrecimento da população, aumento de violência urbana, incremento dos conflitos sociais, aumento da xenofobia, incremento da polarização política e o aumento da desigualdade social, guerras generalizadas, poucos indivíduos muito ricos e milionários e uma grande quantidade de pobres, miseráveis e desfavorecidos, gerando um capitalismo instável e cada vez mais desigual, com perspectivas negativas para a maior parte da comunidade internacional.

Vivemos numa sociedade marcada por grandes potencialidades, pouco vistas em outras nações, somos dotados de recursos naturais que nos colocam no centro da produção global de alimentos, somos dotados de variadas energias alternativas, somos possuidores de uma população criativa e com forte potencial empreendedor e de grande capacidade inovadora, mas precisamos perceber que o desenvolvimento prescinde de políticas integradas e duradouras, instituições sólidas e consistentes,

uma democracia pujante e fortemente arraigada para transformar toda a potencialidade brasileira, precisamos nos desvencilhar de uma visão imediatista, individualista e precisamos vislumbrar melhorias para todos os cidadãos, não apenas seus descendentes e seus apaniguados.

Economia e Educação

Vivemos momentos de grandes alterações em todos os setores da sociedade, o mundo contemporânea se transforma rapidamente, as tradições estão sendo destruídas, os modelos econômicos estão em movimento, as famílias passam por novas configurações, os relacionamentos estão em alterações constantes, os trabalhadores estão agitados e assustados, as doenças contemporâneas trazem patologias centradas nos desajustes emocionais existenciais, levando os seres humanos a reflexões sobre as condições da vida na sociedade contemporânea, gerando dores na alma, incertezas e instabilidades, incrementando as preocupações com a saúde mental dos indivíduos.

Nesta sociedade, a economia deixou de ser um espaço legítimo de satisfação das necessidades dos seres humanos, onde a ciência econômica foi construída como instrumento para garantir que as demandas e as necessidades dos seres humanos sejam satisfeitas, sabendo ainda, que os recursos existentes na natureza são limitadas, cabendo a economia a construção de um cenário onde todos os indivíduos tenham acesso aos bens, mercadorias e serviços necessários para sua reprodução social, uma vida digna e decente, mesmo sabendo que as incertezas e as instabilidades crescem em todas as sociedades.

Nos últimos anos, a economia se transformou em um espaço de acumulação extraordinária, onde os setores financeiros passaram a comandar a estrutura econômica e produtiva, impondo seus interesses imediatos, garantindo lucros escorchantes, contribuindo para a manutenção e, principalmente, para a perpetuação de uma estrutura social degradada, abduzindo todos os agentes da sociedade, comprando consciências, dominando as redes sociais e impondo uma agenda que consolide seu interesse, cultuando a meritocracia, estimulando o empreendedorismo, o individualismo e o imediatismo.

Nestas andanças profissionais, percebemos que os indivíduos acreditam que a educação é a chave do desenvolvimento econômico da sociedade, acreditamos plamente nesta equação que associa a educação com as grandes transformações da estrutura produtiva, garantindo uma melhora substancial no capital humano, com fortes investimentos em ciência, pesquisa e inovação, afinal estamos na chamada era do conhecimento.

Todas as nações que conseguiram alçar fortes melhorias econômicas, sociais e produtivas e saíram de condições intermediárias para se transformarem em nações desenvolvidas, só conseguiram essa proeza com um projeto de nação, com fortes investimentos educacionais, com forte valorização da educação nacional, elevados investimentos nos professores e profissionais da educação, com melhorias constantes na infraestrutura das escolas, garantindo as condições necessárias para alçar voos elevados e necessários, projetos pedagógicos inovadores, cobranças de resultados e sólidos contatos com setores econômicos e produtivos.

Neste cenário, precisamos recolocar a educação no centro das discussões econômicas, deixando de lado discussões secundárias de indicadores macroeconômicos que servem apenas para perpetuar os ganhos dos rentistas e dos financistas, que adoram discutir seus ganhos imediatos, seus lucros estratosféricos, resultados vistos como a sua capacidade de investir, farejar lucros e compreender os códigos do mundo das finanças, se esquecendo que seus grandes retornos se dão através de taxas de juros elevadas, fraudes empresariais e sua capacidade de controlar seus prepostos na gestão pública e perpetuando suas riquezas em detrimento de uma massa de empobrecidos e marginalizados.

A educação é imprescindível para o desenvolvimento econômico de uma nação, garantindo uma maior complexidade na estrutura econômica e produtiva, incentivando empregos de qualidade, reduzindo as desigualdades sociais e garantindo novos recursos para impulsionar os setores produtivos, com políticas públicas que ataquem as causas das desigualdades que degradam e limitam o crescimento econômico

brasileiro, que reduzem as potencialidades da nação e garantindo ganhos vultuosos para poucos. Mas o que me assusta, parafraseando Darcy Ribeiro “a crise da educação no Brasil não é uma crise, mas um projeto”.

Mudanças Econômicas

A economia internacional vem passando por grandes alterações nas últimas décadas com o crescimento e o fortalecimento do processo de globalização, que impacta fortemente sobre todos os governos, empresas e a sociedade civil. Nestas mudanças, alguns grupos econômicos e sociais ganham com estas constantes transformações, enquanto outros setores perdem espaço neste mundo de constantes alterações, gerando novos desafios e, ao mesmo tempo, novas oportunidades que exigem uma grande capacidade de reinvenção, agilidade e forte flexibilidade sob pena de perderem espaço no mundo do trabalho, centrados nas constantes incertezas e instabilidades.

Neste momento, percebemos que os governos vem adotando políticas para fortalecer suas estruturas econômicas e produtivas, consolidando vantagens comparativas e competitivas, investindo maciçamente para capacitar e qualificar a mão de obra, com fortes incentivos na formação de capital humano, investindo em pesquisa, ciência e tecnologia como forma de antecipar as grandes transformações na tecnologia global, onde o mundo analógico vem perdendo espaço e a consolidação de um mundo digital, fortemente tecnológico, com novos modelos de negócios, com novas instituições, com novos conceitos e uma competição mais acirrada e implacável, onde os ganhadores levam tudo e os perdedoras são relegados ao esquecimento.

Ao analisar os dados macroeconômicos brasileiros, percebemos uma melhora sensível nestes indicadores: inflação em queda, superávit comercial recorde, taxas de juros em redução, aumento dos níveis de emprego, redução do endividamento das famílias, aumento dos investimentos, fortalecimento da moeda nacional, dentre outros motivos que levaram as agências de classificação de risco a elevarem a nota do Brasil no mercado internacional, trazendo ganhos fiscais sensíveis, com diminuição do endividamento externo e melhorando a imagem do Brasil no cenário internacional.

Neste ambiente marcado por grandes transformações econômicas e produtivas motivadas pelo processo de globalização, a melhora da economia nacional nos traz novos horizontes e possibilidades positivas, nos posicionando em uma condição interessante, como somos dotados de grandes riquezas naturais e marcados por uma grande variedade de energias alternativas e renováveis, num mundo carente destas possibilidades, onde encontramos países ricos e desenvolvidos que passam por grandes dificuldades energéticas e custos assustadores ligados a degradação do meio ambiente, levando suas estruturas produtivas a perderem competitividade em decorrência do incremento da inflação e do aumento do custo de vida, vide o caso Alemão, que vem perdendo espaço no mercado internacional, gerando graves constrangimentos internos e fragilizando o bloco europeu, aja vista que a Alemanha é a força motriz da economia europeia.

Os indicadores macroeconômicos brasileiros estão apresentando melhoras consideráveis, mesmo assim, sabemos que precisamos melhorar mais rapidamente para reduzir as dívidas históricas acumuladas para grande parte da população nacional, pessoas que prescindem de políticas públicas para melhorar suas condições de vida, emprego digno e decente e a construção de novos espaços de ascensão econômica e social, atualmente concentradas em poucos grupos sociais, na maioria das vezes a tão sonhada ascensão econômica está relacionada a heranças e vinculados a grandes grupos financeiros, além de grande capacidade de influência política.

As mudanças econômicas estão acontecendo, embora lentamente, as pautas estão sendo modificadas, assuntos vistos como improváveis estão entrando na agenda econômica, a tão sonhada taxação de fundos exclusivos se transformou em realidade, a política industrial que sempre foi endemoniada pelos economistas liberais está sendo retomada no mundo todo e a economia verde vem ganhando espaço no cenário econômico nacional, com discussões acaloradas e políticas efetivas para garantir recursos para capacitar nossa população. Neste momento, quem sabe, possamos eliminar os parasitas econômicos que pouco produzem e sempre ganham divulgando o caos generalizado.

Futuro e Confiança

Todos os indivíduos no mundo contemporâneo estão percebendo que a sociedade vem passado por grandes transformações nas últimas décadas, com impactos generalizados para todos os cidadãos e comunidades, mexendo nos comportamentos, alterando valores e exigindo investimentos crescentes na qualificação e na capacitação individual, como forma de encontrar empregos e recursos para a sobrevivência.

Nesta sociedade, marcada por grandes incertezas e instabilidades, estamos vislumbrando novas formas de organizações social, política e produtiva, alterando todas as bases constituídas na sociedade industrial e, destas modificações, percebemos o nascimento de uma nova comunidade, centrada nas tecnologias, no mundo digital, no imediatismo, no individualismo e na busca crescente pelo lucro e pela acumulação.

A velocidade destas transformações é assustadora, novas tecnologias surgem todos os dias, novos modelos de negócios nascem diariamente motivados pela intensa competição entre os agentes econômicos e produtivos, levando os seres humanos a buscarem qualificações diárias, numa constante concorrência que não é mais local, nem nacional, mas estamos presenciando uma competição global. Nesta nova sociedade, todas as bases que sustentavam as relações sociais da sociedade industrial, tais como a família, a escola, os relacionamentos e a religião vêm sentindo na pele as grandes modificações, gerando medos, ansiedades e depressões, desta forma, percebemos o incremento das preocupações com a saúde mental dos indivíduos, onde o desequilíbrio emocional cresce de forma acelerada, exigindo políticas públicas e intervenções governamentais direcionadas para amainar estes desajustes.

Neste mundo centrado nas incertezas e nas instabilidades, o medo ganha relevância, as certezas estão cada vez mais reduzidas e os ressentimentos ganharam espaço na comunidade, motivando

extremismos, violências, polarizações e desagregações, que levam as nações a conflitos sangrentos, confrontos bélicos, gastos estrondosos em equipamentos militares e repressões seletivas. Neste cenário, grupos que difundem o caos generalizado, notícias negativas, degradações, cancelamentos e as violências crescentes se transformaram num grande negócio, garantindo lucros estratosféricos e negócios rentosos, fazendo a alegria dos acionistas destas corporações.

A confiança, historicamente, deveria ser vista como o cimento da consolidação da convivência social na comunidade, onde os agentes econômicos, políticos e sociais deveriam acreditar nas instituições, fortalecendo as decisões democráticas e estimulando a cooperação social como forma de aprofundar as instituições, melhorando as condições sociais, reduzindo as desigualdades e garantindo oportunidades para todos os seus cidadãos.

O sonho democrático vem perdendo espaço na civilização ocidental e, neste cenário, os extremismos crescem, políticos autoritários ganham relevância e fragilizam os ideais de convivência social democrática e, desta forma, o futuro da sociedade contemporânea está sempre em suspeição, os medos aumentam, as ansiedades crescem e os lucros disparam para uma pequena parcela da comunidade, setores que ganham com os extremismos, a balbúrdia, a degradação humana e a violência urbana.

As pesquisas recentes demonstram que a concentração da renda cresceu fortemente nos últimos anos, garantindo privilégios para poucos grupos sociais e condições degradantes e abjetas para uma grande parte da população. Muitas pessoas acreditam que essa desigualdade crescente se apresenta apenas na sociedade brasileira, ledo engano, o crescimento da desigualdade é um fenômeno global, impacta sobre todas as nações, gerando incertezas e instabilidades, contribuindo para a degradação da vida em comunidade, com o incremento da violência e um medo generalizado do futuro.

A confiança no futuro é fundamental para consolidarmos os ideais democráticos, deixando de lado medidas imediatistas, individualistas e centradas nos ganhos monetários e crucial para reconstruir a

convivência social, garantindo educação de qualidade para todos, novas oportunidades, acabando com privilégios de poucos, combatendo injustiças cotidianas, reduzindo violência e vislumbrando horizontes melhores e mais consistentes.

Política Industrial

Vivemos momentos de grandes alterações na estrutura econômica internacional, nações que dominavam todos os espaços do crescimento econômico e produtivo, vem perdendo espaço no cenário global, outros países estão se projetando na nova economia mundial. Estamos visualizando a ascensão de novos atores, novas empresas, novas lideranças e novas corporações, com a fragilização de algumas nações, gerando novos desafios, novas oportunidades e grandes inquietações.

Neste cenário, as nações estão em franca movimentação econômica e geopolítica, buscando reposicionamento na estrutura produtiva global, como forma de alavancar seus setores produtivos, buscando a redução da dependência externa, aumento da soberania nacional, vislumbrando investimentos produtivos, desenvolvimento de tecnologias e a busca crescente de novos espaços no comércio internacional.

Neste momento, as nações estão repensando suas estratégias de inserção no cenário internacional, retomando projetos esquecidos e reestruturando os canais de planejamento econômico e produtivo, reativando as chamadas políticas industriais, utilizadas por todas as nações que conseguiram alavancar suas estruturas econômicas, com fortes investimentos governamentais para fortalecer setores e atividades produtivas, levando muitas nações ao desenvolvimento econômico.

Muitas nações adotaram políticas industriais, mas a adoção destas políticas industriais não garante o tão sonhado desenvolvimento econômico, muitos países tentaram, mas poucas nações conseguiram se desenvolver, transformando suas estruturas produtivas, angariando ganhos econômicos e políticos. O desenvolvimento industrial prescinde de uma visão global de todas as potencialidades da economia, integrando setores, fortalecendo o conhecimento científico e tecnológico, aproximando as universidades e os centros de pesquisas, construindo uma visão sistêmica que abarque todos os setores da sociedade, melhorando os indicadores econômicos e sociais em benefício da comunidade nacional.

No começo do século XX, as estratégias de desenvolvimento industrial eram vistas como um caminho natural para que as nações conseguissem se desenvolver economicamente, desta forma, a indústria era uma forma de melhorar a produtividade do trabalho, incrementando a renda dos trabalhadores, movimentando o mercado de consumo e, desta forma, alavancando fortes investimentos produtivos para impulsionar a economia, diversificando os setores produtivos e melhorando os indicadores econômicos e sociais.

Nos últimos anos as políticas industriais foram criticadas pelos economistas liberais, pelas instituições multilaterais, como o FMI e Banco Mundial, e pelos representantes do setor financeiro, defendendo uma maior liberdade dos mercados e o crescente estímulo da concorrência como forma de alocar investimentos no sistema econômico e produtivo. Com estas transformações econômicas internacionais muitas nações desenvolvidas, que rechaçavam as políticas indústriais, passaram a alterar seu entendimento e estão fomentando estas políticas como forma de defender suas estruturas produtivas e receio de perder espaço das nações asiáticas, países que recorreram fortemente as políticas industriais, com fortes incentivos internos e medidas intervencionistas.

Neste cenário, as nações ocidentais estão retomando as políticas públicas e o Brasil começa esboçar uma nova política de reindustrialização, como forma de alavancar a indústria nacional e melhorar as condições de competitividade, diminuindo as importações de produtos industrializados. A nova política de reindustrialização brasileira está canalizando 300 bilhões de reais para o setor industrial e está escolhendo setores vistos como estratégicos para a economia brasileira, tais como a digitalização da indústria e das médias e pequenas empresas, fomento da cadeia agroindustrial e da bioeconomia, a mobilidade urbana, a internalização da produção de insumos da saúde e das tecnologias críticas de defesa nacional.

O retorno de discussões econômicas mais heterodoxas no cenário internacional, como as políticas industriais é salutar e quando percebemos que instituições como o Fundo Monetário Internacional

(FMI), revistas como The Economist e a prestigiada Harvard Business Review estão defendendo fortemente estas políticas, percebemos que estamos voltando para o lado certa da história.

Milagre Asiático

A economia internacional passou por grandes processos de integração, de interdependência e de uma forte competição entre os atores econômicos e produtivos, gerando oportunidades crescentes, novos mercados, novos hábitos, novas culturas e novos comportamentos, todos motivados pelo incremento da globalização da economia.

Neste período de fortes transformações econômicas e produtivas em curso na sociedade mundial, com países perdendo espaço na estrutura global, onde nações que dominavam o cenário internacional estão se fragilizando e o surgimento de novas potências hegemônicas, motivando novos modelos de negócios e novas estratégias de desenvolvimento. Neste cenário, faz-se necessário, destacar o milagre asiático, cujo modelo de crescimento econômico e desenvolvimento tirou mais de 1 bilhão de pessoas da miséria em 20 anos, um verdadeiro milagre.

A Revolução Industrial impulsionou a renda per capita global, aumentou a riqueza das nações e reduziu a pobreza e a miséria, mesmo assim, uma parcela significativa da população mundial continuava a viver na miséria e na indignidade. Nos últimos 30 anos, embora muitos não perceberam, a pobreza extrema passou por uma redução extraordinária no mundo, sendo que grande parte deste resultado positivo se deve ao desempenho asiático, região que concentra 60% dos habitantes e cerca de 40% do PIB global.

Ao destacarmos a experiência asiática na redução da pobreza, as pessoas pensam rapidamente na ascensão da China, do Japão e da Índia, essas nações apresentaram grandes avanços nos últimos 30 anos, mas devemos destacar ainda os exemplos de Bangladesh, a Indonésia e Vietnã, países que reduziram fortemente a pobreza e a indigência, criando novas formas de crescimento econômico, melhorando os ambientes de negócios, aumentando os investimentos em capital humano, despejando recursos em pesquisa, ciência e tecnologia e, com isso, reduzindo a miséria que assolava grande parte destas nações.

Dados de agências especializadas nos mostram indicadores excepcionais, no período entre 1982 e 2011, a Ásia Meridional teve um crescimento econômico médio de 5,6%, ultrapassando todas as regiões do mundo, desta forma, o crescimento impulsionou a geração de riquezas, aumentando investimentos produtivos e maiores oportunidades econômicas.

A ascensão asiática pode servir como exemplo para todas as regiões, a redução da pobreza está ligada aos novos contornos econômicos e produtivos da economia chinesa, cuja expansão impulsionou outras nações, com incremento do comércio, novos modelos de negócios e novos investimentos que contribuíram para a construção de uma classe média, dotada de recursos monetários para alavancar os setores econômicos internos, reduzindo a dependência externa e angariando novos espaços no comércio internacional.

O crescimento econômico contribuiuativamente para a melhora das condições de vida da população asiática e contribuiu para a criação de uma economia pujante e diversificada, além de gerar emprego e crescimento da renda, alavancando o desenvolvimento humano, permitindo que as pessoas cuidem melhor de sua saúde, comam melhor e possam viver mais, melhorando o bem-estar de toda a comunidade. Passou da hora de buscarmos novos modelos, novos exemplos e novos significados para o desenvolvimento econômico.

Missões

O governo federal apresentou no mês passado uma política industrial objetivando a construção de novas bases para a indústria nacional, num mundo marcado pelo crescimento da concorrência global e o desenvolvimento tecnológico, onde os atores econômicos são, cada vez mais dotados de grande poder financeiro, com estruturas organizacionais complexas, com grande capacidade produtiva e geopolítica, onde as nações que ficarem para trás terão suas autonomias e soberanias diminuídas.

Vivemos momentos de grandes transformações geopolíticas e geoeconômicas, nações que eram vistas como hegemônicas perderam espaço na geopolítica global, desta forma, estes países estão tendo de dividir os poderes globais com outras nações. Discursos vistos como liberais, defensores da abertura econômica e da concorrência generalizada, que defenestravam constantemente a atuação dos Estados Nacionais vem perdendo espaço no debate internacional e desta forma, as políticas industriais vêm ganhando espaço na agenda das economias desenvolvidas e em desenvolvimento.

A política industrial sempre foi vista com desdém pelos economistas liberais, que acreditavam que o mercado deveria ser o grande estruturador e indutor das escolhas econômicas e produtivas, visto que este era o grande formulador da sociedade, dotado de grandes flexibilidades, agilidades e eficiências. Ao Estado, na visão liberal ou neoliberal deveria se restringir a uma atuação secundária, garantindo um ambiente de negócio salutar, estimulando a concorrência e a competição, atuando nas defesas interna e externa e com fortes investimentos em capital humano.

Neste cenário, nações que pregavam a concorrência generalizada como forma de crescimento econômico e produtivo estão se rendendo ao charme das políticas industriais, como os Estados Unidos e a Europa, que foram árduos defensores do pensamento liberal. Estas nações estão despejando trilhões de dólares e euros para protegerem suas estruturas

econômicas e como forma de evitar sucumbir na concorrência com as nações asiáticas, que se utilizam fartamente de políticas industriais, protecionismos, subsídios etc.

O Brasil, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) foi a nação que mais se desindustrializou nos últimos trinta anos, diante disso, faz-se necessário que a sociedade estruture uma estratégia para a reconstrução do setor industrial. Neste cenário, nasce o programa Nova Indústria Brasil (NIB) que está centrada nas chamadas Missões, que nos parece inovador e com uma concepção moderna ao dialogar com experiências internacionais, um conceito criado pela economista italiana Mariana Mazzucato, que defende uma estrutura integrada e interdependente para reconstruirmos a indústria nacional. Neste novo programa, percebemos uma preocupação central no aumento da produtividade e da competitividade, enfatizando uma melhor inserção internacional da indústria, se distanciando da velha lógica de substituição das importações.

Dentre as Missões elencadas, destacamos as cadeias agroindustriais, saúde, bem-estar nas cidades, transformação digital, bioeconomia, descarbonização, transição e segurança energéticas e defesa que, se bem-sucedidas, transformarão a estrutura econômica e produtiva nacional. Os programas existem e podem ser positivos, mas antes de mais nada precisamos compreender o que queremos para o futuro, se continuaremos como um grande fazendão ou vamos alçar novos voos num mundo marcado por grandes transformações e incertezas.

Presente nebuloso

Num mundo marcado por grandes transformações estruturais, centrado em uma imensa competição e pelo desenvolvimento tecnológico, as nações que não acordarem para este cenário contemporânea, os indicadores econômicos e sociais tendem a piorar rapidamente, aumentando os desajustes em todas as áreas e setores, aumentando a violência, os conflitos políticos e reduzindo as esperanças de dias melhores.

Vivemos em momentos de grandes modificações estruturais. Os comportamentos humanos estão se alterando, os relacionamentos estão em constantes transformações, os modelos de negócio estão passando por grandes modificações, as organizações familiares estão se reconfigurando rapidamente, as nações hegemônicas estão perdendo poder e influência no cenário internacional, o mundo do trabalho está em franca reestruturação, gerando desempregos, subempregos e informalidades.

As nações estão em guerras variadas, no campo econômico e produtivo, as empresas buscam apoio dos setores políticos e governamentais, rogando por proteção crescente e subsídios variados como forma de sobrevivência, barganhando para evitar a bancarrota e pressionando os orçamentos dos Estados Nacionais. No campo militar, as guerras crescem em todas as regiões, na atualidade encontramos mais de 180 conflitos militares em curso na sociedade mundial, gerando destruição na infraestrutura das nações, mortes generalizadas e um rastro de ódio, rancor e ressentimento, perpetuando novos confrontos e novas devastações.

No campo econômico, as nações estão em situação fiscal e financeira degradantes, seus recursos monetários são limitados para satisfazer as necessidades da população, desta forma, percebemos impactos sobre as estruturas políticas, fragilizando a democracia e estimulando a ascensão de grupos radicais, impulsionando polarizações em todas as regiões do mundo, incrementando fascismos e racismos crescentes.

Vivemos num momento de grandes desafios, as lideranças estão cada vez mais escassas, as discussões econômicas são limitadas, os donos do poder se perpetuam no controle da sociedade e usam seus poderes materiais e imateriais para influenciar os debates da sociedade, fomentando discussões ultrapassadas e de pouca relevância para compreendermos os desafios do mundo contemporâneo.

Em todas as regiões do mundo encontramos um grande contingente de trabalhadores desempregados, na informalidade e subempregados, cujos rendimentos não garantem condições dignas de sobrevivência, estamos criando uma explosão social que não demorará para explodir e seus impactos são desconhecidos. Décadas atrás, esse quadro de desalento era mais evidente em países pobres e subdesenvolvidos, onde a pobreza e a indignidade eram constantes. Na contemporaneidade, essa situação de desalento se espalha para todas as regiões do mundo, afetando países ricos e nações vistas como em desenvolvimento, desta forma, o futuro tende a ser nebuloso para todas as comunidades.

A tecnologia que era vista como instrumento de melhorias sociais, pode ser um complicador deste cenário de devastação social. No século XIX, a tecnologia era vista como uma forma de fazer os indivíduos a trabalharem menos e usar seu tempo ocioso para o lazer e para a convivência familiar. No mundo contemporâneo, dominado por tecnologias variadas, os trabalhadores se sentem pressionados pelas máquinas e pelos instrumentos tecnológicos, obrigando-os a trabalhos intermináveis e degradantes, incrementando os medos, as ansiedades, as depressões e até os suicídios.

Perpetuando desigualdades

A sociedade brasileira vem passando por grandes desafios que estão moldando as estruturas econômicas e produtivas, com impactos sociais, políticos e culturais. Neste ambiente centrado por grande concorrência e forte incremento tecnológico, as nações prescindem de lideranças conscientes e qualificadas para superar os grandes desafios contemporâneos, sob pena de perderem o bonde da história, perpetuando desequilíbrios estruturais, aumentando as desigualdades e aprofundando os graves constrangimentos existentes na sociedade.

Dentre os grandes desafios na sociedade brasileira, gostaria de salientar dois desafios que nos parecem urgentes e prescindem de políticas públicas imediatas para reverter essa situação de caos e graves constrangimentos. Destacamos as questões climáticas, cujas alterações tendem a gerar graves desequilíbrios por todo o meio ambiente, com aumento da temperatura e seus impactos sobre toda a estrutura produtiva, com fortes modificações e preocupações que podem gerar graves prejuízos para a agricultura, fragilizando as exportações e impactando a solidez das contas externas.

Estas transformações climáticas em curso na sociedade estão deixando claro que essas mudanças tendem a gerar graves prejuízos materiais e imateriais sobre as cidades, incrementando um caos, com destruições urbanas, com o crescimento de enchentes e mortes na comunidade. Diante destas modificações climáticas, a sociedade precisa tomar a liderança para modificar esse cenário desastroso, estimulando transformações estruturais, aumentando investimentos em energias alternativas, fortalecendo a bioeconomia e consolidando a economia circular, vislumbrando uma melhora no meio ambiente e reduzindo a dependência do combustível fóssil.

Outra questão que a sociedade brasileira precisa se atentar é com relação as desigualdades da renda. Sabemos que existem variadas formas de desigualdade na sociedade, mas quando nos referimos as desigualdades sociais, entramos num ambiente muito pantanoso.

Vivemos numa sociedade em que milhões de pessoas vivem ou sobrevivem em condições sociais degradantes e num ambiente marcado por grandes paradoxos e contradições, de um lado percebemos a existência de setores altamente qualificados, dotados de grande desenvolvimento tecnológico, máquinas de primeira geração, inteligência artificial, dentre outros. Do outro lado, percebemos uma parte substancial da população nacional vivendo em condições indignas, sem educação, sem atendimento médico, sem saneamento básico, sem eletricidade, sem esgoto e grande dificuldade de sobrevivência. Esse é o retrato da sociedade brasileira, onde uma parte vive no século XXI e uma outra parte, substancial, sobrevive nos meados do século XIX.

As desigualdades crescem em todas as regiões do mundo, criando grandes conflitos, muitas guerras e violências generalizadas. Anteriormente, essas desigualdades sociais existiam em países pobres e subdesenvolvidos, gerando variadas dificuldades, pobrezas e violências crescentes. Atualmente, essas desigualdades crescem em países ricos e desenvolvidos, gerando novas formas de confrontos sociais e instabilidades políticas, ascendendo setores intolerantes, radicalismos, fascismos e violências crescentes.

O combate desses desequilíbrios que crescem na sociedade brasileira são fundamentais para melhorarmos o ambiente social, criando oportunidades para todos os grupos sociais, evitando que os radicalismos e os extremismos cresçam na sociedade que, com certeza, vai contribuir para a perpetuação das desigualdades que existem deste os primórdios da história da sociedade brasileira.

Invasão chinesa

Vivemos momentos de grandes rupturas e transformações estruturais na sociedade brasileira, os comportamentos estão em franca modificação, o mundo do trabalho está de cabeça para baixo, os relacionamentos se alteram rapidamente, as hegemonias estão em movimento, os modelos de negócios estão sendo reconfigurados e as incertezas crescem de forma acelerada, gerando preocupações, instabilidades e o incremento de novos medos.

Neste ambiente, percebemos as modificações geopolíticas e geoeconômicas na sociedade internacional, países dominantes vêm perdendo espaço e reduzindo seus poderes e outros contendores ganham espaços, surgindo novos modelos de negócios, novas estruturas culturais, novas lideranças e novos desafios surgem cotidianamente. O século XXI nos mostra a ascensão asiática, principalmente o grande crescimento da economia chinesa, com suas especificidades, novas organizações corporativas e novas formas de estruturação socioeconômica.

Nestas novas reconfigurações econômicas e produtivas, percebemos que a economia chinesa vem se transformando na indústria do mundo, com grande capacidade de produção e faturamento superior a mais de US\$ 4 trilhões, despertando ressentimentos, preocupações e o crescimento das políticas protecionistas, tudo isso, vem gerando aumento dos conflitos comerciais e confrontos financeiros, com instabilidades na economia global, gerando preocupações geopolíticas e receios de conflitos militares.

A ascensão chinesa está criando espaços de negociação na economia internacional, novas oportunidades de negócios e abrindo novas oportunidades de investimentos e, infelizmente, podem gerar novas formas de dependência financeira e tecnológica. Diante deste quadro, precisamos compreender as movimentações globais das nações, estudar estas novas configurações e criar instrumentos de atuação para evitar a eterna perpetuação de uma histórica dependência estrangeira,

inicialmente europeia, passando pela norte-americana e agora, na contemporaneidade, na dependência chinesa.

Com o crescimento das negociações internacionais, faz-se necessário compreendermos os interesses nacionais, o que queremos nos próximos anos e quais os setores que devemos alavancar na economia brasileira nos próximos anos e, a partir daí, criar instrumentos para extraímos nas conversações globais novas tecnologias que podem impulsionar o crescimento econômico e produtivo, nestas negociações precisamos exigir a transferência de tecnologia para consolidarmos os setores produtivos.

A transferência de tecnologias pode ser vista como forma de encurtarmos os caminhos do desenvolvimento econômico, mas só será exitosa se conseguirmos melhorar os indicadores educacionais, com sólidos e garantidos investimentos em pesquisa científica, somente assim compreenderemos e dominaremos essas tecnologias que crescem, se espalham e dominam a economia internacional.

A ascensão chinesa deve ser vista como uma oportunidade de crescimento dos investimentos e a geração de empregos, mas precisamos compreender que essa entrada de produtos asiáticos pode gerar graves constrangimentos para a economia nacional e fragilizar setores importantes, desta forma, precisamos utilizar o nosso grande mercado interno para angariar vantagens expressivas, ganhando escalas produtivas e garantindo condições de competir numa economia altamente integrada e interdependente. Vivemos um momento de apreensão, de oportunidades e grandes conflitos pela hegemonia mundial, as escolhas nacionais podem mostrar os caminhos que queremos trilhar no século XXI.

Crises Conectas

Vivemos numa sociedade que se transforma rapidamente. Nesta sociedade, percebemos a convivência de grandes crises e, para piorar os cenários cotidianos, todas essas crises estão acontecendo ao mesmo tempo, impulsionando as instabilidades, incrementando as incertezas e estimulando as desesperanças.

Destas crises conectas, destacamos a econômica, a demográfica, a social, a ecológica, a psíquica e a política. Todas essas estão acontecendo ao mesmo tempo, levando a sociedade a grandes encruzilhadas, decisões demoradas, levando grupos de pressão a se organizar para defender seus interesses imediatos, impedindo medidas sensatas e garantindo seus ganhos econômicos e financeiros. Neste cenário assustador que vivemos na contemporaneidade, percebemos que as discussões políticas estão sendo postergadas e a situação de urgência se tornam mais prementes.

A crise econômica recente começou no período posterior a crise imobiliária dos EUA, ocorrido em 2008, que fragilizou o pensamento liberal e impulsionou crises generalizadas na economia internacional, levando conglomerados sólidos e consistentes a perderam espaço no cenário global, levando seus governos nacionais a injetaram trilhões de dólares para evitarem a bancarrota, evitando o desemprego crescente e reduzindo os riscos econômicos e financeiros, contribuindo para que o sistema produtivo se recuperasse.

A crise ecológica está agitando a comunidade internacional, embora encontramos variados grupos negacionistas, os efeitos no meio ambiente estão cada vez mais nítidos e evidentes, impactando regiões inteiras, modificando plantios e culturas, degradando comunidades inteiras, aumentando as chuvas, devastando cidades e conglomerados urbanos, mostrando-nos que não estamos preparados para as grandes transformações climáticas em curso na sociedade.

A crise demográfica está gerando calafrios, regiões prósperas e desenvolvidas perderam populações e, desta forma, precisam

urgentemente de mão de obra para movimentar a economia e os setores produtivos, buscando indivíduos para incrementar suas atividades. Ao atrair mão de obra para garantir a pujança econômica, as nações percebem a chegada de culturas diferentes, com novos valores que podem gerar constrangimentos internos, conflitos religiosos, étnicos e violências cotidianas,

Neste ambiente de fortes instabilidades e incertezas crescentes, os seres humanos sentem na pele a degradação psíquica, a carga de trabalho excessiva, as violências cotidianas, a competição degradante e a escassez monetária que contribuem para os desequilíbrios emocionais e espirituais, tudo isso contribuem ativamente para o incremento das crises psíquicas que se espalham para a comunidade internacional, desde nações em desenvolvimento até as nações desenvolvidas.

As crises sociais crescem rapidamente, gerando constrangimentos assustadores, de um lado percebemos o crescimento da riqueza concentrada nas mãos de poucos afortunados e, ao mesmo tempo, a indignidade se espalha para a sociedade internacional, exigindo atuações da sociedade para reverter este quadro desastroso. A política, tão degradada na contemporaneidade, é a única forma de revertermos este quadro.

Na crise política, percebemos uma fragilização da democracia, que perdem espaço para movimentos autoritários e reacionários. Os canais de discussão política perdem espaço, a governança global se reduz em decorrência de pressões de grupos abastados e detentores dos recursos monetários e financeiros, desta forma, percebemos uma limitação da política de espaço democrático para a organização da comunidade.

Neste momento de crises conectas, precisamos construir maturidade para encontrarmos caminhos para sair deste caos generalizado... afinal o fim pode estar próximo.

Protecionismo

Nos últimos anos, principalmente depois da crise financeira de 2008, a economia internacional vem percebendo o incremento do protecionismo, as nações estão aumentando as medidas protecionistas como forma de fortalecer suas estruturas econômicas e produtivas internas, reduzindo a entrada de produtos produzidos em concorrentes diretos para fortalecer suas empresas nacionais, impedindo que empresas internacionais gerem constrangimentos para suas organizações internas.

Neste ambiente, percebemos uma alteração nítida e evidente do discurso econômico de muitas nações desenvolvidas. Anteriormente, essas nações defendiam fortemente a abertura econômica, a privatização generalizada de empresas estatais e o incremento da competição como forma de alavancar seus setores produtivos, rechaçando toda e qualquer intervenção dos governos nacionais, vistos como negativos, perdulários e geradores de privilégios elevados.

Atualmente, os discursos estão sendo alterados, nações desenvolvidas vêm perdendo espaço no comércio internacional, empresas altamente qualificadas e geradoras de grandes ganhos financeiros e dotados de alto valor de mercado, estão perdendo espaço para organizações mais eficientes, ágeis e flexíveis, com novos modelos de negócios, ganhando valores no mercado global e gerando graves perdas econômicas para organizações tradicionais, levando muitas nações a adotarem medidas de salvaguarda para impedir que essas organizações nacionais sejam engolidas por concorrentes internacionais e gerando graves constrangimentos internos.

O protecionismo sempre existiu na economia mundial, as nações que conseguiram alçar seu desenvolvimento industrial e produtivo só conseguiram se desenvolver através de medidas de proteção, de políticas industriais ativas, de compras governamentais e de subsídios generalizados de seus governos nacionais. Embora saibamos que essa fórmula, que foi fortemente adotada por todas as nações que

conseguiram se desenvolver, todos os países que tentaram adotar essas mesmas medidas foram fortemente criticados, pressionados e fragilizados financeiramente como forma de inviabilizar seu crescimento industrial, garantindo a perpetuação da dependência externa.

Na contemporaneidade, percebemos a ascensão asiática, principalmente o crescimento da China, do Japão, da Índia e da Coréia do Sul, angariando grande crescimento econômico, produtivo e tecnológico, ameaçando posições ocidentais conseguidas ao longo de todo o século anterior e gerando constrangimentos internos na Europa e nos Estados Unidos, obrigando seus governos a adotarem políticas fortemente protecionistas, rasgando seus manuais de economia política como forma de sobrevivência, num mundo marcado pela forte competição externa, pelo surgimento de novos espaços tecnológicos e novos modelos de negócios.

Neste momento, os governos ocidentais de países desenvolvidos estão injetando trilhões de dólares em seus setores produtivos, impedindo a entrada de novos competidores e criando formas de atração de empresas internacionais, organizações dotadas de grande complexidade econômica e auxiliando na redução dos hiatos produtivos de concorrentes externos.

Vivemos momentos de grandes instabilidades e incertezas em todas as regiões do mundo, os discursos dos defensores da abertura econômica perderam espaço, antes de estimularmos a concorrência generalizada, precisamos repensar as teorias que dominaram a economia internacional e contribuíram ativamente para o incremento das riquezas na comunidade global, mas infelizmente, aumentaram o fosso entre os grupos sociais, aumentando as desigualdades, incrementando a exclusão e a indignidade. Neste cenário, para piorar, estamos cada vez mais envoltos numa guerra de grandes proporções que podem culminar numa destruição nuclear.

Potência chinesa

Nas transformações constantes em curso na sociedade internacional, destacamos a ascensão chinesa como exemplo de grandes modificações estruturais num período curto, com grandes impactos e repercussões na sociedade internacional, gerando novos horizontes, novos desafios e novas oportunidades.

De uma sociedade fortemente empobrecida em grande parte do século XX, com uma população gigantesca e vivendo no meio rural, onde encontrávamos muitos indivíduos sobrevivendo do extrativismo, da pesca e da produção de produtos primários de baixo valor agregado, a sociedade chinesa passou por grandes transformações em poucas décadas, investindo em capital humano, consolidando o poder do governo nacional e estimulando uma consolidação do setor industrial.

Atualmente, a China se transformou numa potência industrial, responsável por grande parte das produções industriais do mundo, produzindo produtos de alta complexidade e participando ativamente das maiores cadeias globais de produção da economia mundial, gerando calafrios nas economias desenvolvidas, retomando discursos protecionistas esquecidos e trazendo novos horizontes para nações em desenvolvimento.

A ascensão chinesa está gerando fortes constrangimentos nas economias ocidentais, levando seus governos a adotarem medidas protecionistas, levando seus Estados nacionais a aumentarem os subsídios a empresas nacionais, despejando trilhões de dólares em subsídios diretos e indiretos, para evitar que seus setores econômicos e produtivos percam espaço nos círculos internacionais, perdendo espaço e fragilizando suas influências globais.

O modelo econômico chinês foi construído no final dos anos 1970, contrariando os modelos liberais defendidos pelas economias ocidentais, este modelo se caracteriza por fortes intervenções do Estado Nacional, elevados subsídios econômicos e financeiros, compras governamentais para fortalecer os grupos nacionais, forçando empresas estrangeiras

interessadas a atuarem no mercado chinês e a transferência de tecnologias para grupos nacionais como forma de atuação no mercado interno, além disso, destacamos ainda, uma política sólida e consistente para estimular as exportações, com políticas de comércio internacional ousada e pragmática, fomentando a competição com atores internacionais, trazendo ganhos monetários, melhorando sua produtividade interna, aumentando a atração de recursos monetários e angariando novos mercados mundiais.

O crescimento da China reconfigurou a geopolítica internacional, fortalecendo nações asiáticas e fortalecendo seus modelos econômicos, estimulando seus investimentos em educação, fortalecendo canais de pesquisas científicas, culminando em um forte desenvolvimento tecnológico, aumentando a complexidade econômica e produtiva, ameaçando as nações ocidentais desenvolvidas e levando estes países a rasgarem os modelos econométricos defendidos pelos teóricos liberais, que rechaçavam o intervencionismo estatal e estimulavam os processos de privatizações e a diminuição do Estado como agente indutor do crescimento econômico.

Neste novo momento da sociedade mundial, marcado por grandes desafios e oportunidades no capitalismo contemporâneo, a ascensão asiática, liderada pela China, pode abrir novas oportunidades de negociação comercial e produtiva, exigindo das nações uma visão mais sistêmica e estruturada, abandonando uma visão até então dominante centrada no individualismo, no imediatismo e priorizando o curto prazo, responsável por grandes desajustes econômicos, degradação do meio ambiente, incremento da desigualdade social e um processo constante de desumanização da sociedade internacional, centrada em valores monetários e financeiros em detrimento de valores morais mais sólidos e sofisticados.

Heranças Acumuladas

Numa sociedade que passa por grandes transformações cotidianas, marcadas pelo desenvolvimento da tecnologia, do aumento da concorrência e de movimentações estruturais no mundo do trabalho, as nações precisam refletir sobre todos os desafios que limitam seu desenvolvimento, analisando as heranças acumuladas, as desigualdades crescentes para superarmos esta condição de subdesenvolvimento, sem essa superação as nações nunca conseguirão alcançar o sonhado desenvolvimento econômico e a melhora do bem estar social da comunidade.

Ao analisarmos o caso brasileiro, percebemos que estamos acumulando problemas estruturais que se perpetuam à séculos sem perspectivas de melhorias palpáveis, cultivando subdesenvolvimentos, incrementando pobrezas e indignidades, alimentando espaços de corrupção, fortalecendo corporativismos degradantes, precarizando trabalho e educação, negligenciando a ciência, cultivando negacionismos, fazendo subinvestimentos em capital humano, pagando juros elevados que degradam as contas públicas, preservando privilégios escorchantes para poucos e, diante disso, estamos perpetuando em escalas crescentes de degradação, garantindo condições dignas para uma parte da população em detrimento de uma grande massa de excluídos e degradados.

Aquela nação vista como o país do futuro vem perdendo espaço na economia internacional, somos um grande produtor de produtos de baixo valor agregado, estimulamos uma desindustrialização crescente, estamos nos entregando para uma especulação financeira, degradando as condições de vida dos trabalhadores como forma de aumentar as condições de competição internacional, fragilizando os sindicatos para garantir uma ilusória concorrência mundial mas, o que estamos vendo é o contrário, uma degradação das condições de vida dos trabalhadores, famílias dilaceradas, salários arrochados e grandes conglomerados enriquecidos, investindo seus recursos em Bolsas internacionais ou em paraísos fiscais e se alegrando com as isenções tributárias que garantem ganhos pomposos em detrimento de uma classe média degradada, mal

remunerada, dando vazão a visões de vida reacionária e fascista, um verdadeiro caos.

Numa sociedade internacional marcada pelo desenvolvimento tecnológico e pela forte competição econômica, as nações devem encarar de frente suas fragilidades. O Brasil precisa rever suas estruturas políticas e econômicas ultrapassadas e excludentes, para evitar uma perpetuação das desigualdades que crescem rapidamente, lembremos que, desde os anos 1980, nossa economia estagnou, nossas condições sociais se precarizaram, no campo político estamos cultivando uma polarização degradante e as perspectivas de uma economia global fortemente dominada pela tecnologia e pela competição econômica, diminuindo os horizontes nacionais, ficando cada vez mais empobrecidos e relegados ao esquecimento da comunidade internacional.

Dentre os grandes teóricos da realidade brasileira, destacamos o economista Celso Furtado, responsável por escritos fundamentais para a compreensão dos desafios da sociedade brasileira, que ao analisar os horizontes nacionais destacou os grandes problemas do Brasil, destacando que estes não estavam no campo da economia, os verdadeiros problemas nacionais estão ligados ao campo político, uma elite imediatista e altamente dependente dos favores dos governos nacionais, que falam do empreendedorismo e da inovação como forma de superar nosso subdesenvolvimento mas, na realidade, encontramos vários grupos de parasitas que crescem e enriquecem degradando a nação e se alegrando com degradações e indignidades.

Macroeconomia da Estagnação

Depois de um forte crescimento econômico nas décadas posteriores a segunda guerra mundial até os anos 1980, com rápido crescimento econômico, com incremento da urbanização, industrialização e melhora nos termos de troca, a partir dos anos 1990, a economia brasileira perdeu seu dinamismo econômico, convivendo com estagnação produtiva, com forte desindustrialização, com precarização do trabalho, com achatamento salarial, com aumento substancial da violência urbana e incremento da desigualdade social, culminando em uma sociedade paradoxal e fortemente polarizada, de um lado somos um dos maiores produtores agrícolas, vegetação diversificada, solo fértil, climas propício e agradável, convivendo, lado a lado, com grandes contingentes de indivíduos empobrecidos, esfomeados, sem perspectivas e sem dignidade.

Desde os anos 1990, percebemos uma estagnação econômica e produtiva, taxas de juros escorchantes, câmbio valorizado, inflação em ascensão, diminuição dos investimentos produtivos, abertura econômica atabalhoadas, privatização sem planejamento e marcado por crescimento da corrupção, fragilização dos órgãos de controles institucionais, culminando num processo amplo de desindustrialização e empobrecimento nacional, marcados por uma macroeconomia da estagnação. Qual nação conseguiu se desenvolver num cenário como este?

Depois de décadas de crescimento econômico e produtivo vigorosos, a sociedade brasileira caiu no canto da sereia, aceitando uma agenda vinda de fora, se rendendo aos interesses do grande capital financeiro internacional, abraçando o Consenso de Washington, abrindo mão da soberania nacional em prol de grandes grupos econômicos internacionais, desta forma, perdemos autonomia política e aumentamos a dependência da economia mundial, somos atualmente exportadores de produtos primários de baixo valor agregado e somos importadores de produtos industrializados, dependentes de tecnologias

externas e abdicamos da construção da tecnologia nacional, exportamos cérebros e importamos todos os tipos de produtos industrializados.

Se construímos empresas de telecomunicação precisamos vender esse ativo para conglomerados internacionais e desta forma, passamos a absorver tecnologias de grandes grupos internacionais, aumentando a dependência externa. Se construímos aviões comerciais com grande complexidade e eficiência, somos obrigados a vender esse ativo estratégico para grupos globais maiores para aliviar os rombos fiscais e monetários. Se construímos chips e tecnologias complexas, setor responsável por grandes conflitos comerciais entre as nações internacionais, somos tentados a vender ou a fechar este ativo estratégico e nos tornando importadores dos grandes atores da tecnologia global, aumentando nossa dependência externa.

Embora as nações desenvolvidas estejam reconstruindo os consensos econômicos, relendo os manuais de teoria econômica, retomando privatizações equivocadas, aumentando a intervenção do Estado na economia e reconstruindo subsídios para fortalecer empresas nacionais, além de defender os produtores locais, com pomposas isenções fiscais e financeiras, países como o Brasil, insistem na macroeconomia da estagnação, limitando o potencial da sociedade, aumentando a dependência externa, como vimos no período da pandemia com a criação de um rastro de destruição e desagregação social.

Numa sociedade marcada pelo desenvolvimento tecnológico, pelo aumento da concorrência e pela instabilidade crescente, as nações que se sobressaem no cenário internacional são aquelas que investem fortemente em capital humano, com recursos garantidos em pesquisa científica, preservando sua autonomia econômica e sua soberania política, além de fortalecer seu projeto de nação e, principalmente, se afastando do complexo de vira lata, tão bem retratado por Nelson Rodrigues para analisar a elite nacional.

Dependência eterna

Vivemos numa sociedade altamente integrada e interdependente, caracterizada pelo processo de globalização construído pelo incremento do capital financeiro, onde as nações comercializam produtos, bens e mercadorias em todas as regiões, as distâncias vêm se reduzindo de forma acelerada, as culturas se transformam com uma rapidez pouco vista na história da comunidade internacional e as noções de tempo estão em constante movimento.

Com o crescimento da concorrência internacional, a abertura econômica e o incremento da tecnologia estão moldando a sociedade global gerando verdadeiras revoluções na estrutura econômica e produtiva, fortalecendo grupos transnacionais e multinacionais que passam a dominar setores estratégicos da economia mundial, criando formas de dependência externa, reduzindo a soberania das nações e fragilizando os Estados Nacionais.

As novas tecnologias estão arregimentando modelos de negócios revolucionários, empresas vistas como gigantes e consolidadas em determinados setores, dotadas de grande conhecimento e vistas como detentores de alta experiência, estão sendo superadas por novos grupos econômicos, com novas formas de organização, estruturas mais enxutas, comportamentos flexíveis, ágeis e eficientes, além de grande flexibilidade e dotadas de grande desenvolvimento tecnológico, impactando o mercado de trabalho, exigindo mão de obra altamente complexo e atualização constante.

Nesta nova sociedade internacional, os Estados Nacionais estão se utilizando de instrumentos geopolíticos, protecionismos e grandes recursos financeiros e monetários como forma de defender suas estruturas produtivas, como forma de estimular investimentos internos, fortalecendo a transferência de tecnologias externas, garantindo a geração de empregos e o fortalecimento de seus parques produtivos, desta forma, conseguem manter e aumentar seus poderes políticos e seu espaço numa sociedade globalizada e fortemente interdependente.

Anteriormente, as nações subdesenvolvidas eram os exportadores de produtos primários de baixo valor agregado, vendiam no mercado internacional produtos agrícolas e minérios, angariando recursos conversíveis na economia global para comprar produtos industrializados como forma de sobrevivência. Os preços eram definidos pelas nações desenvolvidas, estes países eram os grandes ganhadores do comércio internacional, acumulavam recursos, melhoravam as condições de vida de sua população e se destacavam como detentores de tecnologias inovadoras.

Os investimentos em capital humano, a construção de um projeto nacional, além de fortes investimentos em ciência, pesquisa e tecnologia eram fundamentais para o desenvolvimento industrial e o desenvolvimento da nação, além de políticas industriais efetivas e uma atuação ousada dos governos nacionais, subsidiando projetos, protegendo setores estratégicos, cobrando eficiência, definindo metas e angariando mercados internacionais.

Na nova economia internacional, marcada pelo desenvolvimento da tecnologia e a interdependência produtiva, as nações precisam construir novos instrumentos de inserção no cenário mundial, reduzindo a dependência da exportação de produtos primários de baixo valor agregado.

A estrutura da economia internacional está fortemente concentrada no conhecimento científico, nos ativos intangíveis e as nações que negligenciarem os investimentos em capital humano e que postergarem recursos em pesquisa científica tendem a perder espaço na economia internacional, consolidando uma dependência externa e eterna, perpetuando desigualdades sociais, incrementando exclusões e violências crescentes

Ambiente conturbado

Conflitos militares, agressões verbais, confrontos políticos, ofensas crescentes, informações equivocadas, invasões de embaixadas, guerras entre Estados, degradação do ambiente, fraudes financeiras, corrupção descontrolada, incremento das desigualdades, matanças generalizadas, confrontos religiosos, violências urbanas, crescimento da fome e da exclusão social, são características evidentes do caos que impera na sociedade contemporânea, gerando incertezas, instabilidades emocionais e desequilíbrios cotidianos.

Neste cenário, percebemos que a economia internacional vem sentindo cotidianamente pressões constantes, com o aumento dos desajustes produtivos, variações nos preços de produtos fundamentais para a sobrevivência dos seres humanos, levando à medidas macroeconômicas agressivas como forma de conter os desequilíbrios que se espalham para a comunidade mundial.

Percebemos, cotidianamente, os impactos dos desequilíbrios externos da economia global que estão forçando a novos ajustes internos, aumentando o desemprego e forçando os governos nacionais ao incremento das taxas de juros, como forma de reduzir os desequilíbrios internos e impedir que a economia nacional perda dinamismo e mergulhe numa espiral recessiva, gerando aumento do desemprego e instabilidades políticas internas. Vivemos numa economia fortemente integrada, marcada por forte interdependência, centrada no crescimento tecnológico, fortemente individualista e pela busca frenética pelos ganhos monetários e financeiros.

Nesta sociedade globalizada, marcada por grande desenvolvimento tecnológico, as nações precisam construir novas formas de inserção na economia internacional, fortalecendo sua autonomia política, investindo fortemente em pesquisa científica e angariar os conhecimentos necessários para desenvolver uma complexidade econômica e produtiva, única forma de fortalecer suas estruturas nacionais, defendendo interesses nacionais e consolidar nossa autonomia.

Numa economia internacional centrada nas incertezas e nas instabilidades, estamos sujeitos a movimentos cambiais que desequilibram nossa estrutura econômica, fragilizando os setores produtivos, degradando a renda interna, exigindo taxas de juros maiores como forma de combater a inflação, desta forma, nosso comportamento econômico medíocre se torna mais caótico, postergando a recuperação econômica e incrementando uma maior insatisfação popular e de ressentimentos políticos.

Vivemos numa sociedade altamente instável, com incertezas econômicas, inseguranças crescentes, violências urbanas e polarizações políticas, neste cenário, precisamos reconstruir nossos pactos sociais e políticos, como forma de se defender deste ambiente de medos, ressentimentos e caos generalizados.

Neste momento, precisamos evitar que os conflitos externos não se espalhem internamente, para isso é imprescindível reconstruir as instituições, garantindo passos seguros para fortalecer nossa democracia, consolidando-a e garantindo para todos os cidadãos oportunidades de ascensão social, dignidade e autonomia econômica, além de efetivarmos a tão chamada meritocracia. Numa sociedade mundial conflagrada por degradações constantes, marcada por grandes transformações tecnológicas, com imensas alterações no mundo do trabalho, incremento de grandes conflitos militares, precisamos rechaçar as brigas cotidianas que crescem e se avolumam entre os poderes institucionais.

Precisamos construir maturidade para que a sociedade compreenda, que os desafios em curso na sociedade mundial devem ser vistos como um divisor de águas entre a civilização e a barbárie, esta última que, cotidianamente está visitando a sociedade brasileira e vislumbrando atrasos, violências e degradações.

Limitando o crescimento econômico

Vivemos momentos interessantes, acumulamos desigualdades históricas, nos acostumamos com uma degradação social que qualquer sociedade normal sentiria vergonha e ojeriza, destacamos as variadas riquezas nacionais, exaltamos o homem cordial que nunca existiu na sociedade brasileira, destacamos a fragilização da educação nacional e, ao mesmo tempo, degradamos a figura do professor, piorando as condições de trabalho e arrochando seu salário, reduzindo investimentos em capital humano e continuamos rezando pela cartilha da ortodoxia, ideias rechaçadas pelos seus criadores e, mais uma vez, ainda continua sendo um mantra dos donos do poder nacional.

No começo dos anos 1990, a economia brasileira apresentava uma inflação galopante, seus níveis degradantes levaram o governo a criar um instrumento engenhoso para controlar os preços relativos e estabilizar a moeda. Nascia o Plano Real, que trouxe benefícios palpáveis para a sociedade brasileira, melhorando a renda agregada, facilitando a chegada de investimentos externos, aumentando a competição e melhorando o ambiente econômico. É importante destacar ainda, que para estabilizar a economia o governo abusou da política cambial, valorizando-a em excesso, aumentando sensivelmente as taxas de juros, aumentando as importações e contribuindo para fragilizar os setores exportadores e criando, infelizmente, uma elite financeira viciada em juros altos.

Com esse choque dos juros elevados, criamos uma nova capacidade de analistas econômicos, os financistas ou rentistas, especialistas nos movimentos das bolsas de valores e que pouco sabem sobre a economia real, se especializando em defender os interesses dos donos do poder econômico, grupos dotados de grande recurso monetário e forte poder político, defensores contumazes desta política de juros estratosféricos que perduram desde então, criando uma sociedade mais desigual e empobrecida, sem perspectivas, sem esperanças e sem dignidade, acreditando que o problema está sempre nos outros, defendendo interesses imediatistas, fortalecendo uma visão de mundo centrada no

individualismo e dos ganhos imediatos, estimulando a polarização política, fomentando conflito entre poderes, fortalecendo demandas ultrapassadas e desnecessárias, fugindo sorrateiramente das discussões de fundo que contribuem para sermos uma sociedade mais desigual, mais violenta e marcada pela exclusão social.

A sociedade brasileira se acostumou com taxas de juros elevadas, desta forma, os investimentos foram reduzidos, o desemprego aumentou, o trabalho se precarizou e, ao mesmo tempo, elevou substancialmente a quantidade de milionários e bilionários, como atesta as publicações especializadas, pessoas que pouco produzem e sobrevivem da renda, os chamados rentistas ou financistas, que engordam rapidamente em detrimento da espoliação da sociedade nacional.

Precisamos rever os nossos conceitos quanto nação, analisarmos nossas trajetórias históricas, repensar nosso futuro, planejar nosso presente, garantindo recursos monetários e financeiros para investimentos produtivos, juros decentes, aumentando a geração de renda agregada, tributando todos os donos do poder econômico, reduzindo subsídios que degradam as contas públicos e pouco trazem para a comunidade, reduzindo os privilégios para todos os grupos público e privado que se escondem numa sociedade em franca degradação social, política e moral para manter seus ganhos imediatos e clamar por uma suposta meritocracia que não existe em uma sociedade tão marcada pela desigualdade e pela exclusão.

Classe média em crise

Vivemos numa sociedade marcada por grandes incertezas e instabilidades, onde os grupos sociais passam por grandes movimentações estruturais, os grupos dominantes, que controlam os setores econômicos mais pujantes, ganham força e dominam as bases da sociedade, controlam a classe política, ditam as regras e controlam as agendas dos parlamentos e garantem grandes retornos financeiros. Os grupos mais fragilizados financeiramente percebem que as transformações em curso na sociedade contemporânea estão gerando empregos precarizados, com parcisos ganhos monetários e financeiros, além de serviços públicos cada vez mais escassos e degradados, levando os indivíduos a condições de sobrevivência marcadas pela exclusão e pela indignidade.

No meio destes grupos sociais encontramos uma classe média cada vez mais atordoada, degradada e precarizada financeiramente, assustada com as movimentações políticas e culturais, pendurada nas dívidas bancárias e impostos escorchantes, sem perspectivas profissionais e marcadas pelos medos e pelas ansiedades crescentes. Neste cenário, essa classe que sempre se destacou pela capacidade intelectual e pela bagagem cultural, exemplo de ascensão social, se entregou para os ganhos imediatos, acolheu o fanatismo das discussões políticas, abraçou o individualismo e a meritocracia, flertou com pensamentos antidemocráticos e perdeu a essência fundamental para a construção de um futuro mais consistente para a sociedade brasileira.

Com a mercantilização da sociedade contemporânea, tudo se transformou e passou a ser visto como uma verdadeira mercadoria, produtos comercializados em todos os mercados, desde que, os indivíduos possam arcar com os custos monetários e financeiros, desta forma, percebemos que os ganhos da classe média vem perdendo rendimentos, levando-a para uma condição secundária e de indignidade, seus proveitos foram degradados, seus salários vem perdendo espaço para a inflação e seu status social, anteriormente sempre positivo, perdeu relevância.

Os gastos crescentes da classe média vêm degradando suas condições financeiros e monetárias, o aumento dos gastos educacionais pesam fortemente sobre seu orçamento, os valores dispendidos para manter a saúde crescem muito mais que seus recursos cotidianos, gerando crises constantes, pressões diárias e incertezas. Além disso, os recursos destinados para manter o pagamento dos tributos degradam sua renda mensal, desequilibrando seus fluxos financeiros, levando esse grupo social a se endividarem com bancos e instituições financeiras, entrando numa espiral de juros crescentes, endividamentos contínuos e desequilíbrios emocionais, com impactos generalizados sobre a saúde, o trabalho e o ambiente familiar.

As mudanças no mundo do trabalho estão impactando sobre a classe média, a tecnologia vem reduzindo a mão de obra e exigindo maior qualificação dos trabalhadores, as políticas de austeridades adotadas pelos governos nacionais limitam os recursos públicos, reduzindo os dispêndios das políticas públicas, diminuindo a contratação de trabalhadores, exigindo novas habilidades e gerando novas formas de contratação, mais degradadas e com salários mais achatados e precarizados, desta forma, os sonhos de salários maiores vem se perdendo numa sociedade degradada e imediatista.

O sonho da ascensão social vem se perdendo nas lutas cotidianas, vivemos numa guerra constante e duradoura, as pressões sociais, emocionais e profissionais são violentas e agressivas, as ansiedades crescem de forma acelerada e o sonho de um futuro melhor se esgota todos os dias ao testemunharmos os conflitos e os desequilíbrios do mundo contemporâneo.

Devastação Climática

As mudanças em curso na sociedade internacional impactam sobre todos os indivíduos e comunidades, as transformações econômicas e produtivas estão gerando novas oportunidades e grandes desafios, as mudanças de comportamento estão agitando os mercados de consumo e os gestores de marketing vem queimando a cabeça para compreender as revoluções em curso nos hábitos e nos costumes dos consumidores, com alterações nas formas de pagamentos que estão agitando o mercado financeiro, com o surgimento de moedas digitais, novos meios de pagamentos, novas estruturas bancárias, fintechs, startups e novas formas de investimentos, gerando uma verdadeira revolução nos valores, novos produtos e novas perspectivas.

Neste cenário de constantes transformações, percebemos que mudanças crescentes no Meio Ambiente estão em curso na sociedade internacional, modificando regiões, alterando a vegetação, transformando as formas de sobrevivência, novos produtos e novas formas de cultivo, alterando tradições seculares e exigindo uma revolução para adaptar suas plantações, suas famílias e suas comunidades como forma de sobreviver em decorrência das agitações climáticas.

Especialistas renomados nas mais variadas regiões do mundo destacam que desde a Revolução Industrial o clima vem passando por grandes transformações, a adoção de combustíveis fósseis como o principal motor da economia internacional vem gerando um rastro de desequilíbrios e devastações, elevando a temperatura global, alterando a consistência do solo, exigindo novos investimentos para adaptar as plantações e dispêndios crescentes, muitas vezes inviabilizando seus investimentos e gerando uma verdadeira devastação econômica.

Ao mesmo tempo, percebemos o crescimento do negacionismo em todas as regiões do mundo, grupos políticos e setores econômicos reacionários se utilizam da disseminação de mentiras e inverdades como forma de defender os interesses de setores econômicos que degradam o

meio ambiente, criando leis para fragilizar a regulamentação institucional e afrouxando a fiscalização, além de precarizar as estruturas de Estado.

Estamos observando as grandes catástrofes do meio ambiente em todas as regiões do globo, com devastações crescentes, aumento assustador das chuvas, destruição de infraestrutura, queda de pontes e desalojando comunidades inteiras, aumentando a degradação da infraestrutura, como aconteceu com muitas regiões do mundo e, neste momento, estamos vivenciando uma das maiores tragédias ambientais no nosso país, com fortes destruições da infraestrutura e rastros de devastações variadas, gerando comoção na comunidade nacional e internacional, aumentando a solidariedade entre os povos e uma busca frenética para salvar regiões inteiras e recuperando comunidades.

As destruições ambientais devem ser vistas como um dos maiores desafios para a comunidade internacional no século XXI. O respeito e a preservação do meio ambiente deveria ser uma bandeira de todas as nações, evitando agendas que degradam o ambiente e estimulam a mineração ilegal, cujos impactos sobre a sociedade são cada vez mais nítidas e evidentes, gerando desequilíbrios que podem inviabilizar a vida no Planeta Terra num futuro próximo.

Numa sociedade que cultua o individualismo, o narcisismo, o imediatismo e a busca frenética pelo lucro financeiro, uma comunidade que estimula a devastação ambiental e preconiza o “passar a boiada” estamos caminhando a passos largos para a uma devastação generalizada, uma morte anunciada e um namoro crescente da destruição civilizacional.

China: desafios e oportunidades

Nas últimas décadas a economia internacional vem passando por grandes transformações, com a ascensão de novos atores produtivos, novas organizações, novos modelos de negócios, novas culturas e novos personagens políticos, além do crescimento da concorrência global, novas hegemonias estratégicas, novas configurações no mundo do trabalho e o fortalecimento das nações asiáticas, gerando calafrios, ameaças e oportunidades, consolidando um mundo cada vez mais multipolar.

Nesta nova configuração da sociedade internacional percebemos o crescimento e o fortalecimento da economia chinesa, uma nação pobre e miserável nos anos 1980 e, atualmente a segunda maior economia mundial, responsável pela maior estrutura exportadora, dotada de grande tecnologia, responsável por inúmeras inovações que estão impulsionando a sociedade, impactando positivamente sua população, aumentando as possibilidades de melhorias sociais e reduzindo assustadoramente a pobreza e a indigência, retirando milhões de pessoas da indignidade e garantindo novas oportunidades de ascensão social.

A China construiu uma estrutura industrial invejável, suas fábricas produzem mais de US\$ 4 trilhões em produtos e mercadorias, exportando para todos os continentes, atuando nas mais variadas áreas e setores produtivos, dominando a produção de televisões, aparelhos celulares, automóveis, eletro eletrônicos, dentre outros, gerando grandes desafios para as nações, pois absorvem produtos chineses a preços módicos, contribuindo ativamente para o aumento do salário da população e um aumento sistemático da renda, mas estes produtos vendidos a preços baixos internamente podem destruir sua estrutura industrial, estimulando a desindustrialização, aumentando o desemprego interno, além de graves constrangimentos econômicos, polarizações políticas e agitações sociais.

Nas últimas décadas, o governo chinês vem buscando novos espaços de investimentos externos para desovar as altas reservas internacionais acumuladas nos anos anteriores, para isso, a China criou a Rota da Seda, uma política global para estimular os investimentos externos nas mais variadas áreas e regiões da economia internacional, crescendo sua participação nos acordos comerciais com a Ásia, a Europa e a África, além dos esforços para incrementar essa política na América Latina, gerando graves constrangimentos com os Estados Unidos, que claramente vem perdendo espaço na economia mundial, levando-o a impulsionar novos conflitos militares, novas formas de intervencionismo, novas formas de protecionismos e medidas mais agressivas para salvaguardar seus interesses nacionais, num momento de instabilidades, incertezas e novos desafios e novas oportunidades.

Neste cenário, as nações buscam defender seus interesses nacionais, alguns se aliam ao gigante asiático para se defender dos desafios contemporâneos, enquanto outros governos preferem fortalecer laços anteriores com a sociedade estadunidense, uma decisão estratégica para todas as nações, escolher caminhos e fazer escolhas podem trazer ganhos diretos ou indiretos, mas podem trazer grandes constrangimentos.

Numa sociedade como a brasileira, dotada de grande potencial nas mais variadas áreas e setores, faz-se necessário construir novos caminhos e novos horizontes para os desafios futuros e as escolhas contemporâneas, arregimentando apoio político interno, consolidando um projeto nacional de país, deixando de lado os conflitos, as brigas e as imaturidades políticas que perpetuam e solidificam nosso subdesenvolvimento e nossa pobreza, quem sabe, depois deste desastre climático em curso no Rio Grande do Sul, a nação acorde efetivamente deste sono letárgico e degradante que vivemos continuadamente desde nossa constituição enquanto nação “independente”.

Década perdida

Vivemos momentos de grande apreensão na sociedade internacional. Nesse cenário, as estruturas econômicas, sociais, culturais e políticas estão passando por grandes inquietações, modelos novos e consistentes estão sendo degradados, empresas anteriormente consolidadas estão perdendo espaço no mercado, as transformações no mundo do trabalho estão reconfigurando as atividades profissionais, exigindo novas qualificações e variadas capacitações, exigindo esforços intelectuais elevados e dispêndios de recursos monetários, gerando uma nova sociedade, mais integrada, mais competitiva, mais individualista, mais imediatista e mais, cada vez mais, centrada na instabilidade, na insegurança e na financeirização das atividades cotidianas.

Nesta nova sociedade, percebemos que estamos caminhando a passos largos para mais uma década perdida, cujo crescimento produtivo é insuficiente e limitado para vislumbrarmos o tão sonhado desenvolvimento econômico. Percebemos ainda, que esse baixo crescimento da economia e somado a altas taxas de juros contribuem fortemente para engordar a renda e o poder político dos rentistas, dos financistas e donos do capital, além de degradar a renda dos trabalhadores e atuando ativamente para incrementar as desigualdades sociais que perpetuam nosso atraso institucional.

A década perdida dos anos 80 do século passado ficou conhecida como um momento marcado por baixo crescimento econômico, taxa de inflação elevada, desindustrialização da economia, crescimento do endividamento externo, incremento da concentração de renda e perspectivas sombrias para a estrutura econômica e produtiva. Neste período, definido como a década perdida, o Brasil perdeu espaço na economia internacional, perdendo mercados preciosos no comércio global, reduzindo seu dinamismo industrial e, diante disso, percebeu-se o crescimento e a consolidação de concorrentes diretos, principalmente nações asiáticas, que se projetaram no comércio mundial, adotando políticas industriais exitosas, desbancando atores importantes no

cenário global e passaram a ganhar espaço nos grandes fóruns internacionais.

Nos anos 1980, a economia internacional passava por grandes transformações no modelo produtivo, a sociedade global vislumbrava uma nova revolução industrial, com o crescimento da informática e das telecomunicações, marcadas por novas tecnologias e exigindo das nações mais investimentos em capital humano, melhorias significativas na educação, além de pesquisas científicas e no fomento tecnológico. Neste momento, perdemos essa proeminência acumulada em décadas anteriores, perdemos ainda o dinamismo produtivo, perdemos cérebros imprescindíveis para alavancar o crescimento econômico e passamos a amargar um crescimento econômico medíocre, que nesse ritmo levaríamos muitos séculos para melhorarmos os nossos indicadores sociais.

Com o incremento da concorrência internacional, onde a tecnologia passou a ser o agente fundamental para o crescimento econômico, faz-se necessário que as nações em desenvolvimento cresçam de forma mais consistente, melhorando sua estrutura produtiva, investindo em capital humano, consolidando políticas públicas para melhorar os indicadores sociais, reduzindo as desigualdades das nações. Neste cenário, percebemos que o Brasil vem caminhando muito lentamente, seu crescimento econômico nos últimos quarenta anos foi muito limitado, taxas de juros elevadas, venda de patrimônios públicos entregues a preços irrisórios e um sucateamento educacional, desta forma não estamos conseguindo enfrentar frontalmente os grandes desafios da sociedade contemporânea, mesmo alterando os governantes a situação pouco avança, deixando a impressão de que estamos nos afastando dos países desenvolvidos. Será que estamos nos acostumando com as décadas perdidas? Cabe uma reflexão imediata.

Momento econômico

Depois de grandes transformações na economia internacional no século XXI, geradas pela crise financeira dos anos 2007/2008, a ascensão da economia chinesa e a pandemia, responsável por mais de seis milhões de mortes no globo, percebemos que o pensamento neoliberal vem perdendo espaço na sociedade mundial, neste cenário percebemos o crescimento do intervencionismo, a retomada das políticas industriais, o incremento do protecionismo, o aumento dos subsídios governamentais e o retorno do Estado como agente planejador da economia, uma verdadeira transformação em curso na sociedade.

O pensamento neoliberal, que ganhou relevância nos anos 1970 em decorrência do enfraquecimento do pensamento desenvolvimentista, com o fortalecimento dos mercados como agente de desenvolvimento, propagandeando a redução do papel do Estado na economia, o crescimento da privatização e da desestatização, além do incremento da abertura econômica, aumento da concorrência, diminuição dos subsídios dos setores produtivos e a redução das políticas protecionistas, vistas como instrumentos de fortalecimento da economia nacional, melhorando a produtividade dos setores produtivos e o enriquecimento das nações. Como balanço destas propostas encontramos um crescimento da desindustrialização, desnacionalização, dependência externa e perpetuação do modelo primário exportador.

A economia brasileira vem passando por essas transformações estruturais, alternando modelos caracterizados por mais Estado e modelos que rechaçam as intervenções estatais, gerando momentos de instabilidades e incertezas, gerando visões e políticas públicas diferentes, uns acreditando que o mercado deve ser o agente que deve liderar o desenvolvimento econômico, outros acreditando que o governo nacional e seu investimento devem ser o motor do crescimento econômico. Neste cenário, percebemos que os grupos econômicos vivem num conflito ideológico, levando a sociedade a ausência de um verdadeiro projeto nacional, sem rumo claro e sem direcionamento próprio. Na minha visão, essa discussão é desnecessária, ultrapassada e equivocada, para

construir uma sociedade mais desenvolvida, precisamos unir esforços para encontrarmos o caminho do desenvolvimento econômico, atacar fortemente as desigualdades que se perpetuam no país, investir fortemente em educação, tributando aqueles que pagam pouco imposto, revendo os subsídios e atacando as raízes da insegurança que aflige a sociedade brasileira.

Ao analisar a economia nacional e observando os indicadores nacionais encontramos muitos dados positivos internamente, taxa de juros em diminuição, redução do desemprego, inflação na mínima de dez anos, reservas internacionais em mais de US\$ 350 bilhões, superávits comerciais de US\$ 100 bilhões, investimentos em crescimento, Bolsas de Valores em ascensão, dados estes que levaram as agências de classificação de risco a melhorarem as notas dos títulos nacionais, com isso, essas mesmas agências acreditam que o grande desajuste no Brasil está no campo político, nos conflitos e incertezas na lógica política, onde os grupos se digladiam buscando seus interesses imediatos e deixando de lado os interesses nacionais.

Neste cenário, percebemos que os indicadores econômicos são sólidos e consistentes, mas precisamos ousar na condução da política econômica para que consigamos reduzir as grandes desigualdades históricas que acumulamos. Precisamos ainda, primeiramente atacar essas desigualdades acumuladas durante séculos, deixando de lado polarizações equivocadas e ultrapassadas que servem para incrementar nossa incivilidade e deixando claro que não estamos preparados pelos ventos da contemporaneidade, marcados por medos, incertezas e instabilidades.

Turbulências globais

As grandes transformações em curso na sociedade internacional vêm impulsionando inúmeras modificações no espaço e no tempo, transformando comportamentos, convivendo com novas tecnologias, criando novos modelos econômicos e produtivos, agitando o mundo da gestão, modificando as relações entre capital e trabalho, tudo isso, nos auxilia na compreensão dos grandes desafios da humanidade.

Depois de anos de pandemia que assolou a comunidade global, cujos impactos foram avassaladores em todas as regiões do mundo, levando mais de seis milhões de mortes, devastando setores inteiros, destacando novos modelos de trabalho, novas formas de qualificação, com novas tecnologias digitais e intangíveis, novas formas de comportamentos, gostos, vontades e necessidades, estamos vivenciando conflitos militares, agitações geopolíticas, agressões físicas e verbais, incremento do negacionismo, destruições ambientais, devastando a civilidade e vislumbrando um modelo de sociedade em crise.

No cenário internacional percebemos o crescimento dos conflitos militares, neste momento, as autoridades internacionais mapearam mais de 170 conflitos militares em curso na sociedade global, com milhares de mortes, degradações, agressões, impulsionando ódios, rancores e ressentimentos. Nesta toada, depois dessas devastações, a sociedade internacional vai precisar reconstruir os laços entre as nações, estimulando o comércio global, conversações diplomáticas internacionais e novos espaços de integração.

No campo econômico percebemos o crescimento do protecionismo entre as nações, o crescimento das incertezas e instabilidades financeiras, com o aumento dos subsídios dentro das nações, o retorno das políticas industriais para fortalecer os setores nacionais em detrimento dos grupos externos, desta forma, o comércio global tende a se reduzir e as integrações econômicas tendem a perder espaço, muitos especialistas estão destacando a possibilidade da chamada desglobalização, uma verdadeira revolução econômica e produtiva.

Ainda no campo econômico, destacamos o possível surgimento de um novo padrão monetário internacional em detrimento ao dólar norte-americano. O possível nascimento de um novo modelo monetário global pode gerar novos constrangimentos financeiros internacionais, trazendo novos desafios e novas oportunidades, demandando lideranças internacionais capacitadas para compreender os possíveis caminhos que tendem a aparecer no cenário internacional, desafiando países ricos e desenvolvidos para continuar controlando estas transformações que podem diminuir seus poderes. Do outro lado, percebemos que todas estas alterações globais demandarão das nações em desenvolvimento a adoção de políticas públicas equilibradas e, ao mesmo tempo mais ousadas, independentes, conscientes e soberanas.

Neste ambiente, destacamos ainda as grandes turbulências globais no meio ambiente, as alterações climáticas estão cada vez mais aceleradas, vide o exemplo do sul do Brasil, cuja destruição deve ser vista como um aperitivo para as possíveis devastações do meio ambiente, rechaçando os crescentes negacionismos que crescem em escala global, impulsionando políticas de austeridade que fragilizam os governos nacionais, vislumbrando apenas interesses imediatos, lobbies financeiros fortíssimos e grupos que patrocinam o caos e a degradação.

Os desafios da comunidade internacional na contemporaneidade são imensos e inadiáveis. As riquezas geradas nas últimas décadas são suficientes para incluir todas as pessoas da sociedade global desde que o modelo econômico e produtivo seja alterado e modificado. Sem uma alteração efetiva no modelo econômico e produtivo, temos que se acostumar com uma sociedade cada vez mais individualista, imediatista, narcisista e centrada no lucro e nos prazeres materiais.

Retorno do protecionismo

Nos momentos de grandes incertezas e instabilidades da sociedade internacional, como a que vivenciamos na contemporaneidade, percebemos o incremento das políticas protecionistas como forma de proteger suas estruturas econômicas e produtivas, proteger suas empresas nacionais, defender seus empregos e proteger a renda agregada da população. Neste cenário, percebemos o crescimento das políticas protecionistas que passaram a ganhar relevância na agenda das nações e discussões nos fóruns internacionais, tais medidas estão impulsionando conflitos e constrangimentos globais que podem, no extremo, gerar confrontos bélicos e desequilíbrios diplomáticos.

No campo econômico internacional, percebemos o crescimento da volatilidade das finanças, levando as nações a adotarem políticas de proteção e defender seus interesses nacionais, com o incremento dos subsídios internos e os mais variados tipos de barreiras comerciais, além de taxações e tributações visando a proteção das estruturas econômicas e produtivas.

Nações desenvolvidas que conseguiram ao longo da história se desenvolver econômica e industrialmente passaram a exigir abertura econômica e concorrência crescente como forma de alavancar economicamente as nações em desenvolvimento, pressionando-as como forma de encontrar o crescimento econômico e, posteriormente, o desenvolvimento social e a melhora das condições de vida de suas populações.

As políticas protecionistas sempre foram utilizadas pelas nações ao longo da história, os países ricos se utilizaram fortemente destes instrumentos para ganhar escala e produtividade como forma de alavancar suas estruturas produtivas, crescendo economicamente e fortalecendo suas empresas, desta forma, expandiram para todos os cantos da sociedade mundial e passaram a impor seus modelos produtivos, suas formas de enxergar o mundo e a dominar os atores econômicos e políticos

internos, com isso, angariando forte poder político para impor seus interesses imediatos.

Desde os anos 1980 as nações desenvolvidas disseminaram para todas as regiões do mundo o chamado Consenso de Washington, um conjunto de políticas de liberalização econômica criada pelas nações desenvolvidas para que países mais atrasados ou em desenvolvimentos adotassem como forma de alavancar o crescimento de suas economias. Dentro as medidas estimuladas eram a abertura econômica, a desnacionalização dos setores produtivos, a privatização, a redução do protecionismo e a diminuição do papel do Estado na economia.

Depois de mais de trinta anos, os resultados foram interessantes, as nações que se entregaram a esse ideário neoliberal conseguiram diminuir a inflação, aumentaram a dependência externa, fortaleceram uma economia agroexportadora de produtos primários, aumentando sua desindustrialização e incrementando suas dívidas interna e externa, perdendo espaços na exportação mundial e se entregando facilmente a um predomínio da dependência financeira internacional. As nações que se distanciaram do pensamento neoliberal tiveram dados macroeconômicos mais sólidos e consistentes, fortaleceram seus papéis políticos no cenário mundial e angariaram espaços econômicos pouco vistos na história da economia internacional, vide por exemplo os países asiáticos, como a China e a Coréia do Sul, países camponeses, pobres e miseráveis e, atualmente, gigantes da tecnologia, da inovação e da complexidade econômica.

Diante disso, todos sabemos quais os caminhos escolhidos pela sociedade brasileira, abraçamos abertamente um ideário neoliberal, abrimos nossa economia, desnacionalizamos nossa estrutura produtiva, estimulamos nossa desindustrialização e perpetuamos nossa situação periférica, marcado pela dependência tecnológica e ideológica, importamos e estimulamos pensamentos que nos levam ao atraso e a submissão.

Plano Real: trinta anos

No começo de julho comemoramos trinta anos do nascimento do Plano Real, o plano econômico responsável por debelar a inflação galopante que dominava a economia nacional, gerando grandes avanços econômicos para a sociedade brasileira, controlando os preços relativos, criando novos desafios e abrindo horizontes para a economia brasileira.

A inflação deve ser vista como o aumento generalizado de preços na economia, seus impactos são generalizados no sistema econômico e produtivo, garantindo ganhadores e perdedores, como tudo na sociedade. Os grandes ganhadores da inflação são, inicialmente o governo federal, responsável pelos ganhos de senhoriação, ou seja, a capacidade dada ao Estado Nacional na emissão de moedas no sistema econômico. Outro grande ganhador do processo inflacionário são os bancos e o sistema financeiro, que ganham com recursos monetários parados em contas correntes, garantindo ganhos reais, grandes recursos monetários para seus acionistas, além de grandes somas de recursos para investimentos em novas tecnologias bancárias, levando nosso setor bancário a se destacar na sociedade mundial.

De outro lado, destacamos os perdedores do processo inflacionário, que eram os setores mais fragilizados na sociedade, indivíduos que não conseguiam compreender as dinâmicas dos preços e não tinham acesso a contas indexadas, instrumentos utilizados para reduzir as perdas inflacionárias. Desta forma, a inflação sempre foi um instrumento de concentração de renda da economia nacional, contribuindo negativamente para os incrementos das desigualdades que perpassam a sociedade nacional.

O Plano Real foi construído para estabilizar a economia nacional e garantir condições para um salto de crescimento nas décadas posteriores, um plano pensado, planejado, estruturado e muito ambicioso, que garantiram aos seus proponentes a condição de ganhar a próxima eleição presidencial e angariar votos significativos para assumir estados importantes da federação.

Esses ganhos reais estavam relacionados com a queda da inflação e com a elevação da renda dos trabalhadores, que garantiram grandes somas de recursos monetários para consumo e melhorias substanciais imediatas. Para absorver as demandas crescentes dos governos o governo estimulou a entrada de produtos importados e novas empresas estrangeiras chegaram nos mais variados setores da economia, gerando novos movimentos na estrutura produtiva, evidenciando uma desnacionalização, com empresas nacionais sendo adquiridas por grupos internacionais, além de uma tendência de desindustrialização, com perdas de competitividade da indústria nacional, com incremento dos empregos industriais e uma avalanche de empregos de baixa qualificação e salários degradantes.

O Plano Real, que ora comemoramos trinta anos, foi fundamental para a estabilização da moeda nacional, aumentando a autoestima da nação, trazendo grandes ganhos para a população, mas nos trouxe novos desafios numa economia globalizada e marcada pela forte competição. Ao negligenciarmos com o câmbio valorizado e as taxas de juros elevadas e se acostumando com as euforias iniciais e ilusórias do plano, a sociedade se “esqueceu” de aprofundar as discussões estruturais que aumentam o nosso subdesenvolvimento, postergando medidas imediatas para melhorarmos os indicadores sociais. Depois de trinta anos de Plano Real, precisamos fazer uma autocrítica séria, madura e inadiável, sem isso, nosso subdesenvolvimento tende a se aprofundar rapidamente.

Guerras, guerras e mais guerras

Na sociedade contemporânea, percebemos o crescimento acelerado de conflitos econômicos e produtivos, além de mais confrontos bélicos e militares, que contribuem fortemente para o incremento das incertezas e das instabilidades, que somados aos desequilíbrios emocionais, afetivos e as instabilidades financeiras, estamos vivenciando momentos marcados por grandes volatilidades.

As guerras econômicas crescem de forma generalizada em todas as regiões do globo. As nações desenvolvidas estão aumentando as políticas protecionistas, criando barreiras para a entrada de concorrentes externos, desta forma, buscam proteger suas estruturas produtivas, defendendo a geração de empregos, garantindo a manutenção da renda e dos salários dos trabalhadores domésticos, evitando um processo constante de desnacionalização de seus setores econômicos e a dependência de outras economias.

Destacamos ainda os conflitos financeiros que crescem todos os dias, nações buscam defender suas moedas e seus interesses imediatos, cada país tenta fortalecer seus setores financeiros e garantindo maiores ganhos nas finanças, desta forma, percebemos o crescimento de novos padrões monetários para fragilizar o modelo centrado no dólar americano, criado no período posterior a segunda guerra mundial e foi o responsável pelo fortalecimento da economia dos Estados Unidos no cenário internacional.

Vivemos num momento de grandes conflitos militares, elevando os dispêndios em armas, máquinas e tecnologias bélicas. No momento, percebemos a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, cujos gastos militares estão na casa dos quatrocentos bilhões de dólares, gerando fortes constrangimentos para a sociedade internacional, impactando fortemente sobre a Europa, região que sente na pele os custos deste conflito militar, com aumento generalizado de combustíveis e de alimentos. Isso sem falar das guerras no Oriente Médio, cujas destruições crescentes tendem a ter um potencial muito elevado,

impactando fortemente sobre a sociedade internacional, gerando conflitos regionais, aumento da imigração e desequilíbrios econômicos e produtivos.

As guerras e os conflitos militares impulsionam as tecnologias bélicas, novos investimentos em pesquisa científica impactam fortemente sobre a sociedade, grande parte das novas tecnologias que utilizamos no cotidiano foram desenvolvidas dentro das pesquisas militares. De outro lado, os investimentos militares tendem a gerar grandes destruições e alimentam a economia das guerras, aumentando os lucros e os dividendos dos detentores destes conglomerados, somente os custos militares de mais de duas décadas de ocupação das forças norte-americanas no Iraque e no Afeganistão são calculados em mais de 1 trilhão de dólares.

As guerras econômicas, financeiras e militares, além da degradação do Meio Ambiente, do desemprego crescente e da precarização do mundo do trabalho, tudo somado contribuem fortemente para o desenho do novo cenário internacional, gerando mais desesperança na sociedade global, mais medo, rancores e ressentimentos e ajudando a compreender as grandes transformações no ambiente político global, onde destacamos a ascensão da extrema direita em todos os quadrantes da sociedade mundial, defendendo xenofobia, racismo e a intolerância.

A história nos mostra claramente que a sociedade internacional já passou por momentos parecidos e os resultados não foram auspiciosos, muito pelo contrário, os resultados foram a degradação, a violência, os rancores e os ressentimentos que perduram a muitas décadas.

Escolhas

Vivemos momentos de grandes escolhas na sociedade internacional, neste cenário, percebemos abertamente que a comunidade mundial vem passando por grandes transformações em todas as áreas e setores nas últimas décadas, mudanças que estão impactando todas as nações, alterando culturas e modificando o comportamento dos indivíduos, gerando incertezas e instabilidades, além de novas indagações, novos questionamentos, riscos e oportunidades.

Nos últimos trinta anos, percebemos o aumento da concentração de renda na sociedade global, poucos cidadãos possuem grandes recursos monetários e financeiros em detrimento de uma grande quantidade de indivíduos que vivem à margem desta riqueza global, gerando pressões políticas, acumulando ressentimentos, impulsionando rancores e violências que se espalham para toda a comunidade, levando os governos nacionais a aumentarem os investimentos na segurança pública como forma de debelar esses conflitos sociais que crescem de forma acelerada.

Neste período, percebemos as transformações climáticas na sociedade internacional, eventos distantes e espaçados no tempo estão acontecendo mais constantemente, alterações no clima tendem a transformar a produção de alimentos, a produtividade do solo e a reduzir as reservas de água potável, desta forma, os grandes especialistas vislumbram grandes conflitos militares num futuro próximo, com custos econômicos e sociais perversos.

Vivemos momentos de escolhas difíceis e contraditórias para todas as nações e para todos os governos, necessitamos de líderes conscientes deste desafio histórico e capacidade de analisar a sociedade contemporânea, as escolhas são difíceis e exigem maturidade política, consensos econômicos e uma grande capacidade de alavancar apoios políticos e institucionais, rechaçando respostas fáceis para problemas estruturais e contribuindo para a geração de novos instrumentos de

esperança, um desafio gigantesco numa sociedade que se compraz com o medo e a desesperança.

A concorrência internacional motivada pelo processo de globalização econômica e o incremento da tecnologia vem exigindo dos governos e da sociedade fortes investimentos em capital humano, fortalecimento das pesquisas científicas e tecnológicas como forma de alavancar a soberania nacional e consolidando vantagens comparativas. No caso brasileiro, percebemos a ausência de um projeto nacional que coloque os investimentos em capital humano no centro das discussões políticas estratégicas, valorizando a escola, o conhecimento, as universidades e os professores, o que percebemos, infelizmente, são confrontos de lobbies organizados e interesses imediatos que atravancam um projeto mais consistente e que visam a perpetuação de uma condição de colonização e de subserviência no cenário global.

Numa sociedade como a brasileira é inadmissível manter taxas de juros escorchantes a mais de trinta anos, impactando fortemente os setores econômicos, os investimentos produtivos e a geração de renda. São escolhas como essa que perpetuam as desigualdades e nos mantêm numa condição de indignidade social, limitação econômica e fragilidade moral.

Vivemos momentos de grandes escolhas políticas, estamos nos aproximando de eleições municipais, um momento de escolhermos os nossos representantes e o que queremos nos próximos anos. Neste momento, precisamos analisar as propostas e a viabilidade dos candidatos, sua trajetória, seus apoiadores e a sua capacidade de gestão administrativa e organização social, senão vamos continuar defendendo e perpetuando que “o inferno são os outros”, como disse, o grande escritor francês Jean-Paul Sartre.

Tempos Sombrios

Vivemos momentos interessantes, marcados por grandes transformações em todas as áreas e setores, gerando apreensões, angústias e euforias. Vivemos momentos de grandes desenvolvimentos tecnológicos notadamente em setores de comunicação, informática, saúde, educação, dentre outros, todos impulsionadas pela inteligência artificial, pela robótica e pelas novas ciências que vem ganhando espaço na sociedade contemporânea.

O desenvolvimento científico e tecnológico que vivenciamos na sociedade contemporânea nos traz muitas possibilidades de sobrevivência, as pessoas estão vivendo melhores e mais saudáveis que seus antepassados, as melhorias econômicas e sociais possibilitam mais conforto, transformando o mundo do trabalho, exigindo dos trabalhadores mais habilidades imateriais, ao contrário dos modelos de trabalho anteriores que se assentavam na força física, atualmente o mercado exige habilidades comportamentais, iniciativas, agilidades e flexibilidades.

Mesmo percebendo os avanços sociais e econômicos em curso na sociedade, percebemos ainda, que a desigualdade cresce de forma acelerada, a riqueza está se concentrando nas mãos de poucos grupos, criando mercados oligopolizados e consolidando um modelo econômico e produtivo que coloca no centro da comunidade a busca frenética pelo lucro monetário e pelos interesses financeiros, estimulando a concorrência crescente, o imediatismo e o individualismo.

Destacamos ainda, neste cenário, as grandes transformações climáticas na sociedade global, regiões dotadas de grande potencial agrícola e agroexportador que podem perder suas vantagens comparativas, gerando consequências negativas para muitas nações que se especializaram historicamente em produtos primários de baixo valor agregado. As transformações climáticas estão gerando calafrios para todos os indivíduos na sociedade internacional, ainda mais depois das degradações e as calamidades ocorridas no Rio Grande do Sul, mesmo

assim, encontramos muitos grupos políticos poderosos e dotados que grande poder financeiro que rechaçam que as destruições foram causadas pela intervenção dos seres humanos e minimizam as devastações ocorridas no meio ambiente, desta forma, querem legitimar e perpetuar suas formas de atuação degradante e continuar fortalecendo investimentos predatórios e modelos de negócios cujos efeitos negativos sobre a natureza são preocupantes.

Destacamos ainda, que vivemos tempos sombrios na sociedade global, embora encontremos novas tecnologias e novos modelos de negócios que estão revolucionando a comunidade e as relações sociais, percebemos também o incremento da violência urbana que devasta a sociedade, gerando conflitos generalizados entre os cidadãos, fortalecendo as milícias, estimulando o narcotráfico e fomentando uma sociedade cada vez mais individualista, onde cada indivíduo busca seus interesses imediatos e contribuem ativamente para esgarçar o tecido social. O resultado imediato deste cenário é o aumento da desesperança, o incremento do racismo e da xenofobia, além da intolerância, da exclusão social e da degradação dos valores morais.

Uma sociedade que se apresenta desta forma, perpetuando as desigualdades sociais, pagando salários aviltantes, explorando em demasia seus trabalhadores e os chamam de colaboradores, fomentando um modelo de degradação e de precarização do mercado de trabalho, utilizando seu poder financeiro para aumentar suas isenções fiscais e tributárias, além de detentora de uma elite financeira predadora e imediatista que se compraz com juros escorchantes, garantindo ganhos monetários elevados e se afastando de sua responsabilidade na construção de um projeto consistente de nação... O futuro deste país com certeza deve ser visto como nebuloso para uma grande parte desta sociedade.

Hegemonias

A ascensão da China na economia internacional está gerando grandes alterações na lógica do poder mundial, transformando a geopolítica global, movimentando parcerias estratégicas entre nações, construindo novos cenários externos, além de conflitos comerciais, protecionismos variados e medidas emergenciais para defender seus setores econômicos e produtivos nacionais.

Desde os anos 1990, com a desintegração da União Soviética, os Estados Unidos da América se tornaram a grande economia mundial, detentora da hegemonia global e responsável pelos rumos da sociedade internacional, suas empresas ganharam novos espaços nos setores produtivos mundiais, estimulando a concorrência no cenário global, além de fomentar grandes conflitos militares, alterando regiões inteiras, agitando culturas milenares e transformando as geopolíticas regional e global.

Nestas últimas décadas encontramos situações interessantes e diferenciadas na busca pela hegemonia internacional, onde os Estados Unidos competiram com uma nação forte militarmente, União Soviética, mas frágil e degradada do ponto de vista econômico e produtivo. Posteriormente, seu próximo rival, o Japão, era visto como uma potência econômica, dotada de grande tecnologia e organizações estruturadas, mas frágil do ponto de vista militar. Atualmente, percebemos que a busca pela hegemonia global nos traz grandes desafios para os Estados Unidos, na verdade, nos parece o grande desafio norte-americano do século XXI, afinal, seu competidor, a China, se caracteriza por grande força econômica e produtiva, dotada de grande potencial tecnológico e de inovação, além de grande força militar.

Estamos vislumbrando um conflito demorado pela hegemonia internacional, onde as estratégias são imprescindíveis para o sucesso das próximas décadas, exigindo de todos os contendores, grandes investimentos em capital humano, além de grande potencial de inovação

para competir neste cenário marcado por grandes concorrências, incertezas e instabilidades crescentes.

Nesta busca pela hegemonia mundial, seus governos estão usando seus poderes políticos e financeiros para alavancar seus setores econômicos e produtivos, proibindo a entrada de produtos de seu concorrente direto, além de proibir que empresas locais transfiram tecnologias aos grandes competidores, além de pressionar seus parceiros comerciais para que se alinhem diretamente neste conflito global que tende a se estender por muitas décadas, gerando constrangimentos e preocupações de uma guerra militar em todas as regiões do mundo.

Países como o Brasil estão sendo cobrados internacionalmente para escolher um lado deste conflito entre hegemonias, diante disso, é importante construirmos consensos internos para compreender os cenários que estão sendo abertos neste conflito global, deixando de lado visões ideológicas e buscando os interesses nacionais, garantindo que a economia nacional se consolide, cresça e ganhe espaços no cenário internacional, consolidando uma neoindustrialização, fortalecendo setores vinculados as energias alternativas, reconstruindo e fortalecendo o setor da economia da saúde, fomentando a capacidade tecnológica para agregar valores aos produtos agrícolas produzidos internamente e melhorando os termos de troca da agricultura nacional, desta forma, garantindo recursos adicionais para melhorar os salários dos trabalhadores e fortalecendo um mercado de consumo de massa e contribuindo para alavancar o crescimento da economia nacional, deixando de lado décadas de estagnação econômica e arrocho salarial de grande parte dos trabalhadores nacionais.

Estamos num momento de escolhas difíceis e estratégicas, exigindo maturidade e sabedoria, além de liderança e ousadia, as escolhas repercutirão durante décadas e é fundamental compreendermos que não existe almoço grátis, como lembrou o economista norte-americano Milton Friedman.

Desigualdades sociais

Nos últimos anos estamos percebendo o incremento das desigualdades sociais na sociedade internacional, anteriormente ao falar sobre esse assunto percebíamos que essa desigualdade acontecia fortemente nas economias subdesenvolvidas ou em desenvolvimento, na contemporaneidade esse assunto se apresenta em todas as nações do globo, tanto as ricas e desenvolvidas como as nações pobres e atrasadas economicamente, gerando novos desafios para os gestores públicos, as elites empresarial e financeira, além da academia e para todos os integrantes da sociedade civil.

Desde os anos 1990, com o incremento da globalização, da abertura econômica e do aumento das tecnologias que culminaram numa sociedade digital e centrada no conhecimento, percebemos uma grande transformação na estrutura econômica e produtiva, alguns países conseguiram se adaptar melhor e mais rapidamente neste novo cenário, enquanto outras nações tiveram grandes dificuldades no mundo globalizado, gerando concorrências crescentes em todos os setores, impactando sobre os trabalhadores e os setores produtivos, impulsionando uma competição que tende a fragilizar muitas empresas e sistemas econômicos.

A desigualdade social sempre caracterizou a sociedade brasileira, somos vistos como uma das nações mais desiguais do mundo, que contrasta com as riquezas que caracterizam a sociedade nacional, afinal somos um país dotado de grandes recursos minerais, clima agradável, grandes reservas de água doce, além de florestas e vegetações em abundância que nos coloca no centro de uma das nações mais ricas de recursos naturais.

Mesmo assim, as desigualdades sociais existentes na contemporaneidade brasileira estão diretamente ligadas a história degradante da escravidão que perdurou mais de trezentos anos, uma colonização caracterizada por uma exploração gigantesca, além de privilégios de poucos grupos econômicos e financeiros, um Estado

capturado por elites predadoras e imediatistas, além de um sistema educacional fracassado e ultrapassado para os grupos mais fragilizados economicamente da sociedade, que contribuem para a perpetuação de uma pobreza estrutural que nos afasta imensamente da cidadania e da conscientização política e social.

Além destas características que contribuem maciçamente para o incremento das desigualdades sociais, destacamos salários degradantes que pouco auxiliam na sobrevivência dos trabalhadores e estimulam a construção de um sistema de proteção social para garantir a sobrevivência dos indivíduos, sem estes a degradação social tende a aumentar e gerar graves constrangimentos políticos e sociais.

Nesta sociedade, que se compraz com as desigualdades variadas que vivenciam no Brasil, encontramos grupos altamente privilegiados, que garantem sua reprodução através de ganhos escorchantes de taxas de juros obscenas, dominando as Autoridades Monetárias sem produzir efetivamente nada, sem geração de emprego e de renda, sem pudor, sem caráter e sem capacidade de compreender que seus benesses e imediatismos contribuem diretamente para a manutenção deste quadro de degradação social, além de um exército de cidadãos bem remunerados, bem formados e que se vendem para garantir seu enriquecimento pessoal e suas férias em terras estrangeiras em prol de uma sociedade deficiente e centrada nas desigualdades sociais.

As desigualdades sociais crescem de forma acelerada em todas as regiões do mundo, gerando um quadro obsceno e degradante, precisamos construir uma maturidade que ataque as raízes desta desigualdade, deixando de lado medidas cosméticas e ineficientes que apenas postergam os conflitos sociais e as crises econômicas que crescem todos os dias.

Crises Financeiras

Nesta semana a economia internacional passou por grandes incertezas e instabilidades que geraram pânicos e preocupações generalizadas no mercado financeiro, com impactos para todas as regiões, moedas derreteram, Bolsas apresentaram baixas históricas, investidores entraram em alerta e autoridades monetários tiveram que acompanhar com maior atenção os movimentos do mercado.

Na última segunda-feira, as Bolsas asiáticas balançaram a economia internacional, levando a quedas homéricas, algumas caíram mais de 12% num único dia e contribuíramativamente para espalhar caos e muita confusão no cenário econômico internacional. Vários motivos contribuíram para a compreensão dessa crise financeira, a possível recessão norte-americana, a bolha no mercado de empresas de tecnologia e a crise dos mercados de carry trade.

O carry trade é uma situação quando o investidor pega dinheiro emprestado em países onde a taxa de juros é baixa, como o Japão, e aplica esses recursos em mercados onde a taxa de juros é mais alta para ganhar com a diferença. Neste cenário, o aumento recente dos juros japoneses reduziu os ganhos destes investidores, levando-os para buscar mercados mais sólidos como os norte-americanos.

As crises financeiras acontecem desde os primórdios da humanidade, com impactos generalizados e repercussões imediatas, gerando enriquecimentos de um lado e perdas elevadas de outro, que demandam atuação mais intensa e mais efetiva dos governos nacionais para impedir que os sistemas econômico, produtivo e financeiro entrem em colapso, levando as nações a fortes recessões, aumentando o desemprego e reduzindo a renda agregada, contribuindoativamente para a concentração das riquezas e o incremento das desigualdades sociais.

Neste momento de grandes incertezas e instabilidades que culminaram em pânico no sistema financeiro, os agentes sociais e econômicos buscam,ativamente, as razões da volatilidade que aumentam as

incertezas, reduzindo os investimentos produtivos e estimulando a busca frenética de ativos de baixo risco, como forma de defender seus patrimônios e, se possível, garantir ganhos imediatos.

Os setores financeiros concentram grandes poderes na sociedade internacional, impondo seus interesses imediatos, seus ganhos estratosféricos, transformando as relações sociais, estimulando um verdadeiro cassino financeiro, modificando valores enraizados na comunidade e criando novos valores, centrados no imediatismo, no individualismo e na busca crescente dos lucros monetários e financeiros.

Dados divulgados na semana passada mostram uma possível recessão na economia norte-americana que pode gerar desaceleração da economia internacional, levando muitas nações a exportarem menos para os EUA e impactando negativamente nas economias locais, gerando menos empregos e reduzindo a demanda agregada interna.

Outra situação preocupante para a economia internacional foi os dados divulgados sobre as ações de empresas de tecnologia, muitas delas reportaram quedas elevadas em seus ganhos, levando especialistas a vislumbrarem um possível fim da bolha das empresas de tecnologia. Empresas como a Nvidia apresentaram valores surreais no mercado, as ações da gigante dos chips, a norte-americana Intel, reportou aos investidores perdas de mais de 25% nas ações, destacamos ainda, a venda das ações da Apple pelo grande investidor norte-americano Warren Buffett, gerando incertezas e instabilidades no mercado acionário.

As finanças dominam a economia mundial impondo seus valores, estimulando o imediatismo, o individualismo, o lucro monetário e fortalecendo valores materiais, deixando de lado as aflições humanas, as depressões e os ressentimentos que crescem em todas as regiões do mundo.

Novos consumidores globais

Nos últimos trinta anos, a economia internacional incluiu mais de 1 bilhão de consumidores ávidos para consumir, grande parte deste contingente saíram das nações asiáticas, gerando uma verdadeira revolução global e silenciosa, levando as empresas e as organizações a transformarem suas estratégias de produção, de logística, de marketing e de comunicação, como forma de satisfazer as mais variadas necessidades deste exército de compradores, com suas vontades, com seus desejos e buscando valorizar seus recursos monetários e financeiros.

Desde os anos 1980, as economias asiáticas estão transformando o cenário internacional, suas empresas estão trazendo novos modelos de negócios, aumentando a concorrência global, incrementando a produtividade do trabalho e exigindo de todas as nações severas transformações nas formas de gestão e organização produtiva, como forma de sobreviverem ao crescimento da competição no comércio global.

Nações como a China, Coréia do Sul, Taiwan, Japão, Indonésia, Malásia, Singapura e Vietnã estão gerando uma verdadeira guerra comercial e produtiva, transformando valores arraigados dos países ocidentais, reconstruindo as estruturas produtivas, investindo somas elevadas em capital humano e incrementando os dispêndios em infraestrutura.

A inclusão de milhões de trabalhadores asiáticos no mercado de consumo global pressionou as nações ocidentais a novos investimentos produtivos, aumentando os gastos em tecnologia, novos dispêndios em pesquisa e inovação, pressionando mercados monopolizados ou oligopolizados como forma de sobreviver às invasões de produtos asiáticos, empresas orientais e novos modelos de organização do trabalho.

O mercado de trabalho ocidental sentiu na pele o incremento da concorrência asiática, a inclusão desse contingente de novos consumidores, com novos modelos de trabalho, com salários achatados,

ausência de benefícios sociais e emprego degradante trouxe grandes impactos para os trabalhadores ocidentais, que passaram a sentir no contracheque uma redução salarial e uma degradação das condições de trabalho, levando os trabalhadores a um visível empobrecimento, com cargas de trabalho escorchantes, metas elevadíssimas, além do aumento dos desequilíbrios emocionais, estresse, ansiedades, suicídios e desajustes variados.

As nações asiáticas investiram grandes somas de recursos financeiros no setor educacional como forma de capacitar seus trabalhadores para alcançarem um espaço na economia globalizada, forçando as nações ocidentais a saírem da letargia que viviam a muitas décadas, neste cenário, as empresas ocidentais sentiram a competição com as organizações orientais, com seus novos valores organizacionais, com uma cultura milenar e arraigada, com ênfase na consciência e na imaterialidade.

O crescimento asiático está transformando o capitalismo mundial, as empresas ocidentais e os valores do Ocidente. A difusão de empresas asiáticas na sociedade internacional como Lenovo, KIA, BYD, Hyundai, Shopee, Shein, Samsung, LG, Huawei, Baidu, TSMC, Chery, dentre outros grandes atores e conglomerados empresariais estão revolucionando a economia mundial, exigindo uma maturidade maior das nações ocidentais, tanto as desenvolvidas e as em desenvolvimento, como forma de competir no mercado internacional, sem esta maturidade o capitalismo asiático tende a dominar a sociedade internacional, impondo valores, comportamentos e formas de organização produtiva.

Emprego e desenvolvimento

Vivemos momentos de grandes transformações na estrutura produtiva global, de um lado a concorrência entre os agentes econômicos e produtivos crescem de forma acelerada, alterando fortemente o mundo do trabalho, levando os indivíduos a novos comportamentos, novos valores e novas necessidades, levando as empresas e as organizações a transformarem suas estratégias, seu planejamento, como forma de sobrevivência, ainda mais, quando percebemos a inclusão de 1 bilhão de novos consumidores oriundo de nações asiáticas, com culturas, histórias e identidades, gerando desafios gigantescos para o setor produtivo.

O mundo industrial do início do século XX, grande gerador de empregos e influência nas políticas públicas governamentais, perdeu espaço na economia globalizada. Na contemporaneidade, encontramos novas relações entre capital e trabalho, o setor de serviços assumiu a dianteira na geração de empregos, fragilizando o setor industrial, revolucionando o mundo do trabalho, fragilizando os sindicatos, aumentando a competição entre os trabalhadores, fortalecendo o individualismo, estimulando a uberização, a economia de plataformas e o empreendedorismo.

Neste momento central da economia internacional, marcado por grandes desafios, medos e oportunidades, percebemos que os setores educacionais apresentam grandes dificuldades de compreenderem os desafios do capitalismo contemporâneo, as universidades perderam a relevância, a ciência vem perdendo espaço no debate atual, além do crescimento de uma visão negacionista e reacionária, inviabilizando as discussões nacionais, afastando reflexões racionais e postergando decisões fundamentais para os rumos da sociedade, levando a comunidade a perceber que, sem estes debates, caminhamos novamente para uma década de estagnação.

Nenhuma nação conseguiu historicamente seu desenvolvimento econômico, com melhores condições de vida de sua população, sem fortes investimentos em educação, em ciência, em pesquisa, em

formação continuada de professores, com salários dignos e condições decentes de trabalho. Algumas nações conseguiram seu desenvolvimento econômico, sem recursos naturais, com população reduzida e geograficamente fragilizada, investindo maciçamente em capital humano, angariando espaços no comércio internacional, diversificando sua economia e fortalecendo a pesquisa científica, desenvolvendo vantagens comparativas e consolidando seu espaço no mercado global, produzindo tecnologias, novos conhecimentos, novos materiais e produtos sofisticados.

A geração de empregos é fundamental para movimentarmos os setores produtivos, ainda mais numa nação como o Brasil, marcada por grandes desigualdades, garantindo salário e renda para os trabalhadores, movimentando os recursos financeiros, aumentando a demanda, incrementando a arrecadação dos governos, incentivando políticas públicas que geram benefícios para a comunidade e trazendo novas esperanças para a sociedade, contrastando momentos de forte desesperança e degradação.

Nas últimas décadas o mundo do trabalho passou por grandes transformações em escala global, no Brasil fomos assolados por uma política de austeridade suicida que previa ambientes melhores e forte crescimento econômico no porvir, resultado imediato foi a degradação da indústria nacional, fomento da desindustrialização, incremento dos ganhos dos rentistas e dos financistas, além do desemprego elevado e piora das condições de vida da população, fomentando um ambiente marcado pela violência crescente e pela desesperança. Neste momento, as nações desenvolvidas estão se distanciando das políticas de austeridade, mas infelizmente, no Brasil, as ideias novas e os ventos de modernidade demoram muito tempo para chegar...

Crescimento econômico

A economia brasileira se caracterizou como a nação que mais cresceu economicamente no período entre 1900-1980, gerando uma verdadeira transformação na estrutura produtiva e grandes movimentações sociais e políticas, passando de um país atrasado, eminentemente rural, exportador de produtos primários de baixo valor agregado, com uma população marcada por grande analfabetismo e desprovido de saneamento básico e poucas políticas públicas, para uma nação industrializada, fortemente urbana, com redução do analfabetismo e a construção de inúmeras políticas públicas que contribuíram para a redução da pobreza e da desigualdade.

O crescimento econômico prescinde de uma grande capacidade de planejamento e organização da sociedade, integrando setores, atraindo atores econômico e social, além de um consenso entre os grupos detentores dos poderes políticos, consolidando instituições, utilizando uma constante integração entre governo, mercado e trabalhadores, vislumbrando uma melhoria substancial da qualidade de vida e do bem-estar da sociedade.

O crescimento econômico prescinde da construção e a consolidação do mercado interno como instrumento de desenvolvimento, como destacou o grande economista Celso Furtado, autor do clássico *Formação Econômica do Brasil*, obra de referência para compreender a formação da história econômica nacional, compreendendo os grandes imbróglions políticos e econômicos que restringem o potencial do desenvolvimento nacional, perpetuando desigualdades e condenando a nação para um papel de subserviência no cenário internacional, como produtor de produtos primários de baixo valor agregado.

Depois dos anos 1980, a economia brasileira perdeu seu dinamismo, estimulando uma acelerada abertura econômica, uma privatização atabalhoadas, uma desregulamentação e o abraço do pensamento liberal, acreditando que a abertura econômica, a desnacionalização e a concorrência dos setores produtivos levariam ao desenvolvimento da

economia e a redução das desigualdades abissais que caracterizam a sociedade brasileira. O resultado imediato foi uma forte desnacionalização da economia nacional, o aumento do desemprego e da informalidade, além da perda da capacidade de orientar o desenvolvimento econômico, transferindo para o centro do capitalismo mundial as decisões estratégicas do desenvolvimento nacional.

Precisamos resgatar a importância do investimento produtivo para impulsionarmos o crescimento da economia, gerando emprego de qualidade, renda e salários dignos para fomentar as estruturas produtivas, para isso, precisamos fazer um pacto para o desenvolvimento econômico, diminuindo as polarizações que dividem a nação, precisamos reduzir as taxas de juros escorchantes que degradam as estruturas produtivas, endividam as famílias e acabam com as perspectivas de melhorias sociais, gerando ressentimentos e rancores que culminam em políticos oportunistas que visam seus ganhos imediatos e seus asseclas que os financiam.

O crescimento econômico prescinde da circulação de recursos monetários e financeiros, com investimentos maciços em capital humano, com fomento da pesquisa científica e tecnológica, retomando o papel social das instituições, o sentido verdadeiro de coletividade, do planejamento e da busca de um porvir mais esperançosos, mais justo, sem isso, estaremos nos condenando para vivermos no paraíso do rentismo, do parasitismo e do financismo, que incrementam seus ganhos, enchendo seus bolsos, vivendo em ambientes nababescos enquanto a maioria da população sobrevive na degradação, na indignidade e no ressentimento, criando caldos visíveis de grandes violências e exclusão social.

Apostas estratégicas

A sociedade vem passando por grandes transformações nas últimas décadas, novas oportunidades e novos desafios surgem diariamente, levando as nações, as empresas e os seres humanos à tomada de decisões estratégicas, sob pena de perder espaço na economia internacional, perderem competitividade e serem ultrapassados pelos concorrentes diretos e indiretos.

Num ambiente de constantes transformações, todos os agentes econômicos e produtivos são impulsionados a escolhas e apostas cotidianas, levando-os a tomada de decisões urgentes e imprescindíveis, traçando horizontes, desenvolver conhecimentos, compreendendo as movimentações corporativas, aprendendo com os novos modelos de negócios e fazendo apostas estratégicas.

Os indivíduos apresentam desafios generalizados, tanto profissionais como pessoais e emocionais, muitas profissões que sempre atraíram muitas pessoas estão perdendo relevância, gerando imensas massas de profissionais desempregados ou na informalidade, criando uma desesperança, aumentando o medo e os ressentimentos que podem culminar em depressão e desequilíbrios emocionais. Neste cenário, percebemos a importância de se capacitar constantemente, uma constante atualização profissional, novas experiências intelectuais e culturais contribuem muito para a formação do profissional. Anteriormente os trabalhadores competiam localmente, em muitos casos até nacionalmente, agora a competição é global, encontramos pessoas nas mais variadas regiões do mundo, com suas especificidades, seus comportamentos, suas identidades, seus valores e suas variadas culturas.

As organizações precisam construir novas estratégias organizacionais como forma de qualificar seus sistemas produtivos, capacitar fortemente seus trabalhadores, criando estímulos constantes, além de uma grande capacidade de motivação e de liderança, além de satisfazer os anseios variados de seus consumidores, que mudam constantemente seus

desejos, suas vontades e suas necessidades, desta forma, as empresas precisam construir uma cultura de constante movimentação, criatividade, agilidade e flexibilidade.

As nações precisam se atentar para os grandes desafios contemporâneos, num momento de grandes transformações geopolíticas e comerciais as oportunidades crescem, exigindo posicionamentos estratégicos, fortes investimentos em capital humano, capacitando seus cidadãos para compreenderem as oportunidades crescentes da sociedade globalizada, centradas no desenvolvimento tecnológico e pela maior competição, exigindo transferências de tecnologias dos parceiros comerciais estratégicos, além de forte solidariedade nos momentos de instabilidades e de incertezas da economia mundial.

Vivemos numa sociedade marcada por grandes desafios e oportunidades, além de inúmeras possibilidades, com variadas escolhas, levando os atores econômicos e produtivos a aumentarem as suas apostas cotidianas, gerando ganhos elevados, altos retornos ou, muitas vezes, inúmeras frustrações, além de prejuízos que podem trazer graves constrangimentos.

Neste momento de constantes transformações da sociedade internacional, marcada pelo incremento da competição e pelo desenvolvimento de novas tecnologias, percebemos que todos os atores produtivos precisam adotar estratégias arriscadas, que podem influenciar e vislumbrar novos horizontes, muitas organizações que lideraram seus mercados e foram referências em suas épocas fizeram escolhas equivocadas, apostando em caminhos errados, perdendo espaços e foram ultrapassados pelos concorrentes, lembremos de empresas como Xerox, Yahoo, Nokia, Kodak, dentre outras.

Vivemos momentos de grandes transformações, mas o que caracteriza este momento da comunidade internacional é a rapidez destas transformações, que exigem mudanças cotidianas, rapidez de raciocínio e agilidades constantes, levando os indivíduos e as organizações a uma sensação de constante exaustão, estresse, ansiedade e desequilíbrios emocionais.

Ventos positivos

Num ambiente de constantes transformações econômicas e produtivas nos cenários nacional e internacional, percebemos que a economia brasileira apresenta ventos positivos, desemprego em queda, aumento do investimento, crescimento do superávit comercial, expansão do mercado de capitais e crescimento econômico, depois de momentos de grandes instabilidades, agitações políticas, polarizações constantes, negativismos, pandemia e crises econômicas, que contribuíram para aumentar as vulnerabilidades da economia nacional.

Com a divulgação recente dos indicadores macroeconômicos, percebemos dados interessantes e auspiciosos, o crescimento econômico surpreendeu e colocou o Brasil dentre as nações que mais cresceram no trimestre, o desemprego diminuiu, os investimentos produtivos cresceram, o setor externo da economia apresentou indicadores atraentes, a inflação se manteve sob controle, além do incremento do consumo, desta forma, vislumbramos melhoras nas perspectivas da economia nacional.

Mesmo assim, ao analisar a economia nacional, percebemos grandes contradições, de um lado, encontramos números auspiciosos e boas perspectivas, levando-nos a vislumbrar um ambiente macroeconômico saudável e bons horizontes de crescimento econômico, mas ao mesmo tempo, encontramos grupos, liderados pelos rentistas, clamando pelo aumento das taxas de juros como forma de impedir o crescimento da inflação. Neste cenário, estamos presos numa mediocridade que limita o crescimento da economia nacional, reduzindo as perspectivas de geração de emprego e renda, e indiretamente contribuindo para garantir os grandes lucros dos setores que vivem no rentismo.

No cenário econômico, percebemos críticas ácidas dos economistas do mercado financeiro e dos gestores de fundos de investimentos com relação à política fiscal, cobrando do governo uma maior racionalização dos gastos públicos e uma urgente redução dos gastos públicos, vistos

como o responsável pelos desequilíbrios fiscais e financeiros que podem aumentar as taxas de juros, último instrumento para reduzir a inflação.

Embora percebamos que as questões fiscais estejam na berlinda da política econômica, percebemos ainda que os analistas econômicos vinculados ao chamado mercado exigem cotidianamente que sejam reduzidos os recursos públicos direcionados para a população mais carente e mais fragilizada, julgando-os como os grandes responsáveis pela chamada “farra” fiscal, se esquecendo, de forma deliberada, os vultosos incentivos fiscais e isenções tributárias que beneficiam os grandes grupos econômicos e financeiros, que atuam fortemente para extrair grandes somas dos fundos públicos, gerando pouco emprego, pagando poucos impostos e deixando de contribuir para o desenvolvimento nacional.

Vivemos um momento interessante para o fortalecimento da economia nacional e, novamente, vislumbrar os sonhos esquecidos do desenvolvimento econômico, somos dotados de energias alternativas que tendem a atrair novos investimentos industriais, estamos atraindo novos investimentos externos em variadas áreas e setores, precisamos estimular uma nova política de industrialização que atraia todos os agentes econômicos, sociais e políticos, construindo um verdadeiro ecossistema de inovação que inclua todos os setores da economia nacional, mas para isso, precisamos deixar de lado discussões equivocadas e ultrapassadas que pululam nos agentes que formulam as políticas públicas, compreendendo os verdadeiros medos, desafios e anseios da sociedade nacional, como disse o grande Tom Jobim: “O Brasil não é para amadores”...

Equilíbrio

Neste momento da economia internacional, as nações precisam construir estratégias consistentes para a sobrevivência neste cenário de instabilidades constantes, de incertezas crescentes, de rupturas e transformações tecnológicas, de exclusões e desigualdades sociais em ascensão, de guerras fratricidas e de novas crises financeiras, com impactos impossíveis de mensuração para a comunidade mundial.

Neste cenário, percebemos o incremento das animosidades entre as nações, uma verdadeira busca pela liderança e um conflito entre os países que lutam pela hegemonia internacional. De um lado, encontramos a sociedade norte-americana, que liderou a economia mundial desde o final da segunda guerra mundial, impondo instituições multilaterais, exigindo a oficialização de sua moeda, o dólar, como o padrão monetário global, espalhando empresas em todas as regiões do mundo, difundindo seu modelo econômico e produtivo, influenciando os governos aliados e pressionando nações com posicionamentos diferentes. De outro lado, encontramos uma nação que vem ganhando espaço na economia internacional, a China, que apresenta números astronômicos da comparação mundial, uma nação que nos anos 1980 era constituída por camponeses pobres e miseráveis e se tornou uma das maiores economias internacionais, detentora do maior setor industrial da contemporaneidade, responsável por grande desenvolvimento tecnológico, com fortes investimentos em energias alternativas, em inteligência artificial e grande potencial de liderar a sociedade mundial nas próximas décadas.

Diante deste cenário que se abre para a sociedade mundial, encontramos modelos econômicos e produtivos que se enfrentam para a busca da liderança da economia global, trazendo culturas e comportamentos diferentes, trajetórias variadas e visões de vida e formas de organização social diferenciadas, uma nação mais centrada no imediatismo, na concorrência crescente, no individualismo, na busca crescente dos ganhos materiais e, do outro lado, encontramos uma nação milenar, dona de uma história rica de mais de cinco mil anos, com

valores atrelados a coletividade, nos valores intangíveis e na busca crescente pela consciência humana.

Neste cenário de confrontos geopolíticos em curso na sociedade mundial, as nações se encontram num momento de escolhas estratégicas, alguns países se atrelam a um dos lados do conflito em detrimento de outro, buscando seus interesses imediatos e os ganhos materiais, garantindo para a sua população recursos monetários e proteção para angariar espaços de crescimento econômico e melhorias sociais para seus concidadãos, almejando o tão sonhado desenvolvimento.

Nações como o Brasil se encontram em uma grande encruzilhada histórica, demandando escolhas estratégicas, além de decisões políticas e geopolíticas imprescindíveis, sendo cortejadas pelas nações que buscam a hegemonia internacional, com promessas interessantes e novas oportunidades de negócio, além de garantir novos investimentos produtivos e novos modelos de organização social. Neste momento, fazem-se necessário, maior maturidade e serenidade e a compreensão do que queremos ser nos próximos anos, algo que nos falta e dificulta nossa compreensão do cenário mundial e nos leva a entregar de graça nossas riquezas minerais e agrícolas, alegrando os donos de poder global e, ao mesmo tempo, perpetuando nosso subdesenvolvimento. Estamos num momento imprescindível para o futuro da sociedade brasileira, as escolhas devem definir os rumos do Brasil contemporâneo.

Dúvidas econômicas

A economia brasileira vem apresentando bons indicadores nos últimos meses, a inflação apresenta perspectivas de estabilidade, as exportações crescem de forma acelerada, o superávit comercial cresce e garante um incremento das reservas internacionais e, ao mesmo tempo, as receitas tributárias crescem todos os meses, o emprego é o maior dos últimos dez anos, as Bolsas apresentam valores positivos, mesmo assim, encontramos grandes desafios para a economia nacional, será que estamos vivendo momentos de bonança econômica, com boas perspectivas no campo econômico e produtivo ou estamos vivendo momentos de crescimento sem lastro e, novamente, vislumbrando novas crises, com o aumento do desemprego, de descontrole dos preços relativos e nova rodada de elevação das taxas de juros?

Vivemos momentos de grandes incertezas no cenário internacional, as potências econômicas se digladiam como forma de garantir novos espaços na lógica produtiva mundial, percebemos ainda, o crescimento de políticas protecionistas em todas as nações, medidas de estímulos econômicos para garantir a internalização de produtos estratégicos para alavancar espaços no cenário produtivo global, gerando instabilidades externas, rivalidades crescentes e confrontos geopolíticos.

Depois de mais de trinta anos de baixo crescimento econômico e produtivo, marcados por uma desindustrialização precoce, a adoção de taxas de juros elevadas, com o crescimento do desemprego estrutural e o incremento da financeirização da economia, estamos vivendo momentos marcados por grandes dúvidas econômicas, que restringem os investimentos produtivos, estimulam o rentismo e criam incertezas que prejudicam o funcionamento da economia nacional.

Neste cenário, marcado por grandes incertezas externas, precisamos construir um novo consenso nacional em prol do crescimento econômico e a redução das desigualdades sociais que convivem fortemente na sociedade brasileira, precisamos de políticas públicas sólidas e consistentes que impulsionem a melhoria do ambiente

econômico, estimulando os investimentos produtivos, a geração de empregos mais qualificados, melhorando as contas nacionais, reduzindo o desperdício dos gastos públicos, racionalizando os investimento públicos e atraindo conglomerados nacionais e internacionais que podem alavancar setores estratégicos da economia do século XXI, compreendendo que somos dotados de grandes recursos energéticos, além de riquezas vegetais e minerais que nos coloca em condições privilegiadas no ambiente econômico internacional.

Todas as nações que conseguiram se desenvolver economicamente com melhora de suas condições sociais, precisaram aumentar a complexidade de suas economias e de seus sistemas produtivos e, antes de mais nada, fizeram grandes investimentos em educação, priorizando o ensino, a pesquisa e construindo um verdadeiro ecossistema de inovação e empreendedorismo, garantindo oportunidades para todos os talentos nacionais e construindo empregos mais qualificados, com salários dignos e decentes, além de impulsionar o ensino superior, com professores capacitados, valorizados e conscientes de seu papel numa sociedade em constante transformação.

Os desafios são imensos para a economia nacional, para superarmos este momento de grandes dúvidas econômicas, precisamos compreender o que queremos ser no futuro imediato, se queremos continuar sendo um produtor de commodities de baixo valor agregado ou se queremos retomar nosso processo de industrialização, se não definirmos o que queremos do futuro imediato as dúvidas econômicas tendem a aumentar e as incertezas devem afugentar o crescimento, nos afastando do sonho do desenvolvimento econômico.

Grau de Investimento

Muitos economistas com formação mais ortodoxas destacam as dificuldades fiscais do governo brasileiro, destacando o crescimento dos gastos públicos, a chamada “farra fiscal” e fazem críticas severas aos condutores da política econômica, exigindo a resolução de desequilíbrios históricos num curto espaço de tempo, deixando de lado análises técnicas e nos concentrando em visões puramente ideológicas, acreditando na livre concorrência e no equilíbrio do mercado, criando e difundindo uma realidade enviesada, individualista e concentrada no curto prazo.

Na atualidade, percebemos indicadores econômicos positivos na economia nacional, forte crescimento do PIB neste segundo trimestre, deflação de 0,02% em agosto, arrecadação federal crescendo 9,5% em termos reais no decorrer do ano, aumento significativo do emprego e da renda agregada, incremento das exportações e aumento dos superávits comerciais, melhora das contas externas e incremento das reservas internacionais.

Neste cenário, a Moody's, uma das três grandes agências de classificação de risco, as duas outras são a Fitch e a Standard & Poors, que orientam os investidores no momento de alocação de recursos financeiros, aumentou a nota da economia brasileira, aproximando-a do chamado grau de investimento, um verdadeiro selo positivo concedido pelas empresas que classificam os riscos soberanos, garantindo a solvência deste investimento e mostrando, no mercado financeiro global, que esse agente econômico tem capacidade de endividamento, condições de pagamento e boas perspectivas para o futuro. Neste momento de grandes intempéries na sociedade mundial, marcado por guerras crescentes e conflitos monetários entre nações que buscam a hegemonia global, este selo chancelado pela agência Moody's traz grande alívio para os detentores do título do Brasil.

Embora saibamos que o Brasil precisa urgentemente transformar sua estrutura econômica e produtiva, com fortes investimentos em

infraestruturas material e imaterial, o incremento da nota brasileira deveria ser vista como algo positiva e, auxiliar na compreensão dos grandes e reais desafios para a sociedade nacional, deixando de lado discussões equivocadas e estimulando as políticas mais consistentes para configurar uma nova economia, mais próxima dos anseios e compromissos do século XXI, centrado na automatização, na inteligência artificial e no mundo digital que estão dominando as economias globais, deixando de lado investimentos que permearam a economia brasileira dos séculos anteriores mas, que ainda controlam fortemente as estruturas de poder que perpetua uma visão atrasada e reacionária do Brasil contemporâneo.

A economia brasileira vem passando por grandes alterações, a melhora da nota por uma agência de classificação de risco nos traz horizontes positivos, perspectivas de taxas de juros menores e prazos mais elevados, desta forma, a entrada destes recursos podem auxiliar nos grandes desafios econômicos nacionais, melhorando na transição energética, na descarbonização produtiva e consolidando um papel estratégico na sociedade global, fortalecendo nossa autonomia energética e, ao mesmo tempo, investindo mais fortemente para garantir uma soberania tecnológica que nunca tivemos, historicamente somos sempre importadores de tecnologias e exportadores de produtos primários de baixo valor agregado. Quem sabe, neste momento de grandes transformações na estrutura produtiva mundial, o Brasil consegue enxergar instrumentos para melhorar a nossa inserção global e voltarmos a cultivar o sonho do desenvolvimento.

Prosperidade e pobreza

Nesta semana foi divulgado os nomes dos laureados com o Prêmio Nobel de Economia, Daron Acemoglu, Simon Johnson e James A. Robinson receberam o prêmio “por seus estudos sobre a formação das instituições e sobre como elas afetam a prosperidade”. Os dois primeiros ganhadores da láurea são professores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. James Robinson é professor da Universidade de Chicago, também nos Estados Unidos.

Neste espaço, gostaria de comentar o livro “Porque as nações fracassam: As origens do poder, da prosperidade e da pobreza”, escrito pelos economistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que investigou profundamente as causas da prosperidade e da pobreza entre diferentes países, centrada na importância das instituições políticas e econômicas.

O conceito central do livro de Daron Acemoglu e Simon Johnson é a distinção entre instituições inclusivas e extrativas, onde as primeiras são aquelas que promovem a participação ampla dos cidadãos na economia e na política, com ampla garantia de direitos de propriedade, justiça e oportunidades econômicas. Com isso, cria-se incentivos para inovação, educação, empreendedorismo e o desenvolvimento econômico. Já as instituições extrativas concentram o poder político e os benefícios econômicos em uma elite, explorando a maioria da população e inibindo o crescimento econômico de longo prazo.

Uma vez que um país é dominado por instituições extrativas, como exemplo, os autores analisam a América Latina, é difícil romper esse ciclo. As elites políticas e econômicas têm pouco incentivo para mudar as regras que lhes permitem manter o controle, garantindo grandes retornos econômicos e financeiros, o que perpetua a desigualdade e a pobreza. Neste cenário, as revoluções políticas ou grandes crises às vezes podem proporcionar novas oportunidades de reformas que criam instituições mais inclusivas. No entanto, essas mudanças não são

garantidas e dependem de forças políticas específicas que sejam capazes de redistribuir o poder.

As instituições políticas são o alicerce das instituições econômicas. Para que uma economia floresça, é necessário que as instituições políticas garantam distribuição de poder e representatividade. Quando o poder está concentrado nas mãos de poucos, como regimes autoritários, ditaduras ou sistemas oligárquicos, as instituições econômicas tendem a ser extrativas, impedindo o desenvolvimento econômico, perpetuando uma situação de degradação social, desigualdades crescentes e o incremento da desesperança.

Para construir suas hipóteses, os autores da obra fizeram uma grande reflexão histórica, pesquisando várias regiões, analisando modelos de desenvolvimento econômico entre a Coréia do Sul e a Coréia do Norte, além de um mergulho numa comparação crítica entre os Estados Unidos e a América Latina, desta forma demonstraram como as instituições moldaram o sucesso ou o fracasso das nações, enriquecendo países ou perpetuando as desigualdades.

Outro assunto muito discutido na obra está relacionado as questões geográficas e culturais das nações, vistas como insuficientes para o desenvolvimento econômico, ou seja, os países que possuem boa geografia e cultura consistente podem auxiliar, mas não leva uma nação ao desenvolvimento econômico, para isso, faz-se necessário a construção de instituições sólidas e consistentes. Quem sabe está na hora da elite nacional ler obras como essa e compreender a importância de instituições sólidas e consistentes para alcançarmos o desenvolvimento econômico.

A Rota da Seda

Na sociedade contemporânea encontramos grandes confrontos em curso na comunidade internacional, além dos conflitos militares que movimentam variadas regiões, gerando destruições generalizadas, o aumento das mortes e devastação na infraestrutura, além disso, encontramos o crescimento dos confrontos comerciais, retaliações, protecionismos e a busca constante pela liderança global, onde destacamos os embates entre os Estados Unidos e a China.

Neste cenário marcado por grandes confrontos estratégicos, destacamos as movimentações geopolíticas em curso na economia mundial. Desde 2013, o governo chinês, liderado por Xi Jinping propôs a construção da Nova Rota da Seda com grandes investimentos para desenvolver novas rotas comerciais terrestres e marítimas ao redor do mundo, impulsionando as estruturas produtivas globais, gerando novos empregos e fomentando todas as regiões do mundo.

Desde o lançamento, a Nova Rota da Seda expandiu-se para mais de 147 países com adesão de nações africanas, da Oceania e da América Latina, consumindo mais de US\$ 2 trilhões de projetos de investimentos produtivos, movimentando variados setores econômicos e políticos, alavancando ferrovias, portos, estradas, aeroportos, oleodutos, gasodutos, parques industriais, entre outros investimentos, gerando novos modelos de negócios, renovando horizontes, abrindo novas oportunidades de crescimento econômico e produtivo.

Dentre as nações da América Latina encontramos ao menos 20 nações que aderiram a iniciativa chinesa, se integrando aos investimentos produtivos da Rota da Seda, levando os países participantes e o governo chinês a pressionarem para a entrada do Brasil nesta iniciativa ambiciosa, garantindo grandes vantagens políticas, melhorias sociais substanciais e retornos econômicos estratégicos.

A Nova Rota da Seda, iniciativa chinesa marcada por grandes investimentos produtivos, busca estimular o crescimento do comércio, o aumento da cooperação econômica e o desenvolvimento de

infraestrutura nos países ao longo das rotas. Apesar das críticas sobre as dívidas geradas, seus defensores argumentam que se trata de uma ferramenta de desenvolvimento econômico.

Ao analisar o caso brasileiro, percebemos visões diferentes, alguns diplomatas acreditam que a entrada do Brasil na Nova Rota da Seda seria um grande ganho político para a China e auxiliaria na reestruturação da infraestrutura nacional, incluindo projetos de ferrovias e outros setores estratégicos para garantir ganhos de produtividade e dinamismo para competir numa economia globalizada. No entanto, há divergências entre diplomatas brasileiros sobre a adesão, alguns acreditam que o Brasil já recebe investimentos chineses significativos, reduzindo nossa autonomia econômica e aumentando a desnacionalização dos setores produtivos.

Existem pesquisas do Banco Mundial que mostram que os investimentos da Nova Rota da Seda têm diminuído os custos do comércio mundial, garantindo o incremento das trocas internacionais e garantindo o crescimento das rotas comerciais, as nações que conseguiram se preparar anteriormente, com fortes investimentos em estruturas produtivas, aumento dos dispêndios em educação, ciência e tecnologia, podem garantir grandes retornos no crescimento do comércio global.

No caso do Brasil, a entrada na Nova Rota da Seda deve ser vista como uma decisão estratégica, aderir pode trazer vantagens desde que tenhamos maiores ganhos econômicos e produtivos, além de ambicionar a transferência de tecnologias, novos investimentos estratégicos que reduzam os custos nacionais, contribuindo para atrair novos parceiros comerciais, alavancando o desenvolvimento econômico e reduzindo as gritantes desigualdades sociais que nos caracterizam historicamente.

Brics +

Vivemos momentos de grandes conturbações na economia internacional, confrontos econômicos que buscam novos espaços no comércio global, o aumento da tecnologia está moldando todas as bases da sociedade, as transformações no mundo do trabalho crescem de forma acelerada, os desequilíbrios climáticos assustam e geram preocupações palpáveis para todos os indivíduos, o incremento das desigualdades sociais gera calafrios e desesperanças. Neste cenário, encontramos embates de nações que vislumbram a hegemonia internacional, o aumento das guerras, novos padrões monetários e novas perspectivas para a economia mundial.

Diante de tantos desafios em curso na sociedade global, encontramos o fortalecimento do Brics + (inicialmente um espaço de integração entre Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e países associados), que pode ser visto como uma grande transformação geopolítica mundial, com a entrada de novas nações, novas discussões geoestratégicas e novas perspectivas para o comércio internacional, o surgimento de novos projetos econômicos, comerciais e financeiros, tais como a costura de uma nova moeda para os países membros, um novo modelo monetário e financeiro, com o incremento da integração e a interdependência destas nações, estimulando a sinergia, o aumento das trocas comerciais e a maior solidariedade dentro do bloco.

Embora os analistas geopolíticos internacionais destaquem o caráter do Brics + como um modelo antioccidental, os países membros rechaçam essa definição, acreditando que o acordo vislumbra novos espaços comerciais e econômicos, com a construção de novos horizontes de integração e de interdependência. Embora acreditando que o crescimento e a consolidação, depois de muitas conversas e negociações, o Brics + tende a fortalecer as nações envolvidas, consolidando seus padrões de integração e reduzindo a dependência das nações ocidentais, impactando positivamente sobre o comércio internacional do sul global em detrimento dos países ocidentais que

devem perder espaços comerciais construídos desde a expansão europeia.

Neste momento de grandes transformações na sociedade contemporânea, as nações estão buscando novas parcerias estratégicas para estimular o desenvolvimento de suas economias, novas formas de desenvolver suas estruturas produtivas, estimulando a transferência de novas tecnologias, consolidando apoios estratégicos e geopolíticos, maior autonomia econômica e soberania política nas relações internacionais, deixando de lado as nações que se comprazem com conflitos militares, estímulos crescentes da indústria bélica e da destruição, sendo verdadeiros mercadores da morte e da devastação.

Num momento de grandes incertezas e confrontos militares motivados e estimulados por nações ocidentais, onde a memória da colonização europeia, sempre marcada por pilhagens e devastações, o fortalecimento de um bloco de países do Sul Global pode gerar receios e preocupações das nações do norte, como destacou um alto integrante do governo alemão que demonstrou descontentamento com o crescimento e o fortalecimento do Brics + que podem criar constrangimentos para a manutenção da hegemonia. O Oceano Atlântico, desde a Revolução Industrial, dominou a economia internacional e garantiu a preponderância e a dominação das nações ocidentais, na sociedade contemporânea, os poderes e as hegemonias estão em franca movimentação, o Oceano Pacífico, nesta nova configuração geopolítica, tende a dominar e a controlar a economia internacional.

Revisão dos gastos

Vivemos momentos de grandes incertezas econômicas e financeiras que impactam sobre todo o sistema produtivo, com aumento nas taxas de juros, desvalorização cambial e preocupações crescentes sobre a inflação, desta forma, percebemos a piora dos indicadores econômicos e o incremento dos desequilíbrios políticos.

Neste cenário, os agentes econômicos e financeiros usam seus instrumentos de pressão para pressionar o governo federal para revisar os gastos públicos para evitar que a dívida pública cresça de forma acelerada, impactando fortemente sobre a economia nacional e melhore as perspectivas econômicas, estimulando o sistema produtivo e contribuindo para a recuperação nacional.

Desde a crise financeira internacional de 2008 e, principalmente, depois da pandemia os governos nacionais foram incentivados a adotarem uma política mais intervencionista, com aumento dos gastos públicos e uma visão mais protecionista com o objetivo de proteger seus setores produtivos, garantindo mais empregos e incremento dos salários, desta forma, a economia retomaria seu caminho de mais investimentos produtivos e uma maior geração de renda agregada.

Depois de grandes estímulos fiscais e financeiros, os governos nacionais buscam um maior equilíbrio fiscal, reduzindo os estímulos e reorganizando as contas públicas, reduzindo ineficiências e adotando medidas mais efetivas para melhorar a arrecadação nacional como forma de evitar o estouro da dívida pública. Neste ambiente, os mercados pressionam o governo nacional para uma maior racionalização das contas públicas, impedindo que a dívida pública cresça e a inflação impactem sobre taxas de juros maiores, refletindo negativamente sobre as atividades econômicas.

A revisão dos gastos públicos deve ser feita por todos os governos como forma de aumentar a eficiência e a melhor alocação de recursos públicos, objetivando uma melhora dos serviços públicos e evitando os desperdícios que acometem a gestão pública. Neste momento,

percebemos a grande dificuldade do Estado Nacional para rever os gastos públicos e a racionalização dos recursos da comunidade, afinal rever gastos de grupos privilegiados pode ser visto como uma declaração de guerra. Todos falam a favor da redução dos gastos públicos, criticando os dispêndios governamentais, desde que a conta caia sobre os ombros de terceiros. Os grupos sociais mais bem organizados defendem seus privilégios, muitos deles “garantidos” a muitos séculos, mesmo sabendo que seus privilégios existem em detrimento de outros grupos sociais, que muitas vezes querem apenas garantir um direito essencial, gerando incertezas e instabilidades que desestabilizam os governos de plantão.

Neste momento, os palácios governamentais estão discutindo como fazer para restringir os gastos públicos e dar racionalidade ao arcabouço fiscal, reduzindo os recursos com o BPC (Benefício de Prestação Continuada), o Abono e os seguro-desemprego, que impacta fortemente sobre os grupos mais fragilizados da sociedade brasileira, tudo isso garantiria recursos adicionais para melhorar o ambiente econômico e uma melhora dos horizontes, principalmente dos financistas. Neste momento, a sociedade brasileira está perdendo tempo, devemos fazer uma revisão geral dos gastos públicos, adotando taxação de lucros e dividendos, revendo isenções fiscais e tributárias que consomem bilhões, acabando com penduricados que engordam salários elevados, além da tributação das grandes fortunas, desta forma, o ajuste fiscal contribuirá para que o sistema tributário nacional seja menos regressistas e tão desigual.

Incógnitas crescentes

A sociedade mundial vem passando por grandes alterações econômicas e produtivas, com impactos generalizados sobre todas as regiões, alterando comportamentos arraigados, alterando a agenda das comunidades, com o incremento de desenvolvimentos científico e tecnológico que transformaram os modelos de negócios, reconfigurando o mercado de trabalho, aumentando as exigências para todos os trabalhadores, movimentando as estruturas políticas e democráticas dos Estados Nacionais e gerando novos desafios para toda a comunidade global.

Diante destes desafios contemporâneos que agitam a sociedade internacional, percebemos ventos de mais protecionismos dentro das comunidades locais, nações que pregavam enfaticamente o livre comércio, que eram árduos defensores de mais concorrência como forma de alavancar o crescimento econômico e estimulavam a diminuição do Estado na economia estão revendo princípios e valores que eram vistos como intocáveis.

Neste cenário, percebemos o crescimento de políticas protecionistas para proteger suas estruturas econômicas e produtivas, com fortes investimentos subsidiados pelos governos nacionais, além do incremento de tarifas de importação para reduzir a entrada de produtos estrangeiros, desta forma, garantem a sobrevida de setores nacionais que perderam espaço no comércio global e foram substituídos por concorrentes estrangeiros mais eficientes, mas produtivos e detentores de tecnologias mais modernas e mais sofisticadas.

Com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, percebemos o renascimento de um discurso fortemente protecionista e messiânico, centrado nos interesses norte-americanos, com forte teor protecionista e imediatista, com o incremento de políticas anti-imigração e de deportação em massa, além da intensificação do conflito comercial entre EUA e China, reversão de políticas adotadas no governo atual que estimulavam os conflitos militares em curso na sociedade mundial e o

afastamento dos tratados internacionais, principalmente os vinculados ao Meio Ambiente.

Internamente, percebemos que o novo governo Donald Trump deve adotar políticas protecionistas para fortalecer estados e regiões inteiras que foram fortemente desindustrializadas nos momentos de ascensão da chamada globalização. Estados que sempre se caracterizaram por forte desenvolvimento industrial, pela pujança econômica, por uma classe média consolidada e que perderam a capacidade de competição global, levando uma massa gigantesca de empresas nacionais a fecharem suas unidades locais e abrirem filiais em outras regiões, notadamente na Ásia, onde a mão de obra era mais barata, mais abundante, com os custos de produção imensamente menores.

O protecionismo estadunidense pode gerar graves constrangimentos internos e externos, deportar imigrantes, sobretaxar produtos estrangeiros, adotar políticas agressivas contra os interesses de empresas chinesas e pressionar empresas transnacionais para incrementar novos investimentos internos, tais políticas podem gerar graves constrangimentos inflacionários, levando as Autoridades Monetários ao incremento das taxas de juros e levando nações a desequilíbrios nas contas externas.

Vivemos momentos de grandes incertezas e instabilidades. Depois dos problemas ambientais, dos desequilíbrios energéticos, das guerras fraticidas que crescem em escalas ascendentes, dos desajustes do mercado de trabalho, das desesperanças que crescem em todas as regiões do globo, percebemos que mais desequilíbrios e intolerâncias crescem todos os momentos na comunidade global. A eleição nos Estados Unidos nos traz uma grande lição, a melhora econômica e os bons indicadores da economia são insuficientes para garantir a manutenção do poder...abram os olhos!

China X EUA

Neste espaço, analisamos algumas das grandes transformações da sociedade internacional, destacando as mudanças nos modelos de negócios, transformações motivadas pelos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, modificações no mundo do trabalho e as grandes agitações da lógica geopolítica, onde encontramos um novo confronto entre duas grandes nações, ambas vislumbrando a hegemonia do século XXI, buscando o domínio das estruturas econômicas e políticas. Neste novo século, encontramos uma rivalidade crescente entre os Estados Unidos e a China, deste conflito perceberemos o nascimento de uma nova sociedade global.

A hegemonia norte-americana foi incontestável no período pós segunda guerra mundial, onde os Estados Unidos liderou a recuperação da economia internacional, injetando bilhões de dólares nas estruturas econômicas ocidentais, exportando seu modelo produtivo, levando suas empresas para todas as regiões do mundo, internacionalizando seus valores centrados na concorrência, no individualismo e no imediatismo, liderando a construção de organizações multilaterais, tais como o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional, além de outras agências mundiais e impondo à sociedade global a sua moeda como o instrumento monetário e financeiro, transformando o dólar na moeda mais importante do mundo, responsável pelos fluxos comerciais e financeiros globais, garantindo para os Estados Unidos um privilégio exorbitante.

Nos anos 1980, a sociedade chinesa começa um processo de reestruturação interna, abertura econômica, centralização política, com forte planejamento do Estado Nacional, com grandes estímulos nos setores exportadores, centrados em políticas industriais ativas, atraindo interesses estrangeiros e exigindo a transferência de tecnologias para reestruturar os seus modelos econômicas e produtivos, ao mesmo tempo, o governo nacional incrementou os investimentos em educação, pesquisa científica e o desenvolvimento de novas tecnologias, copiando produtos, aprendendo modelos e aprimorando setores econômicos,

ganhando mercados externos, com fortes estímulos fiscais e financeiros, levando a economia chinesa a crescer de forma acelerada e se transformando na indústria do mundo.

Na contemporaneidade, percebemos o embate entre dois grandes atores econômicos globais. A China se transformou na indústria do mundo, detentora de grandes tecnologias, retirando mais de 800 milhões de pessoas da indigência, um recorde global, além de criar empresas transnacionais que crescem de forma acelerada e é vista como uma nação marcada por grande disciplina, flexibilidade, autoconhecimento e grande capacidade de transformação nacional. Do outro lado, encontramos uma nação dividida, com forte crescimento das desigualdades, dotada de grande potencial bélico e militar, forte desenvolvimento tecnológico, detentora da moeda mais importante das finanças globais, que vem recorrendo ao protecionismo comercial como forma de evitar o crescimento do grande rival global e evitando a perda de espaço na economia internacional.

Neste ambiente de confrontos geopolíticos, o Brasil precisa compreender a importância de adotarmos uma política externa pragmática, flexível e responsável, fortalecendo a autonomia nacional e consolidando sua soberania política, conversando com todos as nações, negociando com todos os atores internacionais, fortalecendo seu setor industrial, participando dos fóruns globais, exigindo transferências de tecnologias, atraindo grandes empresas estrangeiras em parceria com conglomerados nacionais, fortalecendo a política industrial, incrementando os investimentos em educação, saúde, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, reduzindo a dependência externa e fortalecendo setores inovadores e que apresentam grande potencial de desenvolvimento econômico.

Parceria estratégica

Com o retorno de Donald Trump ao comando da sociedade norte-americana encontramos muitas inquietações e incertezas nas políticas econômica e comercial, alguns analistas acreditam que o novo governo vai retomar os confrontos com a China, limitando a entrada de imigrantes e deportando milhares de ilegais, outros especialistas apostam no retorno de uma visão mais unilateral, nos moldes do conhecido América primeiro.... que podem levar as nações ao incremento de políticas protecionistas como forma de defender sua estrutura produtiva e seu emprego interno, mesmo sabendo que essa proteção pode gerar impactos preocupantes sobre a economia mundial.

Neste cenário, percebemos que os governos nacionais estão buscando instrumentos para defender seus sistemas econômico e produtivo, evitando a perda de espaço no mercado global, cujos impactos são negativos para as economias nacionais, podendo gerar graves constrangimentos sociais, com incremento do desemprego, queda maciça da renda agregada e desajustes macroeconômicos.

Vivemos numa economia altamente integrada, as estruturas produtivas estão totalmente interligadas e interdependentes, as políticas protecionistas adotadas em uma nação podem gerar represálias comerciais, levando ao aumento dos custos de produção, incrementando os preços e impactando sobre a inflação dos países, levando as Autoridades Monetárias a adotarem políticas mais restritivas, reduzindo a quantidade de moeda em circulação e elevando as taxas de juros, com impactos generalizados sobre o investimento produtivo e, posteriormente, reduzindo a geração de emprego e da renda agregada.

O Brasil, neste cenário, caminha para momentos de grandes decisões estratégicas, que podem impactar fortemente sobre a sociedade brasileira, abrindo novos espaços e novos horizontes de comércio internacional, criando novos laços afetivos e se integrando com novos polos comerciais, produtivos e culturais, mas precisa compreender que as escolhas podem trazer novos constrangimentos políticos e

econômicos, além do afastamento de investimentos estrangeiros fundamentais. As decisões exigem maturidade política para fazer as escolhas corretas e precisas, além de ampla capacidade de compreender os inúmeros desafios contemporâneos e das fragilidades internas, que podem limitar nossa capacidade de reposicionarmos na economia mundial.

Neste momento, o governo federal adota políticas efetivas para a reconstrução da indústria nacional, setor estratégico e fundamental para todas as nações e, internamente, perdeu espaço desde os anos 1990, combalida pela desastrada abertura econômica e pela adoção do câmbio como instrumento de estabilização de preços. Atualmente, as relações comerciais com os países asiáticos podem trazer grandes investimentos e novos horizontes econômicos, mas precisamos salvaguardar a estrutura produtiva, entrar numa concorrência com a indústria asiática pode ser vista como o desaparecimento por completo da indústria nacional.

Estamos num momento imprescindível para adotarmos políticas mais agressivas e ambiciosas, somos detentores de grande potencial energético, temos capacidade alimentar que poucas nações possuem e somos vistos como detentores de grande potencial produtivo e cultural. Precisamos ter a maturidade política para exigir, nos fóruns internacionais, transferências de tecnologias, sociedade com atores nacionais e atração de tecnologias para movimentarmos nosso potencial econômico e transformar nossas potencialidades para melhorarmos as condições de vida da nossa população e reduzir as desigualdades que caminham com nossa história nacional, uma trajetória de pilhagem, exploração, concentração e escravização.

Ajuste Fiscal

Neste momento de grandes transformações estruturais da sociedade brasileira, marcadas pelo incremento da concorrência, alterações no mundo do trabalho, polarizações políticas, degradações ambientais, aumento dos conflitos militares, crescimento do protecionismo e incertezas econômicas, os agentes econômicos exigem, corretamente, um equilíbrio fiscal das contas públicas, com a definição de regras fiscais claras e consistentes para que os agentes produtivos tenham confiança nos rumos da economia nacional, estimulando novos investimentos produtivos, com geração de emprego e movimentando o ciclo econômico, evitando que o crescimento da economia seja sustentável e consistente, não apenas um breve voo de galinha.

Ajuste fiscal é um tema complexo em todas as nações do mundo, gerando constrangimentos e conflitos na comunidade, suas repercussões impactam sobre toda a sociedade, diante disso, os agentes econômicos, sociais e políticos se organizam para evitar perdas monetárias e financeiras, buscando justificar as isenções e garantindo apoio dos legisladores e dos governos nacionais, mantendo seus privilégios e transferindo o ônus do equilíbrio fiscal para outros grupos econômicos e sociais

Diante da necessidade de controle dos gastos públicos e equilíbrio dos recursos, precisamos destacar a estrutura dos gastos governamentais, analisando em detalhes as origens dos recursos públicos que entram no caixa dos governos e para onde vão estes recursos, dando transparência dos recursos públicos, estudando a necessidade e a importância das políticas públicas, investigando as isenções fiscais e tributárias e as chamadas desonerações.

Neste cenário de ajustes das contas públicas, encontramos um verdadeiro conflito distributivo entre todos os setores da economia, onde grupos mais fortes e dotados de grande poder monetário e força política se utilizam de seus instrumentos para perpetuar seus ganhos financeiros e exige que os governos retirem recursos dos setores mais

fragilizados da comunidade, se “esquecendo” dos bilhões acumulados historicamente em isenções fiscais e tributárias, além dos privilégios auferidos pelo sistema tributário nacional que não tributa lucros e dividendos, garantindo ganhos substanciais e aumentando as distorções sociais e, infelizmente, tributa fortemente uma classe média assalariada, endividada e incapaz de estimular o crescimento da economia.

O ajuste fiscal deve ser visto como algo imprescindível para todas as nações do mundo, ainda mais num momento marcado por grandes desequilíbrios financeiros globais e o incremento da competição entre empresas e governos nacionais para atraírem mais investimentos produtivos e a geração de emprego e a sobrevivência de seus trabalhadores de forma mais digna e decente. O ajuste fiscal deve priorizar os grupos mais privilegiados na sociedade, forçando os setores a pagarem seu quinhão do equilíbrio fiscal, reduzindo os penduricalhos salariais que garantem ganhos substanciais e sem tributação adequada, reduzindo os bilhões de isenções fiscais e tributárias de empresas e setores que, sistematicamente, cobram dos governos um ajuste nas contas públicas e não abrem mão de suas isenções tributárias e seus ganhos fáceis garantidos pelas taxas de juros elevadas praticadas pela Autoridade Monetária. Discutir ajuste fiscal e taxa de juros são assuntos urgente e imprescindível mas, receio que nossa sociedade não esteja capacitada para entrar a fundo nesta discussão, como disse Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”...

Mundo quente, incerto e violento

Vivemos numa sociedade marcada por grandes transformações estruturais que geram preocupações crescentes, medos e ressentimentos generalizados, levando os seres humanos a acumularem rancores e sentimentos preocupantes, impulsionando mágoas e violências crescentes, aversão aos estrangeiros e aos imigrantes, com estímulos para o incremento de protecionismos econômicos e polarizações políticas.

O crescimento do mundo digital, o desenvolvimento das tecnologias, as transformações no mundo das comunicações e o domínio das redes sociais criaram novos espaços de violências crescentes e degradações, as pessoas perderam seus sentimentos de empatia e de solidariedade, os indivíduos perseguem as curtidas nas redes sociais com publicações cada vez mais bizarras e deprimentes, deixando claro que a sociedade global vive dominada por patologias destrutivas e deprimentes, espalhando violências, conflitos militares, disseminando mentiras e destruindo reputações e estimulando preconceitos, racismos e intolerâncias.

Neste ambiente, percebemos uma degradação crescente do meio ambiente, transformações climáticas em todas as áreas e regiões do globo, com impactos generalizados para todos os setores econômicos e produtivos, impactando sobre empregos, investimentos e a produtividade da economia, neste cenário assustador, percebemos indivíduos e setores inteiros rechaçando relatórios de pesquisadores sérios que mostram as transformações perversas em curso na natureza e no meio ambiente, defendendo visões negacionistas, investindo em pesquisas falsas e enganosas, defendendo setores produtivos altamente poluentes, que degradam a natureza e destroem uma riqueza comum da humanidade.

Vivemos num ambiente marcado por fortes protecionismos econômicos e comerciais, nações que anteriormente defendiam a liberalização comercial e propagandeavam as vantagens da abertura econômica e da concorrência, onde os mais fortes e empreendedores dominariam a

sociedade global, perpetuando seus valores, suas crenças e sua capacidade de inovação. Essas crenças ocidentais vêm perdendo espaço na comunidade internacional, os países mais ricos perderam força no comércio internacional e passaram a defender políticas protecionistas mais escancaradas, sobretaxando produtos estrangeiros, limitando a entrada de imigrantes, aumentando as barreiras comerciais, impondo a venda do controle acionário de empresas estrangeiras inovadoras como forma de proteger seus setores econômicos e produtivos.

Neste cenário, percebemos o incremento de conflitos militares em variadas regiões do mundo, levando as nações a aumentarem seus investimentos em defesa, transferindo recursos preciosos que deveriam ser utilizados para melhorar as condições de vida de suas populações para a compra de armas, aquisição de aviões e caças militares, tecnologias bélicas, radares, drones, treinamentos e novas estratégias de guerra.

Neste ambiente de grandes transformações, percebemos uma sociedade cada vez mais violenta, com alterações e agitações climáticas, um ambiente mais quente, chuvas cada vez mais destrutivas e degradantes, uma comunidade marcada por instabilidades econômicas e produtivas, gerando medos, preocupações e desesperanças, angústias crescentes e medo do desemprego, renda em declínio, famílias desorganizadas e empresas assustadas pelo crescimento da competição econômica, que anteriormente era local e agora a concorrência é mundial, aumentando as incertezas, os estresses, as ansiedades e as depressões.

Neste cenário de instabilidades econômicas, de violências crescentes e clima descontrolado, será que não está na hora de refletirmos sobre as causas estruturais destes infortúnios globais que levam pessoas diferentes, com culturas variadas e comportamentos diferentes a viverem ou sobreviverem com privações parecidas? Será que não está na hora de refletirmos sobre o modelo econômico dominante....

Realidade paralela

As movimentações na sociedade internacional geradas pelo desenvolvimento da tecnologia e da integração econômica e produtiva estão gerando novas formas de comportamentos nos indivíduos, levando as organizações, em escala global, a buscarem formas de satisfazer os novos anseios dos consumidores, assim como os governos estão se organizando para melhorar os serviços públicos, as regulamentações e novas formas de inclusão dos cidadãos neste ambiente centrado na concorrência e na competição constantes.

Neste cenário, percebemos o crescimento do embate entre os atores sociais e econômicos como forma de perpetuar seus ganhos indiretos, as isenções fiscais e seus benefícios tributários, moldando um grande conflito distributivo nos seios da sociedade contemporânea, cada um está buscando seus ganhos imediatos e se esquecendo da importância de pensarmos como atores integrados e interdependentes, garantindo seus recursos em detrimento de outros setores mais fragilizados, desta forma, contribuem ativamente para o incremento das desigualdades sociais que crescem na sociedade global.

Nesta sociedade, percebemos o crescimento de uma realidade paralela, construída, estruturada e difundida para legitimar interesses mesquinhos, individualistas e imediatistas, onde poucos grupos sociais usufruem diretamente, mas foram construídas de forma altamente profissional, com grandes investimentos financeiros, mesmo sabendo que poucos grupos sociais ganham com estas ideias e pensamentos.

Nesta situação, encontramos grupos econômicos e políticos importantes que investem somas altíssimas de recursos para desacreditar aqueles que combatem as violentas alterações climáticas, rechaçando as transformações no Meio Ambiente e se mobilizam para fragilizar as organizações que trabalham para aumentar a regulamentação governamental e impor mais responsabilidade nos investimentos que podem impactar sobre a natureza e os seres humanos.

Encontramos ainda, grupos econômicos e financeiros dotados de grandes recursos monetários e influência política que usam seus recursos para fortalecer os mercados das armas, das tecnologias militares, das indústrias bélicas e todo um arsenal que fatura bilhões de dólares, empregando pessoas e são responsáveis pela destruição inteira de regiões e nações em todas as partes do mundo, vide o acontecido em nações como o Iraque, a Ucrânia, a Síria, o Líbano, a Palestina, países destruídos pela devastação militar e, ao mesmo tempo, garante o enriquecimento da indústria da morte.

Neste mesmo cenário global, vivenciamos aqui, no Brasil, uma realidade paralela, encontramos nos meios de comunicação e nas universidades discussões secundárias e ultrapassadas, falamos constantemente em corrupção e nos esquecemos das raízes deste fenômeno, nos esquecemos das evasões fiscais, não discutimos nosso sistema tributário regressivo e concentrador e menos ainda, nada falamos de um Congresso turbinado por emendas pouco transparentes, foco constante de corrupção e desperdícios. Falamos das farras fiscais e nos esquecemos dos juros estratosféricos definidos pelo Banco Central que consomem bilhões de reais e aumentam a dívida pública. Criticamos os servidores públicos e degradamos as políticas públicas como ineficientes e nos esquecemos que convivemos com um judiciário caro, lento e ineficiente.

Precisamos urgentemente sair desta realidade paralela, os desafios contemporâneos exigem maturidade, senso de responsabilidade, compreensão do momento atual e forte capacidade de liderança, construindo políticas públicas sólidas e consistentes, vislumbrando uma nação melhor, mais harmônica, com mais oportunidade para os cidadãos e menos parasitas, especuladores, aproveitadores e exploradores.

Esperanças

No último artigo do ano, gostaria de fazer algumas reflexões sobre a sociedade brasileira neste momento de incertezas e instabilidades que prejudicam o planejamento econômico e impõem custos adicionais nos investimentos produtivos, nas contratações e na renovação das esperanças cotidianas.

A sociedade brasileira continua bastante polarizada, setores chamados de centro, direita e esquerda se engalfinham todos os dias nos parlamentos e nas redes sociais, todas as propostas trazidas pelos seus oponentes, são rechaçadas imediatamente, sem reflexão, sem conversação, sem análises sérias e sistemáticas, se são propostas dos oponentes devem apenas ser metralhadas e degradadas, deixando de lado, bons projetos, boas ideias e possíveis políticas públicas que poderiam melhorar as condições de vida de uma parte substancial da população, grupos degradados e empobrecidos, vistos como entulho na coletividade dita civilizada, setores sem oportunidades e sem perspectivas.

Nestes embates, encontramos grupos econômicos e políticos que querem privatizar e desnacionalizar todas as empresas estatais, reduzindo fortemente a atuação estatal, acreditando que os setores privados são melhores na gestão, mais eficientes e geram maiores ganhos monetários. De outro lado, encontramos setores políticos que acreditam no potencial do Estado Nacional como gestor estratégico para a economia, buscando nas memórias desenvolvimentistas do século XX as estratégias para o momento atual. Ideologias e interesses imediatos continuam dominando as discussões na sociedade brasileira, como destacou Millor Fernandes: “Quando uma ideologia fica bem velhinha, vem morar no Brasil”. Precisamos renovar ideias, pensamentos e investir fortemente em educação, em conhecimento e em capital humano.

A economia brasileira vem passando por momentos interessantes, vivemos num período de encruzilhadas constantes, de um lado, encontramos uma economia em crescimento, com melhora nos

indicadores macroeconômicos, desemprego em queda, crescimento da renda e do salário, produto interno bruto em ascensão, aumento do investimento externo, dentre outros e, em contrapartida, preocupações fiscais que limitam nosso crescimento sustentável nos próximos anos e demanda juros altos para saciar os ganhos astronômicos dos rentistas. Como nos disse, o economista liberal Eduardo Giannetti recentemente: “Os indicadores fiscais brasileiros, embora preocupantes, não são calamitosos. Longe disso. Nós não estamos na beira de nenhum precipício fiscal.”

Vivemos numa nação marcada por grandes desigualdades sociais e históricas que perduram durante séculos, uma sociedade centrada na concentração de renda, onde uma pequena parte da população se beneficia das benesses do capitalismo contemporâneo, com luxos, tecnologias e prazeres materiais e, em contrapartida, uma parte substancial da população vivendo à margem do bem-estar e da civilização, sobrevivendo em casebres precários e salários degradantes, desta forma, vivemos numa verdadeira fábrica de pobrezas, violências constantes e degradação social. Neste ambiente, percebemos que este cenário de desigualdades crescentes passou a ser visto como algo normal e natural.

Como sabemos, vivemos numa nação marcada por grande potencial econômico e produtivo, solo imensamente rico, clima e vegetação agradáveis, energia limpa e variada em abundância, população empreendedora e trabalhadora, sociedade civil pujante, universidades públicas e privadas consolidadas, organizações sociais estruturadas e consistentes, embora tenhamos grandes dificuldades, precisamos encarar de frente os desafios da sociedade contemporânea e compreendermos que, neste cenário de fortes incertezas, a união de esforços nos auxiliam na construção de uma nação civilizada, mais sólida e consistente, com mais esperança, com menos desigualdades e mais oportunidades para todos os cidadãos.

Desafios econômicos globais

A economia internacional vem passando por grandes incertezas e instabilidades, com aumento sistemático de políticas protecionistas, incremento dos subsídios, pressões de cortes de gastos, transformações no mercado de trabalho, crescimento de novas tecnologias que criam novas oportunidades mas, ao mesmo tempo, aumentam as incertezas sobre o futuro dos trabalhadores, além de conflitos militares entre nações, regiões inteiras, retaliações, ameaças e grandes instabilidades em todos os setores econômicos, políticos e sociais.

Com o ano novo, os desafios aparecem fortemente, exigindo lideranças em todas as áreas e setores, para enfrentarmos os grandes desafios da sociedade contemporânea, construindo novos consensos, diminuindo a pobreza, combatendo as desigualdades que crescem de forma acelerada, estimulando novas formas de conversação, trazendo ideias inovadoras e empreendedoras, renovando valores, consolidando novos modelos de negócios, trazendo para o debate maior sustentabilidade, fortalecendo políticas públicas comprovadas e construindo uma governança que rechacem privilégios desnecessários e minimizem a corrupção.

Logo no começo deste ano, percebemos perspectivas preocupantes relacionados ao comércio internacional. A nova gestão dos Estados Unidos, com o retorno de Donald Trump, vem prometendo incrementar pressões sobre outras nações e blocos de países, aumentando tarifas comerciais para proteger os setores produtivos norte-americanos, buscando atrair empresas estrangeiras para aumentar os investimentos em solo estadunidense, garantindo aumento do emprego interno, incremento da renda e impulsionando a indústria nacional, uma visão fortemente protecionista e intervencionista, cada vez mais distante das políticas liberalizantes defendidas anteriormente.

Importante destacar ainda, o combate sistemático da imigração, proposta fortemente defendida por Donald Trump, desde o primeiro mandato, que podem gerar graves constrangimentos para o mercado de

trabalho estadunidense, elevando os custos de contratação, impactando sobre os preços dos produtos produzidos internamente, elevando a inflação e levando a Autoridade Monetária a políticas mais restritivas de crédito.

Estas medidas tendem criar graves constrangimentos para o comércio internacional, levando as nações a adotarem políticas protecionistas parecidas, aumentando as tarifas comerciais, criando cotas de trocas externas e reduzindo o comércio global, fomentando a busca de novos mercados consumidores, abrindo novos horizontes e, neste cenário podemos vislumbrar a degradação de relações políticas e econômicas entre nações e fomentar conflitos que podem gerar desajustes regionais, criando mais incertezas e instabilidades em todas as regiões do globo.

Destacamos ainda, dentre as promessas do “novo” governo norte-americano que geram expectativas quanto ao crescimento econômico dos EUA, mas suscitam ainda, receios quanto à estabilidade financeira global, à desregulamentação e a redução dos tributos dos bilionários e de grandes empresas, que podem expandir o déficit público de forma assustadora e, podem desestabilizar o mercado de título com a dívida pública.

Como vivemos numa economia fortemente integrada e interdependente, todas estas medidas podem impactar sobre a economia mundial, com a possível valorização do dólar, elevação das taxas de juros, afetando negativamente países emergentes, como o Brasil, com enfraquecimento do comércio global e aumentando a pressão sobre o crescimento econômico global. Neste momento de novos desafios, o retorno de Donald Trump pode gerar mais incertezas e instabilidades, mas como disse Lewis Carrol, no livro Alice no País das Maravilhas: “Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”.

Protecionismos

O ano de 2025 começou com inúmeros sonhos, grandes promessas, expectativas crescentes e a busca contínua de metas pessoais e coletivas. Neste ambiente, marcado por inúmeras transformações econômicas e sociais, percebemos que o ano começou com grandes incertezas, volatilidades e instabilidades nos campos econômico e político, com a ascensão, ou o retorno, de Donald Trump, como presidente dos Estados Unidos, com a divulgação de medidas preocupantes, unilaterais e assustadoras com impactos generalizados sobre o comércio global e possíveis desequilíbrios da economia internacional.

O “novo” governo estadunidense defende abertamente o aumento do protecionismo comercial, com o aumento das tarifas e forçando as empresas estrangeiras vistas como estratégicas para investir internamente, aumentando a geração de emprego e melhorando a renda dos trabalhadores. Estas medidas podem ser vistas como nacionalistas e protecionistas, como uma forma de estimular o ambiente econômico, mas sabemos, que estas políticas impactarão fortemente sobre a economia mundial, levando os parceiros a adotarem represálias comerciais e adotarem políticas protecionistas parecidas, aumentando as tarifas de importação, incrementando os subsídios, reduzindo o comércio internacional e diminuindo os espaços de crescimento das economias.

No campo econômico, as propostas de Donald Trump tendem a gerar graves constrangimentos para a economia internacional, aumentando a inflação, levando a Autoridade Monetária a aumentar as taxas de juros, atraindo dólares e gerando uma forte desvalorização das moedas, obrigando os Bancos Centrais a aumentarem as taxas de juros internas, reduzindo os investimentos nacionais e levando as economias a uma possível crise econômica, com graves custos políticos e sociais.

As medidas alardeadas pela “nova” administração dos Estados Unidos estão gerando grandes incertezas na sociedade global, não apenas para

as nações rivais, como a Rússia e a China, mas também os países aliados, como Canadá, México, União Europeia e o Panamá. Todas estas medidas acabam criando mais incertezas e mais dúvidas sobre a sociedade internacional, gerando mais rivalidades, antagonismos e constrangimentos.

O protecionismo norte-americano vem ganhando novos contornos, recentemente o governo exigiu que a empresa detentora do Tik Tok, ByteDance, vendesse seu controle acionário para um grupo local, alegando, como sempre, risco à segurança nacional, alegação esta que está sendo utilizada pelo governo estadunidense para vetar a aquisição de uma empresa siderúrgica local, a US Steel, que está sendo adquirida por um grande conglomerado siderúrgico japonês, Nippon Steel, alegando novamente risco à segurança nacional do país.

Vivemos num momento de grandes instabilidades, os governos estão adotando políticas protecionistas para fortalecer as atividades internas e recuperar seus setores industriais, adotando políticas nacionalistas, aumentando os subsídios fiscais e tributários para atrair empresas estratégicas de ponta, aumentando a animosidade entre os atores econômicos, gerando fortes constrangimentos políticos, levando as nações a conflitos militares que podem culminar em destruições generalizadas.

Neste cenário de forte protecionismo interno das nações desenvolvidas, marcadas pelo aumento das concorrências comerciais e produtivas, encontramos estratégias diferentes e variadas, alguns países protegem seus setores econômicos, fortalecem suas estruturas nacionais, exigindo empresas locais comprometidas com um projeto nacional, enquanto outros países, verdadeiros vassalos submissos ao mercado financeiro global, vendem seus conglomerados econômicos e produtivos a preços irrisórios, enriquecem as custas da miséria da população e acreditam serem verdadeiros patriotas.

Desafios cotidianos

Todos sabemos que vivemos numa sociedade marcada por grandes transformações estruturais, que impactam fortemente sobre todos os grupos sociais, exigindo dos seres humanos uma constante atualização, levando empresas e sistemas produtivos a se reinventarem cotidianamente como forma de manter seus espaços e ampliar sua atuação no mercado.

Vivemos numa sociedade marcada pela intensa competição e pela concorrência, onde os Estados Nacionais estão buscando proteger seus setores produtivos, aumentando seus subsídios fiscais e financeiros, criando barreiras comerciais para proteger as suas empresas nacionais, garantindo e mantendo o emprego de seus trabalhadores, incrementando a renda da população, movimentando as vendas internas, dinamizando a arrecadação e consolidando bons indicadores econômicos e sociais.

Vivemos numa sociedade marcada por grandes transformações no mundo do trabalho, o crescimento da tecnologia alterou fortemente as relações entre capital e trabalho, o surgimento do mundo digital gerou novos espaços de competição e trouxe novos desafios para os agentes econômicos, exigindo das empresas uma atualização constante, investimentos crescentes e a busca acelerada por profissionais altamente qualificados.

Vivemos numa sociedade onde as transformações tecnológicas estão em crescimento acelerado, gerando desemprego crescente, aumentando a informalidade, destruindo postos de trabalho e um incremento da desesperança da população, neste cenário, percebemos o aumento dos desequilíbrios afetivos e emocionais, onde o trabalho se transformou num ambiente de angústias, lamúrias e sofrimentos, além de percebermos o aumento, em escala global, de transtornos ligados ao mundo do trabalho, da ansiedade, da depressão e do suicídio.

Vivemos num momento de grandes transformações no meio ambiente, neste cenário, precisamos buscar novas fontes de energias alternativas e

novas formas de organização produtiva, sabemos que o modelo econômico dominante e fortemente baseado no petróleo, no extrativismo e no gás natural estão com dias contados, neste momento, as nações estão se movimentando internacionalmente para rever estruturas produtivas, consolidar parcerias estratégicas e construir uma nova governança global, mais inclusiva, mais solidária, mais autônoma e mais soberana.

Vivemos numa sociedade marcada pela informação, pelo conhecimento e pelas grandes transformações tecnológicas, neste cenário, algumas nações ganharam espaço neste novo ambiente de concorrência global, nações que nos anos 1970 eram pobres e miseráveis e que, politicamente, conseguiram construir um consenso interno em prol do desenvolvimento econômico, estimulando fortes investimentos em capital humano, política industrial ativa, exigência de transferência de tecnologia, com cobranças constantes de desempenho exportador para a conquista de novos mercados. O exemplo claro são as nações asiáticas, que atualmente colhem frutos positivos, com melhorias substanciais em suas estruturas econômicas, estimulando seus setores produtivos para a competição global, além de maciços investimentos em pesquisa científica, educação e tecnologia.

O mundo está passando por grandes transformações em todas as áreas e setores, nestas mudanças e reviravoltas, estamos percebendo o surgimento de novos atores econômicos e produtivos, além de novas hegemonias geopolíticas, diante disso, faz-se necessário, que países com o potencial do Brasil, deveriam aprender com exemplos exitosos e valorosos, industrializando suas estruturas produtivas, agregando valor as exportações nacionais, investindo em capital humano, evitando polarizações políticas degradantes, gerenciando seu amplo potencial de energias alternativas, eliminando subsídios desnecessários, focando na melhoria das condições de vida da população e reduzindo os benefícios de poucos em detrimento da maioria da população.

Onde erramos?

As mudanças na sociedade contemporânea criam sentimentos variados, de um lado, encontramos grupos eufóricos com o desenvolvimento da tecnologia, novos modelos de negócios e grandes descobertas científicas, com ganhos para os seres humanos. De outro lado, percebemos uma desesperança que nos geram grandes preocupações pelo crescimento assustador da pobreza, ascensão da desigualdade, incremento dos conflitos militares e o aumento da exclusão, afinal mais da metade da população global vive em condições indignas, sem perspectivas, sem oportunidades, sendo obrigados a se entregarem a ocupações precárias e insalubres, com isso, percebemos uma perpetuação da indignidade dos indivíduos. Neste cenário, poderíamos destacar uma questão que nos aflige: onde erramos como seres humanos?

Ao analisarmos as visões destes dois grupos, percebemos que ambos estão corretos em suas análises, vivemos num momento de grande desenvolvimento das tecnologias, com potencial para melhorarmos as condições de vida dos seres humanos, mas para que isso aconteça, a contento, precisamos encontrar um ponto de equilíbrio nestas percepções. Os avanços do conhecimento científico é um ativo fundamental da civilização e deve melhorar as condições de vida das pessoas e das comunidades, não apenas para uma pequena parte dos indivíduos, afinal, estamos vislumbrando uma situação marcada por um grande distanciamento dos grupos sociais, uns muito ricos e poderosos, dotados de grande poder material e, ao mesmo tempo, uma legião de miseráveis degradados e sem perspectivas palpáveis de melhorias, culminando, certamente, em uma verdadeira guerra civil.

Estamos caminhando a passos largos para a metade do século XXI e as discussões são primitivas, estamos questionando valores que nos definem como civilização, estamos deixando de lado o combate aos preconceitos, deixando de defender o clima, promover a inclusão social e a diversidade, assuntos prioritários estão sendo colocados em segundo plano. No lugar, estamos nos concentrando em assuntos desnecessários

e desconexos, defendendo privilégios de terceiros que pouco trazem de positivo para a sociedade, estamos perdendo tempo visualizando *fake News* e as divulgando para acreditar que somos conscientes politicamente, defendendo brutalidades e acreditando que isso resolve o problema da segurança pública, além de defender uma falsa liberdade de expressão que serve apenas para gerar uma sociedade alienada, ignorante e facilmente dominada.

Precisamos estimular discussões mais sólidas e maduras, afinal, num mundo de constantes transformações estamos ficando, cada vez mais atrasados, sem espaços e sempre dependentes tecnologicamente, constantemente escravos das novas tecnologias, máquinas e equipamentos que compramos a preço de ouro e nos descrevemos como empreendedores e inovadores, será mesmo?

Precisamos repensar os pactos de mediocridades que cultivamos todos os anos, precisamos compreender que para nos transformarmos numa nação civilizada necessitamos incluir a nossa população, dando oportunidade e chance de ascensão social, investindo fortemente em capital humano, diversificando nossa pauta produtiva e deixando de fomentar o rentismo que perdura nos primórdios da sociedade.

Para respondermos à pergunta inicial precisamos saber o que queremos no futuro: será que queremos cultivar a desigualdade e a exclusão que caracterizam a sociedade brasileira? Muitos querem, estão satisfeitos com a situação que vivenciamos, agora, para aqueles que estão preocupados, precisamos rever as discussões desnecessárias e equivocadas que dominam a sociedade, precisamos rever prioridades, garantir direitos básicos, como água potável, saúde, educação e alimentação. Em suma, o direito a uma vida digna.

Cenário Turbulento

O retorno de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos da América gerou graves acanhamentos para a sociedade internacional, com a adoção de medidas unilaterais, ameaças generalizadas, taxações crescentes, chantagens variadas, saída de organismos multilaterais, conflitos com aliados históricos e deportações em massa de imigrantes ilegais, todas estas medidas criaram graves constrangimentos para a sociedade mundial, podendo levar a um isolacionismo norte-americano que impacta negativamente sobre o comércio global, ainda mais, quando percebemos que a economia mundial, desde o incremento da globalização, se integrou em cadeias produtivas, onde a produção de mercadorias, bens e serviços estão divididas em variados países e regiões, uma nova forma de divisão internacional do trabalho.

O furacão Donald Trump pode gerar conflitos generalizados em todas as regiões do globo, afinal os Estados Unidos comercializam com todas as regiões do mundo, importando e exportando bens e serviços para muitas nações. Se as políticas adotadas pelo “novo” governo dos Estados Unidos prejudicarem de forma variada outros países, estas nações, com certeza, retaliarão as políticas norte-americanas, gerando maiores incertezas no comércio global, aumentando os preços internos, incrementando a inflação e levando a Autoridade Monetária a aumentarem as taxas de juros como forma de controlar os preços e evitar um processo inflacionário que poderia desequilibrar o sistema econômico e produtivo.

No caso brasileiro o impacto é imediato e preocupante, a elevação dos Juros nos Estados Unidos absorve grandes estoques de dólares na economia mundial, desvalorizando as moedas nacionais e imediatamente os Bancos Centrais, como o brasileiro, aumentará seus juros internos para evitar uma fuga de dólares, com o incremento dos juros internos a economia tende a atrair recursos especulativos, estimulando os ganhos fáceis de poucos agentes econômicos, fortalecendo o rentismo, aumentando o endividamento dos Estados e aumentando a cobrança dos financistas que exigem uma redução dos

dispêndios sociais, vislumbrando o pagamento de juros estratosféricos arbitrados pela Autoridade Monetária.

Com menos de dez dias na presidência dos Estados Unidos, Donald Trump gerou preocupações com todos os imigrantes ilegais, deportando de forma violenta cidadãos de outras nações, gerando constrangimentos diplomáticos com países menores e mais frágeis politicamente, gerando revolta, ressentimentos e insatisfação com essa política de deportação agressiva. Essas medidas unilaterais podem levar muitas nações a bandearem para o lado dos chineses, aprofundando as relações comerciais e geopolítica com o maior concorrente dos Estados Unidos, levando os norte-americanos a um possível isolacionismo político e comercial que podem fragilizar os fluxos de comércio entre as nações, estimulando o crescimento do protecionismo, além de aumentar as taxações de produtos externos, gerando um verdadeiro caos econômico e produtivo, afinal a economia global se estrutura na interdependência e na integração entre as nações.

Além das posturas beligerantes nas questões de deportação em massa de imigrantes ilegais, as ameaças ao vizinho México, a anexação da Groenlândia e do Canadá geraram incertezas e preocupações, para piorar o cenário, o “novo” governo norte-americano abandonou organismos tradicionais, como Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Acordo de Paris, enfatizando um unilateralismo e uma imaturidade que nada auxilia na resolução dos grandes desafios da sociedade mundial, na verdade aprofunda um caos que serve para interesse de poucos em detrimento da maioria.

Guerras Comerciais

O comércio internacional passou por grandes transformações nas últimas décadas, inúmeras nações atrasadas, produtoras de produtos primários de baixo valor agregado, ganharam relevância no cenário global e se transformaram em grandes atores produtivos, ganhando escala e produtividade no mercado mundial, melhorando suas estruturas econômicas, diversificando a produção, consolidando suas instituições, ganhando espaço geopolítico, levando ao enriquecimento e melhorando as condições de vida da população, um verdadeiro milagre impulsionado pelo comércio.

As trocas comerciais entre as nações impulsionam o crescimento das economias, aumentando a geração de renda, melhorando o salário da população, fortalecendo o consumo interno, aumentando as receitas tributárias dos governos nacionais e contribuindo diretamente para a melhora das condições de vida da população, levando a sociedade a investimentos em infraestrutura, levantando escolas, universidades, centros de pesquisas, hospitais e consolidando o capital humano, dando um impulso para o desenvolvimento econômico.

No século XX, os Estados Unidos foi o grande pioneiro do desenvolvimento econômico, comercializando com todas as regiões do globo, diversificando sua estrutura produtiva, incrementando a produtividade, investindo fortemente em pesquisa científica e tecnológica, expandindo seus domínios econômicos para o espaço e se destacando nas mais variadas áreas do conhecimento, se transformando na nação hegemônica, dotada de grandes oportunidades e a mais admirada, ao mesmo tempo, a mais temida do cenário internacional.

Depois dos anos 1990 as nações asiáticas passaram a ganhar espaço dos Estados Unidos no cenário global, incrementando um embate que perdura há muitas décadas, inicialmente o confronto foi com o Japão e, posteriormente, foram os chineses, de longe o maior desafio para a sociedade norte-americana. A ascensão da China representa um concorrente jamais visto, afinal, estamos falando da maior estrutura

comercial do mundo, responsável por um setor industrial que produz mais de US\$ 4 trilhões e detém um superávit comercial de mais US\$ 1 trilhão, um valor inimaginável.

Percebendo a ameaça chinesa, a “nova” administração dos Estados Unidos vem incrementando políticas para diminuir a dependência do concorrente asiático, espalhando tarifas comerciais, impondo proteção a empresas nacionais, ameaças generalizadas e represálias agressivas a empresas chinesas. Neste pacote de variadas políticas protecionistas, muitos aliados estão sendo taxados, gerando graves constrangimentos diplomáticos, tais como vizinhos tradicionais, como o México, Panamá e Canadá.

Neste embate para retomar a liderança global, os Estados Unidos da América vêm perdendo espaço na sociedade global, antes era visto como o líder inconteste da sociedade global, hoje sua atuação está sempre gerando conflitos e constrangimentos, estimulando guerras e destruições, difundindo agressões, rancores e ressentimentos, além de uma atuação titubeante, imatura e sempre visando seus interesses particulares, deixando de ser um farol da civilização e se transformando num espaço de degradação moral.

Num ambiente de grandes desafios climáticos, preocupações com problemas energéticos e do aquecimento global, além de grandes conflitos militares que crescem em todas as regiões do globo, precisamos repensar a governança global e fortalecer os laços políticos e sociais entre as nações, criando instrumentos de integração e interdependência, rechaçando todas as medidas unilaterais e individualistas adotadas pelo “novo” governo norte-americano, afinal, a história recente nos mostra que esse unilateralismo nos leva a grandes destruições, agressividades e devastações civilizacionais.

Tarifas, subsídios e protecionismo.

O ano de 2025 começou com grandes alterações nas relações econômicas, políticas e produtivas entre as nações, gerando mal-estar, preocupações crescentes e desconfianças generalizadas, cujos resultados são desconhecidos por completo. O retorno de Donald Trump é o epicentro destas grandes alterações sobre o cenário internacional, gerando variadas políticas protecionistas, novas tarifas e alíquotas comerciais e confrontos com nações e grupos de nações, que podem catalisar maiores confrontos entre países hegemônicos.

No cerne destas discussões e políticas protecionistas, estão a perda de espaço da economia norte-americana no cenário global, que embora seja a maior economia do mundo, apresenta uma perda crescente de competitividade dos setores industriais e produtivos, ainda mais quando percebemos a ascensão asiática, notadamente a chinesa, que busca um reequilíbrio de poder e de riqueza num mundo volátil, incerto, quente, volumoso e marcado pelo predomínio do mercado financeiro global.

Nesta crescente guerra comercial que vivemos atualmente, as nações buscam defender seus setores econômicos e produtivos, impondo alíquotas de importações maiores, novas formas de proteção industrial, taxação de empresas vistas como estratégicas e medidas claras de proteção interna, defendendo seus empregos, suas empresas e a renda de sua população, garantindo crescimento econômico.

Numa economia globalizada, muitas políticas protecionistas adotadas pelos governos podem gerar graves constrangimentos internos para sua estrutura produtiva, elevando custos de produção e culminando no incremento dos preços internos, gerando inflação e medidas de austeridade das Autoridades Monetárias, elevando as taxas de juros e desacelerando a economia nacional, com graves impactos sobre a renda nacional e a geração de emprego.

É importante que as economias nacionais compreendam os grandes desafios da sociedade contemporânea, as pressões comerciais e políticas dos norte-americanos devem ser vistas com tranquilidade e maturidade

e, ao mesmo tempo, precisamos preservar a soberania e a autonomia nacionais, afinal, muitas das políticas anunciadas pelo governo norte-americano são uma verdadeira afronta a democracia e a soberania dos parceiros comerciais.

Muitas destas políticas anunciadas pelo governo Donald Trump podem levar parceiros históricos a se bandearem para o lado chinês, buscando novas oportunidades comerciais, recursos monetários e financeiros para financiar sua expansão comercial e produtiva, além de angariar proteção contra as retaliações estadunidense, desta forma, estamos vislumbrando uma grande transformação geopolítica mundial, um redesenho da estrutura produtiva e novas formas de poder e de riqueza.

A ascensão chinesa está reconfigurando a estrutura global de poder, levando o governo norte-americano a uma postura mais agressiva e pragmática, neste momento, as economias em desenvolvimento, como a brasileira, precisam compreender os desafios que se avizinham, atraindo investimentos asiáticos, buscando a transferência de tecnologias, construindo parcerias estratégicas para investimentos em infraestrutura necessárias para o crescimento econômico, mas ao mesmo tempo, construir consensos internos para investir fortemente em capital humano, incrementando os recursos orçamentários para a pesquisa científica e tecnológica, deixando de lado recursos obscuros que abastecem os ralos da corrupção e contribuem ativamente para a perpetuação dos desequilíbrios que caracterizam a sociedade brasileira. Vivemos um momento único para isso, precisamos forjar lideranças que compreendam o momento histórico e compreendam as oportunidades que se abrem para a coletividade.

Desafios

Vivemos num momento marcado por muitas transformações interessantes, um período de grandes alterações estruturais na sociedade internacional, com impactos para todas as nações, alterações organizacionais, com modificações comportamentais dos indivíduos, demandas crescentes dos consumidores e mudanças gigantescas no mundo do trabalho, exigindo atualizações constantes, capacitações cotidianas e qualificações emocionais e espirituais.

Neste momento, percebemos o crescimento dos conflitos militares e investimentos crescentes na indústria bélica, onde regiões inteiras estão reservando recursos orçamentários, recursos estes inexistentes, para investirem na indústria da defesa, deslocando bilhões de recursos para a segurança e deixando levas gigantescas de trabalhadores e cidadãos sem recursos materiais, sem infraestrutura, sem saúde pública, sem educação e sem dignidade, com isso, percebemos os burburinhos na sociedade, medos e desesperanças crescentes.

Neste cenário de grandes desafios, percebemos que as nações estão envoltas em desequilíbrios fiscais e financeiros, levando a classe política a perderem credibilidade, gerando o crescimento de grupos e setores políticos que defendem rupturas abruptas na estrutura política como forma de resolver os grandes desafios da sociedade contemporânea, desta forma, percebemos o surgimento de variados confrontos nas mais variadas regiões do mundo.

No Brasil, percebemos inúmeros desafios e oportunidades, ainda mais num momento como este, onde as nações estão envoltas em preocupações políticas e desequilíbrios econômicos, exigindo, internamente, variadas escolhas imprescindíveis, atacando as heranças milenares, os variados privilégios arraigados e uma grande gama de atrasos históricos que se fazem presentes em todas as épocas e lugares, além de perpetuarem as desigualdades conhecidas e pouco atacadas pelos donos do poder.

Neste ambiente de confrontos comerciais e retóricas agressivas, o Brasil precisa se preparar para as grandes transformações econômicas e geopolíticas em curso na sociedade global, com isso, faz-se necessário escolher um caminho seguro, inclusivo e transparente, evitando alinhamentos automáticos com nações em confronto, sabendo que temos limitações tecnológicas, fragilidades produtivas e dependência de países mais avançados e detentores de conhecimentos que pouco dominamos.

Diante destes desafios, o Brasil precisa construir novos consensos políticos, deixando de lado conversas desnecessárias e pouco produtivas que pululam na mídia corporativa e nos parlamentos, precisamos discutir as oportunidades que se abrem nos confrontos hegemônicos que se apresentam na sociedade global, investindo maciçamente em educação de qualidade, valorizando os cientistas e pesquisadores nacionais, fortalecendo as instituições de fomento e utilizando as compras governamentais como um claro instrumento de fortalecimento da estrutura nacional, precisamos valorizar nossos sistemas produtivos e exigir dos investidores internacionais, as fundamentais e imprescindíveis, transferências de tecnologias, instrumentos adotados para as nações que conseguiram dar saltos de produtividade, aumentando o crescimento econômico, o bem-estar da população e as transformações nas estruturas produtivas, gerenciais e comerciais.

Os desafios são enormes para nações como o Brasil, com sua herança de pilhagem, de escravidão, de baixo salário e de desigualdades crescentes, afinal, somos uma das dez maiores economias do mundo, mesmo assim, possuímos mais de 50 milhões de cidadãos que não possuem saneamento básico, mais de 40 milhões de trabalhadores que sobrevivem na informalidade, milhões de crianças vivendo na indignidade, milhões de lares vivendo na escuridão e, mesmo assim, os discursos dominantes nos meios de comunicação são pouco condizentes com a realidade da população.

Nova Dependência

Vivemos momentos de grandes transformações na sociedade global, estas grandes alterações estão redefinindo as estruturas de poder e de riqueza, criando uma nova economia, com novos desafios para o desenvolvimento das nações e, ao mesmo tempo trazendo grandes desafios, lembrando que, para colher frutos positivos para a sociedade, fazem-se necessárias uma ampla preparação interna, com maciços investimentos em capital humano e a consolidação de instituições políticas e econômicas.

Historicamente o Brasil sempre se caracterizou por ser uma economia exportadora de produtos primários de baixo valor agregado, estruturada em um modelo econômico que se pautou por grandes propriedades, monocultura exportadora e trabalho escravo, características que ainda existem fortemente na atualidade. Somos uma grande nação exportadora de produtos primários com baixo valor agregado, desta forma, somos dependentes do mercado externo, os preços dos nossos produtos são definidos pelo mercado internacional e, somos historicamente importadores de produtos industrializados, compramos máquinas e tecnologias dos países mais avançados, estes sim definem os preços dos seus produtos vendidos no mercado externo.

As riquezas naturais extraídas de países mais atrasados economicamente eram utilizadas para alavancar o crescimento econômico das nações desenvolvidas, um modelo produtivo bastante agressivo economicamente e uma estrutura de comércio desleal que sempre gerou grandes privilégios para os países do norte global em detrimento das nações do sul, garantindo uma exploração institucionalizada pelas regras internacionais criadas pelas nações desenvolvidas, e aceitas passivamente pelas elites locais, que enriqueciam garantindo migalhas e que se satisfaziam com a pobreza e a miséria de sua população.

No século XX, o Brasil ensaiou um processo de industrialização tardia, com fortes investimentos estatais para transformar a estrutura produtiva, criando variadas empresas públicas para alavancar o

crescimento econômico, com isso, demos um salto gigantesco e passamos ao rol das dez maiores economias do mundo, preocupando nações industrializadas e gerando calafrios pelo forte potencial de crescimento econômico e produtivo, se sabidamente somos dotados de grandes riquezas naturais e minerais e se, conseguíssemos, construir um forte setor industrial, moderno, inovador e dinâmico?

Com os fortes movimentos econômicos e produtivos gerados pela globalização e pela abertura econômica, perdemos espaço no comércio internacional e passamos a vivenciar um processo de desindustrialização precoce e o setor primário exportador voltou a dominar as exportações brasileiras, exportando minério de ferro e importando produtos industrializados, exportando produtos *in natura* e importando produtos sofisticados, máquinas e tecnologias avançadas, retomando uma dependência que sempre caracterizou a sociedade brasileira.

Hoje percebemos uma nova dependência em curso na sociedade global, estamos, novamente, acreditando no canto da sereia das nações desenvolvidas, estamos aceitando a venda de produtos primários estratégicos, as mercadorias mais demandadas são as chamadas terras raras, minérios utilizados nas grandes *big techs* para garantir sua hegemonia no mercado global e, continuamos a ser importadores de tecnologias avançadas, nos tornando dependentes do mercado externo e deixando de lado nosso gigantesco potencial científico e tecnológico, entregando os investimentos estratégicos para empresas estrangeiras que pouco conhecem nossa trajetória, deixando de lado a ciência nacional, os pesquisadores e todos aqueles que acreditam verdadeiramente no enorme potencial deste país.

Retaliações

Vivemos momentos de apreensões constantes, todos os dias somos bombardeados por informações preocupantes, desastres naturais motivados pelo descaso dos protocolos ambientais, violências crescentes, confrontos verbais e desrespeitos generalizados que crescem de forma acelerada, criando discórdias, medos e ressentimentos em todas as regiões.

Neste cenário, percebemos o crescimento de propostas equivocadas e simplistas que pululam nos parlamentos globais, governos incapazes de compreender as raízes estruturais dos graves constrangimentos que pairam na sociedade global, tais medidas aumentam os confrontos entre nações e dentro dos países, espalhando medidas que aumentam a repressão e a violência urbana, deixando de lado os investimentos na formação educacional para a cidadania, desta forma, percebemos o incremento dos ressentimentos arraigados que culminam em graves desequilíbrios sociais, políticos e culturais, levando os indivíduos a buscarem um salvador da pátria que consiga melhorar as condições de vida da população e evitem as humilhações cotidianas.

Neste momento, percebemos o crescimento de políticas protecionistas, que crescem de forma acelerada, gerando graves instabilidades nos acordos comerciais, nas trocas econômicas e produtivas e estimulando o incremento de ressentimentos entre nações, num momento fundamental para que as nações e seus líderes se aproximem para evitar os graves constrangimentos gerados pelo aumento da temperatura global, que estão motivando variadas alterações no meio ambiente, modificações climáticas e possíveis transformações em setores econômicos e produtivos, redesenhandando a geopolítica mundial.

O crescimento do protecionismo estimulado pela “nova” administração norte-americana tende a gerar graves retaliações em todas as regiões do mundo, nações ameaçadas devem se proteger para reduzir suas perdas econômicas e financeiras, nações sobretaxadas tendem a adotar políticas de retaliação, evitando graves constrangimentos para seus

produtores locais e, no final das contas, os preços devem aumentar de forma acelerada, prejudicando seus cidadãos que tendem a perceber sua perda de poder de compra.

Vivemos numa sociedade altamente integrada e interdependente, alterações bruscas em qualquer lugar no cenário global tendem a impactar fortemente todos os atores econômicos e produtivos, ainda mais, quando percebemos que as incertezas e as instabilidades são geradas pela maior economia do mundo, catalisadora de políticas protecionistas motivadas pela proteção de seu setor produtivo e, desta forma, as outras nações tendem a adotar as mesmas políticas, aumentando os constrangimentos na economia internacional e incrementando as incertezas políticas.

As políticas protecionistas adotadas pelos Estados Unidos da América objetivam a reestruturação industrial, o aumento da produtividade da economia e o fortalecimento de toda a sua estrutura produtiva, fortalecendo a economia do país, gerando empregos melhores e salários maiores, fortalecendo o mercado interno, garantindo um setor produtivo mais sólido e consistente para angariar forças na concorrência com o mercado global e condições efetivas para superar seu maior competidor.

Neste momento de grandes incertezas e instabilidades, percebemos que as políticas protecionistas tendem a gerar graves constrangimentos para as nações e o incremento das retaliações comerciais, que devem levar governos a estimularem um processo de industrialização e uma reestruturação dos seus setores econômicos e produtivos.

A literatura econômica nos mostra que todas as nações que se desenvolveram, antes conseguiram seu processo de industrialização, quem sabe, neste momento de protecionismos crescentes, os ventos da industrialização contagiem nossa elite e nos tragam novos horizontes de desenvolvimento econômico.

Desaceleração Econômica

A economia internacional vem passando por grandes momentos de incertezas e instabilidades, geradas pelas movimentações protecionistas adotadas pelo governo norte-americano, com impactos generalizados para todas as economias nacionais e preocupações para os setores produtivos, inibindo investimentos, postergando parcerias econômicas e movimentações estratégicas.

Nos últimos dias, percebemos preocupações crescentes dos analistas econômicos e financeiros sobre uma possível recessão nos Estados Unidos, com repercussão negativa para toda a economia internacional, aumentando a volatilidade do comércio internacional, impulsionadas pelas políticas protecionistas adotadas pela nova administração norte-americana, que buscam a reestruturação dos setores industriais e produtivos, mas que podem colher resultados adversos.

A adoção sistemática de políticas protecionistas pela administração dos Estados Unidos tende a gerar graves constrangimentos para a sociedade norte-americana, aumentando os preços internos, com incremento sistemático da inflação, exigindo alterações constantes das estratégias produtivas dos setores econômicos, gerando incertezas e instabilidades que tendem a prejudicar as relações comerciais entre as nações, gerando inimizades e ressentimentos crescentes.

Recentemente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados do produto interno bruto (PIB) do ano de 2024, trazendo informações interessantes sobre o comportamento da economia nacional, dados positivos, números robustos e algumas reflexões preocupantes. Segundo o IBGE, a economia brasileira cresceu no ano passado 3,4%, impulsionada pelo consumo das famílias que chegaram a um incremento de 4,8%, um número bastante auspicioso para o governo, mas percebemos uma nítida desaceleração econômica no último trimestre, motivada pelo aumento dos preços dos alimentos, pelas incertezas externas e pelo aumento das taxas de juros internos,

tudo isso contribuiu ativamente para o crescimento das incertezas e as preocupações sobre os investimentos produtivos.

O desenvolvimento econômico é imprescindível para todas as nações, servindo como instrumento de melhorias estruturais para toda a população, reduzindo a pobreza, a exploração e a miséria nacionais, aumentando as oportunidades de ascensão social, melhorando e consolidando políticas públicas, investindo fortemente em capital humano, canalizando sólidos recursos no desenvolvimento científico e tecnológico, mas para isso, é fundamental a construção de um consenso interno dos setores econômico, político e social, evitando boicotes e impedindo a limitação das capacidades internas de desenvolvimento nacional.

Percebemos o crescimento dos desajustes econômicos e financeiros globais em todas as regiões do mundo, a recessão econômica com graves constrangimentos sociais e políticos, tendem a pulular em muitas nações, levando os governos a adotarem políticas intervencionistas, além de medidas tarifárias para estimularem seus setores produtivos, tudo isso contribuiu para o crescimento da insegurança interna, aumentando os medos e a desesperança, um espaço crescente para a adoção de políticas populistas que flirtam cotidianamente com os ideários da extrema-direita, como estamos vislumbrando nos países europeus e em muitas regiões do planeta.

No mundo globalizado, caracterizado pela interdependência entre nações, se faz necessário, além das integrações econômica e produtiva, viabilizar a integração política e a consistência diplomática, sem estas últimas, e num cenário marcado por uma nação que quer impor seus interesses econômicos e político para a comunidade internacional, o mundo caminha a passo largos para um conflito militar com consequências impossíveis de mensurar.

Confusão e ameaças

Nos últimos sessenta dias a comunidade internacional vem passando por grandes controvérsias econômicas e políticas, com confusões variadas e preocupações crescentes, motivadas pelas políticas equivocadas implementadas pela nova administração dos Estados Unidos da América, espalhando críticas imediatas na comunidade internacional, aumentando o ódio e o ressentimento entre adversários e, pasmem, até mesmo estas políticas estão afetando os aliados, criando pânico, revolta e desconfiança.

Neste período, o governo norte-americano vem adotando políticas fortemente unilaterais, impondo tarifas comerciais e medidas protecionistas para todos os parceiros, apresentando desejo de anexar territórios externos, gerando preocupações para toda a comunidade internacional, impactando sobre acordos comerciais assinados anteriormente, prejudicando as estratégias de empresas nacionais e internacionais e criando um clima de insegurança, incertezas e preocupações sobre os rumos dos negócios na economia internacional.

Das medidas destacamos os confrontos crescentes com aliados históricos dos Estados Unidos, como a Europa Ocidental, levando seus governos a alterarem suas políticas de defesa nacional e, desta forma, a União Europeia está se preparando para uma verdadeira escalada militar, num projeto ambicioso e orçado em quase 1 trilhão de euros, recursos inexistentes atualmente no bloco e que tendem a criar novos descontentamentos com a população, servindo de um verdadeiro combustível para o crescimento da extrema direita. Neste cenário de grandes incertezas na União Europeia, onde os governos nacionais europeus vão levantar recursos para a indústria da defesa? A pergunta é intrigante e urgente, mas a resposta passa pelas políticas do Estado do Bem-estar Social que devem minguar para financiar os fabulosos gastos bélicos e militares, contribuindo efetivamente para espalhar em toda a região, misérias, pobrezas e indignidades.

As políticas implementadas pelo governo norte-americano estão gerando calafrios para os aliados do norte da América, levando países como o México e o Canadá a estudarem e, posteriormente, adotarem como forma de defenderem seus setores produtivos e seus interesses nacionais, protegendo as suas empresas e toda economia, defendendo seus trabalhadores e garantindo seu mercado interno.

As medidas implementadas pelo governo de Donald Trump estão criando novos constrangimentos na comunidade internacional, levando inúmeros países a recorrerem a Organização Mundial do Comércio (OMC), buscando a mediação de organismos mundiais para evitar o crescimento do protecionismo global, cujos impactos tendem a ser devastadores para o comércio global, levando as nações a aumentarem o isolacionismo.

Numa sociedade centrada no imediatismo, no individualismo, no narcisismo e na busca frenética pelo lucro monetário, onde os atores econômicos e produtivos olham apenas para o curto prazo e pelos ganhos imediatos, os confrontos crescem fortemente na seara do comércio internacional e na geopolítica tendem a se espalhar para todas as áreas da comunidade global, aumentando as tensões entre as nações, com o incremento dos investimentos bélicos e militares e a redução sistemática dos gastos sociais e das políticas públicas que beneficiam a maioria da população, desta forma, estamos caminhando a passos largos para uma destruição total e inimaginável, atuando como seres humanos irracionais e individualistas, nos distanciando rapidamente do comportamento daqueles que chamamos de animais.

Paraíso Fiscal

Na sociedade brasileira percebemos o crescimento das discussões referentes a tributação e a reforma tributária, assuntos sempre desconhecidos para a grande maioria da população, principalmente para os mais pobres, atualmente observamos alguns ruídos para que o assunto volte à tona, embora uma pequena parte de abastados e endinheirados usem seus poderes monetários e financeiros para evitar uma discussão estrutural, afinal são eles os grandes ganhadores do sistema tributário nacional.

Somos uma nação marcada por grandes desigualdades sociais, econômicas e políticas, carecemos de uma educação mais consistente, necessitamos de um setor de saúde mais eficiente e serviços públicos mais qualificados para atenderem as demandas cotidianas da sociedade, ainda mais num mundo marcado por grandes transformações tecnológicas e movimentações geopolíticas e econômicas. Todos os cidadãos brasileiros sabem que temos inúmeros problemas estruturais que remontam a nossa independência, existem algumas medidas que devem trazer ganhos maiores para a sociedade e impedir que os indicadores degradantes de renda aumentem crescentemente, neste cenário, faz-se necessário uma verdadeira reforma tributária progressiva, onde os que ganham mais proporcionalmente devem pagar mais, evitando que se perpetuem uma situação tributária que se aproxime de um verdadeiro paraíso fiscal.

O sistema tributário é fundamental para alavancar o crescimento econômico, retirando recursos da economia para incrementar os serviços sociais, melhorando a infraestrutura e capacitando os sistemas econômicos e produtivos para gerar empregos de qualidade, melhorando as condições de vida da população e levando a nação ao tão sonhado desenvolvimento econômico.

No Brasil, percebemos uma situação chocante e assustadora, vivemos num país que isenta os grandes milionários e bilionários, donos do capital, isentando-os de pagarem dividendos estrondosos, com altas isenções fiscais e regimes especiais para pagamentos reduzidos e, erroneamente, tributando fortemente o consumo das classes mais empobrecidas e a chamada classe média que respira artificialmente à décadas, uma classe em extinção, empobrecida, dona de empregos precários e marcada pelo endividamento gerado por taxas juros escorchantes, uma das maiores da economia internacional, que remunera os privilégios de uma elite improdutiva, corrupta e que se define, falsamente como nacionalista.

Num momento de possíveis discussões tributárias, críticas crescentes nas questões fiscais, os grupos mais organizados e dotados de grandes

recursos monetários usam seus poderes financeiros para perpetuarem seus ganhos escorchantes, fortalecendo suas isenções fiscais e tributárias e preservando seus ganhos num sistema fortemente regressivo e usam seus canais de comunicação para gritar contra os gastos elevados do governo, mas se “esquecem” de suas responsabilidades tributárias e perpetuam um sistema tributário regressivo que patrocina e perpetua uma desigualdade estrutural da sociedade.

A sociedade internacional está passando por grandes transformações, uma verdadeira mutação está em curso no mundo contemporâneo, neste momento esperamos medidas efetivas, consistentes e urgentes para avivar a esperança da coletividade, precisamos rever privilégios crescentes para poucos privilegiados, reduzir penduricalhos daqueles que se acreditam iluminados, além de taxar grupos que pouco pagam, concentrar isenções para grupos que trazem ganhos substanciais para a sociedade, criando parâmetros racionais e evitando interferências políticas, neste momento precisamos ter a coragem para favorecer a grande maioria da população em detrimento dos interesses mesquinhos e imediatistas que sempre extraíram recursos nacionais e canalizaram investimentos para os verdadeiros paraísos fiscais, garantindo a pecha de um dos países mais desiguais da comunidade internacional.

Incógnitas

Numa sociedade global marcada por grandes mutações, onde os agentes econômicos se digladiam como forma de garantir novos espaços de crescimento, onde os modelos de negócios se transformam diuturnamente, onde as tradições estão em constante movimento, onde os seres humanos sofrem num ambiente de incertezas crescentes, onde os conflitos crescem de forma acelerada, tudo isso impulsiona as instabilidades emocionais, ansiedades e depressões.

As decisões econômicas impactam fortemente sobre os seres humanos, os investimentos produtivos impulsionam a geração de emprego, com melhorias substanciais da renda dos trabalhadores, aumentando o consumo e movimentando os setores produtivos, impactando fortemente para toda a comunidade. As decisões econômicas melhoram as condições de vida da coletividade, capacitando e qualificando os setores produtivos para aumentarem a produtividade do trabalho, preparando a economia para desafios e vislumbrando espaços valiosos de crescimento econômico e perspectivas de desenvolvimento.

Vivemos numa sociedade onde a economia ganhou uma relevância exagerada, a ciência econômica se restringe apenas a questões financeiras, todos os indivíduos pensam como empresas, se vendem como se fossem mercadorias, buscando apenas lucros imediatos, melhorando suas imagens externas como uma grande estratégia de marketing pessoal e transformando o networks em um espaço de novos negócios e ganhos monetários, estimulando uma concorrência crescente e exagerada, deixando de lado a ética e os valores em prol dos ganhos materiais, desta forma colhemos incertezas crescentes, amizades interesseiras, belas imagens externas, com corpos sarados e vazios emocionais, cultuando a ignorância e rechaçando a ciência.

Nesta sociedade, dominada pelos interesses do dinheiro, centrada no imediatismo, no individualismo e no narcisismo crescentes, percebemos que os ganhos materiais são a tona da organização social

contemporânea, os valores democráticos perdem espaço quando os interesses do capital estão em risco, desta forma compram consciências, derrubam governantes, destroem reputações, contratam profissionais qualificados porém desprovidos de valores morais, adquirindo instituições e acreditando que o dinheiro domina a sociedade, rechaçando o pensamento crítico, usando o seu poder econômico e sua força política para perpetuar seus privilégios e, se necessitar de força física para impor seus interesses, sem pestanejar, usam os aparatos repressivos do Estado para garantir seus benefícios.

Vivemos na sociedade contemporânea um conflito aberto e cada vez mais escancarado, governos que sempre adotaram políticas em prol dos interesses dos capitalistas não mais escondem suas escolhas imediatas, repassam grandes somas do orçamento público para seus financiadores e restringem recursos para políticas públicas dos setores mais vulneráveis da sociedade, aumentando os espaços de conflitos entre setores da sociedade, aumentando as polarizações, incrementando as desigualdades sociais e aumentando as incertezas, os medos e os ressentimentos, que podem culminar em graves desequilíbrios políticos.

Vivemos numa sociedade marcada pelo crescimento da degradação do meio ambiente, embora muitos grupos rechacem previsões catastróficas, percebemos claramente que o clima está diferente, as estações do ano mudaram, a temperatura aumentou sensivelmente e tudo isso está associado a um modelo econômico excludente, gerador de desigualdades e explorações constantes. A economia se faz imprescindível para a convivência social, mas nunca devemos nos esquecer, que esta ciência não é autônoma e está fortemente atrelada às questões políticas.

Crise Global

A economia internacional vem passando, nos últimos dias, por momentos de grande apreensão e dificuldades, levando os governos nacionais a repensarem suas estratégias construídas anteriormente, empresas nacionais e organizações globais buscam a reestruturação de suas variadas atuações em seus mercados e os trabalhadores aguardam, assustados e ansiosos, o desenrolar das movimentações do mundo contemporâneo, que geram preocupações, medos e constrangimentos financeiros.

Neste momento, estamos nos aproximando rapidamente de uma grande crise global, cujos impactos são impossíveis de serem mensurados, afetando a estrutura do comércio internacional, impactando sobre todas as regiões do mundo, afetando governos nacionais, atores globais e gerando incertezas crescentes, que tendem a afugentar os investimentos produtivos e obrigando os Bancos Centrais a atuarem para impedir uma crise global, cujo potencial destrutivo é elevado para a economia mundial.

Na economia contemporânea, marcada pelo desenvolvimento tecnológico, crescimento da integração e da interdependência entre empresas e governos nacionais, é fundamental ter previsibilidade, credibilidade e confiança, onde os atores econômicos e produtivos constroem estratégias para garantir novos mercados e encarar os concorrentes, motivando fortes investimentos em inovação, em pesquisa científica e desenvolvimento de novos produtos, garantindo lucros em ascensão.

As políticas protecionistas adotadas pelo governo dos Estados Unidos têm impactos generalizados para todas as nações e para todos os setores produtivos. Como destacou a revista inglesa The Economist, as medidas adotadas pelo governo norte-americano aumentaram a alíquota comercial de 2% para 24%, algo impensável numa sociedade que sempre estimulou e propagandeou o livre comércio, o liberalismo e a redução das intervenções estatais nos setores produtivos.

Neste momento, percebemos que a adoção de medidas unilaterais por parte do governo norte-americano, políticas estas que impactam sobre as nações e empresas locais e estrangeiras, enterram toda a estrutura econômica e produtiva mundial inaugurada no pós segunda guerra mundial, quando foram criadas instituições mundiais, com regras comerciais e financeiras, com instrumentos de regulação e fiscalização, diante disso, os atores econômicos globais estão assustados com os ventos futuros e as medidas protecionistas que podem criar mais incertezas, volatilidades e constrangimentos variados.

Vivemos num momento de preocupações crescentes na economia internacional, as Bolsas globais apresentam grandes desvalorizações, ações de grandes conglomerados apresentam perdas históricas, setores inteiros vivem momentos de medos e desesperanças, que podem culminar no aumento do desemprego, degradação da renda agregada e perda de poder de compra dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, mais injustiças, pobrezas e desigualdades, afinal, como aconteceu na última crise global, ocorrida em 2007/2008, os grandes capitalistas, agentes maiores da crise financeira, foram salvos com injeção de trilhões de dólares dos recursos governamentais, lembrando-os que os mesmos governos que alardeavam o neoliberalismo e a defesa contumaz da redução do papel do Estado na economia e, no clamor da crise financeira, adotaram práticas corruptas e patrimonialistas para salvar seus apaniguados.

Neste instante, podemos estar às portas de uma crise global, cujos impactos financeiros são impossíveis de serem mensurados, empresas entrarão em bancarrota, desempregos tendem a aumentar, o medo e a desesperança devem crescer e os donos do poder, novamente, demandarão um cheque mais polpudo para evitar perdas financeiras homéricas e a conta, mais uma vez, sabemos quem vai arcar com o prejuízo de mais uma crise financeira global.

Momentos preocupantes

O mês de abril está trazendo grandes movimentações nos cenários nacional e internacional, os agentes econômicos e produtivos estão passando por instantes de grandes preocupações, medos e pouca previsibilidade, desta forma, os investimentos produtivos se reduzem, as incertezas crescem, a insegurança dos trabalhadores aumenta e as organizações passam a repensar suas estratégias e seu planejamento econômico, buscando se adaptarem ao momento de volatilidades e grandes mutações no mundo dos negócios.

Vivemos um momento de conflitos comerciais e geopolíticos entre atores econômicos gigantescos, com impactos generalizados para toda a comunidade internacional, embora percebamos os momentos preocupantes que permeiam a sociedade mundial, sabemos também que nenhum dos grandes estrategistas de mercado, de acadêmicos renomados e de intelectuais que estudam a sociedade global, sabem o que vai acontecer com a sociedade global nos próximos meses, na verdade, atualmente, as modificações estão acontecendo não mais nos próximos meses, mas percebemos que as transformações estão acontecendo diariamente, discursos inflamados, além de publicações nas redes sociais e comentários agressivos e pouco educados, deixando de lado os tradicionais discursos diplomáticos.

Neste momento de crescimento da instabilidade e da volatilidade, percebemos o crescimento de um verdadeiro vale tudo global, onde as regras internacionais foram alteradas, leis criadas e assinadas por inúmeras nações, para fomentar o comércio e as trocas internacionais, estas regras estão sendo deixadas de lado, cada nação busca aumentar seus ganhos imediatos, deixando claro o incremento do individualismo e a sua busca frenética por mais vantagens comerciais e financeiras, além de ganhos políticos e um melhor posicionamento na nova configuração de poder global.

Vivemos uma verdadeira guerra comercial, onde encontramos uma nação que vem perdendo espaço na estrutura industrial global e busca,

de forma agressiva e violenta, retomar sua força e reencontrar seus instrumentos para retomar a liderança global, mesmo que para isso, sejam necessárias uma reestruturação de todo o comércio internacional e as instituições multilaterais. Neste momento, os Estados Unidos da América, grande ganhador das estruturas comercial e industrial do pós-segunda-guerra mundial, tenta alterar as regras e as convenções que eles mesmos foram patrocinadores, desta forma, percebemos que quando as regras não mais garantem sua liderança e sua hegemonia, as regras devem ser reescritas em prol de seus interesses imediatos e seus ganhos materiais.

Neste embate contemporâneo, encontramos resistências crescentes, governos nacionais adotam represálias no comércio internacional, países buscam novos parceiros no mundo das trocas produtivas, atraindo novos fornecedores e, desta forma, criam novos espaços de integração, novos interesses econômicos e produtivos e, neste cenário, ressurgindo novos nacionalismos e novas políticas protecionistas que, no começo do século anterior levou as nações a grandes conflitos militares, guerras fraticidas, além da matança de milhões de pessoas e patrocinaram devastações materiais.

As crises globais, em curso na sociedade contemporânea, as destruições ambientais, o incremento das guerras comerciais, o ressurgimento de nacionalismos exacerbados, a aversão aos imigrantes e a escalada militar que crescem no íntimos dos indivíduos, podem ser vistos como o primórdio de grandes conflitos bélicos e militares ou, o momento crucial para compreendermos que os desafios são gigantescos e a união entre povos e culturas são o começo da resolução da encalacrada que estamos vivendo na contemporaneidade, fruto do crescimento do egoísmo, da ganância, do individualismo e da busca frenética por acumulação material e os prazeres imediatos.

Decisões estratégicas

Nos últimos dias a economia internacional vem passando por grandes movimentações econômicas e produtivas, inúmeros acordos comerciais foram deixados de lado, discursos agressivos e violentos ganharam relevância na sociedade global, aliados históricos e estratégicos entraram em confrontos verbais, alíquotas e tarifas comerciais foram majoradas sem respeito a contratos assinados entre nações e medidas agressivas foram impostas para todas as nações, gerando mais incertezas, preocupações crescentes e um ambiente de negócio bastante agressivo, com um aumento das rivalidades e das hostilidades.

Muitos analistas internacionais acreditam que as medidas implementadas pelo governo norte-americano têm por objetivos forçar uma reindustrialização de sua economia, pressionando os agentes produtivos nacionais e internacionais a aumentarem seus investimentos internos, elevando os dispêndios da economia dos Estados Unidos, aumentando a contratação de trabalhadores locais, incrementando a renda interna, dinamizando os setores produtivos e contribuindo para a melhora da situação social dos cidadãos. A grande pergunta que a sociedade global está se fazendo é, se esta estratégia arriscada e agressiva, adotada pelo governo de Donald Trump, será exitosa para induzir a economia norte-americana para o caminho da reindustrialização?

Os Estados Unidos, claramente, perderam espaço no setor industrial global, depois de construir setores industriais de ponta durante séculos, a indústria norte-americana foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da indústria global, ator fundamental na estruturação da inovação mundial, criando setores, desenvolvendo tecnologias, revolucionando máquinas e produtos globais, mas perdeu espaço na corrida internacional para outros atores globais, principalmente para a China. O país asiático se transformou de uma sociedade rural, atrasada tecnologicamente e marcada por grande pobreza, imensa miséria e degradação material, nestes últimos quarenta anos, a sociedade chinesa passou por grandes mutações, revolucionando a educação, investindo

fortemente em ciência e tecnologia e adotando decisões estratégicas, onde destacamos a atuação do Estado chinês como indutor do desenvolvimento industrial, protegendo setores produtivos, incentivando a competição externa no mercado global e cobrando o incremento da produtividade de seus atores econômicos, além de atrair empresas e corporações globais, exigindo a transferência de tecnologia e fortalecendo as compras internas para solidificar a economia nacional, gerando emprego, melhorando as condições de vida e transformando todo o ambiente de negócio.

Neste momento, encontramos um conflito de grandes atores na economia internacional, a maioria dos estrategistas internacionais acreditam que as apostas do governo norte-americano não terá o êxito esperado e, ao contrário, tendem a gerar um incremento nos preços internos, desestruturação de setores externos e o aumento do desemprego dos cidadãos norte-americanos, aumentando os desequilíbrios internos e gerando pressões externas, que podem gerar conflitos militares, cujos resultados imediatos são impossíveis de serem mensurados. As medidas unilaterais adotadas pelo governo norte-americano tendem a agravar os desequilíbrios globais, aumentando as incertezas no interior das nações, amedrontando os setores produtivos e aumentando as volatilidades dos trabalhadores, impactando sobre toda a sociedade mundial.

Diante dos desafios da sociedade global, o Brasil precisa estimular decisões estratégicas, compreender o cenário mundial de incertezas e de rivalidades, construir consensos internos em prol do desenvolvimento econômico, superar uma visão subserviente que domina grande parte da elite nacional e se concentrar em discussões estratégicas e deixando de lado conversas equivocadas, desnecessárias e ultrapassadas que combinam com a impunidade e a degradação moral.

A Economia de Francisco

A semana passado trouxe uma grande infelicidade para a grande maioria dos cristãos que comungam os ideais religiosos do catolicismo, algo em torno de dois bilhões de pessoas no globo, a morte do Papa Francisco gerou muitas tristeza e desespero, levando a sociedade mundial a refletir sobre suas encíclicas, seus sermões e escritos que se espalharam para toda a sociedade internacional.

Vivemos numa sociedade marcada pela fragilização da solidariedade humana, onde encontramos a degradação dos laços sociais e sentimentais, nesta sociedade, percebemos o crescimento indiscriminado do individualismo, do imediatismo e da busca frenética pelo lucro monetário, deixando de lado os interesses do humanismo e dos valores mais sólidos e consistentes dos seres humanos. Estamos cultivando diuturnamente os interesses mesquinhos do imediatismo e dos valores do capital, da imagem deturpada das redes sociais e dos interesses centrados dos donos do capital, que controlam as mentes e distorcem a realidade, levando os indivíduos a buscarem os prazeres imediatos, do hedonismo e nos afastando dos valores da civilização.

Nesta sociedade, encontramos discussões equivocadas e desnecessárias, representantes políticos incapazes de compreender os valores e os anseios mais sólidos da comunidade, o incremento da violência urbana em todas as áreas e setores, o aumento de profissionais incapazes de compreender os desafios da contemporaneidade, empresas e organizações perdidas num ambiente de transformações e mutações constantes, o crescimento vertiginoso de moradores de ruas e pessoas degradadas numa economia hostil, o aumento dos financistas, economistas e homens de negócios que se ocupam dos discursos da austeridade dos gastos públicos e da redução das políticas públicas, pregando cortes constantes de custos e defendendo um sistema tributário desumano e cruel, com discursos pomposos que servem apenas para esconder seus interesses imediatos, manter seus poderes imediatos e a perpetuação dessa penúria que vive uma população marginalizada e constantemente explorada.

Neste ambiente, marcado pelo crescimento de um capital financeiro, improutivo e parasitário, dotado de grande poder econômico e força política, que encontra no Papa Francisco novos instrumentos de reflexão, um apóstolo oriundo do mundo subdesenvolvido e dotado de grande capacidade intelectual e moralidade, que propõe uma sociedade mais igualitária, com mais solidariedade, mais acolhedora e menos julgadora, mais centrada no ensinar e no empregar e menos da exploração e da degradação, com isso, ajudando a construir novos valores, novos comportamentos e novos sentimentos, recriando a esperança e novos horizontes, ao contrário de uma sociedade calcada na exploração e na deturpação dos indivíduos.

A economia de Francisco traz novos instrumentos de reflexão e ação imediata, pregando o respeito ao ser humano e uma valorização da mãe natureza e do meio ambiente, trocando a exploração e estimulando a solidariedade humana, fomentando a reflexão individual e a conversação na comunidade, rechaçando o financismo e o capital parasitário que dominam a sociedade global e que prega o individualismo do cotidiano, destruindo os valores do humanismo e da solidariedade.

A economia de Francisco nos traz novos horizontes e um alento para uma sociedade mundial que, infelizmente, estimula o egoísmo e a busca frenética pelos interesses materiais, com isso, percebemos mais claramente a degradação da civilização.

Crise e Oportunidade

A sociedade internacional vive momentos de grandes mutações em todas as áreas e setores, todos os dias surgem novas tecnologias, alterações de modelos de negócios, movimentações disruptivas, transformações estruturais no mercado de trabalho, mudanças no comportamento dos consumidores e o crescimento sistemático da concorrência entre os atores econômicos, exigindo maior profissionalização de toda a cadeia produtiva, além de novos instrumentos educacionais que surgem todos os dias, tudo isso contribui para percebermos que vivemos numa sociedade instável e em crescente transformação.

Nessas novas mutações que passa a economia global, percebemos alterações constantes no comércio internacional, o surgimento de novos atores globais, aumento da integração entre regiões, novos conflitos entre nações hegemônicas, guerras tarifárias, aumento do protecionismo e o incremento dos subsídios, gerando incertezas em toda a economia mundial, impactando sobre as estruturas produtivas nacionais, estimulando ou desestimulando os investimentos produtivos, a geração de emprego e a renda agregada.

Neste momento de crises constantes na economia internacional, cada sociedade precisa construir novos espaços para a sua inserção na economia internacional, redesenhando seu comércio exterior, investindo em setores fundamentais para fortalecer a estrutura econômica e repensar os parceiros comerciais, aproveitando os espaços que surgem nos conflitos globais de países que lutam pela hegemonia, usando instrumentos de política industrial para atrair grandes corporações e variados conglomerados econômicos e além disso, é imprescindível preparar toda a cadeia produtiva, aumentando os investimentos na educação, atraindo pesquisadores renomados que buscam novas oportunidades no mercado internacional, contribuindo para fomentar a pesquisa científica e as bases tecnológicas.

Neste cenário de grandes incertezas na sociedade global, é fundamental atraímos novos conglomerados econômicos e setores produtivos de ponta, dotados de grande potencial e alta complexidade, para alcançarmos este intuito é importante melhorarmos a infraestrutura, investindo fortemente em logística, reduzindo a burocracia que empeerra os investimentos produtivos, diminuindo os impostos que reduzem a competitividade da estrutura produtiva, reduzindo as taxas de juros que desestimulam os investimentos produtivos e melhorando, com urgência, o capital humano nacional que, na era da inteligência artificial que está transformando a sociedade global, encontramos quase 30% dos brasileiros incapazes de compreender texto e nem fazer contas simples.

Somos uma nação dotada de grandes vantagens competitivas, temos uma gama elevada de energias sustentáveis, não temos conflitos militares e hostilidades com nenhum dos nossos vizinhos, nosso país detém grande contingente de terras e clima propício, somos detentores de minérios estratégicos para a economia do século XXI e, importante destacar, que neste ambiente de conflitos hegemônicos, nosso país consegue conversar soberanamente com todas as nações do globo, somos respeitados e todos reconhecem nosso potencial, precisamos apenas confiarmos em nós mesmos, deixando de lado discussões mesquinas e irresponsáveis e construirmos um projeto de país, com autonomia econômica e independência política.

Estamos num momento de crises e imensas oportunidades, lembremos do período da pandemia, onde os setores mais empreendedores e dotados de grande potencial de inovação viram na crise sanitária uma grande oportunidade para se reinventar e aumentarem seus ganhos monetários, agora, aqueles que não compreenderam o imenso potencial das transformações contemporâneas, perderam espaço na sociedade. Vivemos num momento parecido, turbulento e marcado por grandes instabilidades e neste instante as decisões estratégicas definirão o futuro da nossa nação.

Novos Mercados

Neste momento de grandes transformações econômicas, sociais, políticas e culturais na sociedade internacional, percebemos uma reorganização da estrutura da economia internacional, novos mercados crescem cotidianamente, novos concorrentes surgem diuturnamente, novas estratégias econômicas e produtivas ganham relevância no sistema econômico, exigindo governos ágeis, flexíveis e competentes, demandando profissionais altamente qualificados, empresas rápidas e dinâmicas, além de consumidores conscientes de seus interesses cotidianos, uma verdadeira revolução.

Neste cenário de agitações e conflitos comerciais, percebemos uma reorganização dos parceiros econômicos, as nações percebem as incertezas que crescem todos os dias, suas estratégias se perdem neste ambiente de instabilidade, acordos assinados são descumpridos, discursos inflamados geram graves constrangimentos diplomáticos, levando os países a repensarem seus acordos comerciais, buscando novos horizontes, reestruturando seu parque produtivo e fortalecendo sua estrutura financeira, como forma de encarar os novos desafios da economia internacional.

Vivemos numa sociedade altamente competitiva, dominada pelo individualismo e pelo imediatismo, onde os valores da concorrência dominam o ambiente econômico e produtivo, exigindo dos governos, dos indivíduos e das organizações uma adaptação constante, neste cenário, percebemos que os valores do compartilhamento, da solidariedade e da tolerância perdem espaço numa sociedade centrada em valores materiais.

Neste ambiente, percebemos que as trocas econômicas e produtivas estão crescendo como forma de satisfazer as necessidades das nações e de seus povos, novos atores do comércio internacional estão transformando a sociedade global, a ascensão dos países asiáticos está revolucionando os valores, os costumes e os comportamentos, exigindo uma reflexão menos materialista, afinal estes atores trazem outros

valores culturais, como o misticismo e a valorização do espiritualismo. Estas mudanças em curso na sociedade internacional estão diretamente ligadas ao crescimento das economias asiáticas, dotadas de valores e culturas milenares e, desta forma, estão revitalizando a sociedade global e trazendo novos desafios para a sociedade global.

Diante deste novo cenário global, marcado por grandes desafios e, ao mesmo tempo, marcados por novas oportunidades as nações precisam fortalecer suas estruturas produtivas, investindo fortemente em educação, capacitando os professores, garantindo melhores condições de trabalho e remuneração dignas e decentes, afinal, mesmo sabendo que o mundo se transforma rapidamente e a tecnologia ganhando uma relevância pouco vista na sociedade mundial, a melhora da qualificação da mão de obra é um dos maiores desafios para as nações na contemporaneidade. Sem investimentos em pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, vamos continuar sendo consumidores de produtos industrializados e fornecedores de produtos primários de baixo valor agregado, perpetuando uma situação de dependência externa, pobreza crescente e perspectivas futuras sombrias.

A geopolítica global nos mostra o crescimento do Pacífico em detrimento do Atlântico, novos produtores surgem na sociedade mundial, novas tecnologias surgem e nações como o Brasil apresentam grandes vantagens competitivas para se inserirem no comércio internacional. Somos dotados de grande potencial de energia renovável, possuímos espaços geográficos elevados e forte potencial agrícola e mineral, precisamos aproveitar as mudanças no comércio global e mostrar nossas potencialidades, negociar investimentos estrangeiros, exigir transferência de tecnologia, fortalecer nosso comércio exterior, investir fortemente em infraestrutura e logística, além de fortalecer o capital humano, com fortes investimentos em educação, pesquisa, ciência e tecnologia. Tudo isso nos parece urgente e necessário, mas para uma elite atrasada, rentista e imediatista que domina a sociedade brasileira a quinhentos anos, isso seria uma grande revolução.

Construindo o desenvolvimento

Neste ambiente de constantes instabilidades econômicas, sociais e políticas, as nações precisam construir modelos de desenvolvimento, agregando variados setores, atraindo todos os grupos sociais e compreendendo que todas as nações que conseguiram alcançar o sonho do desenvolvimento econômico, antes de mais nada, conseguiram construir, internamente, um consenso social e um pacto entre todos os grupos, agregando todas as forças políticas em prol da melhora sistemática da população, aumentando as oportunidades internas, sem estes consensos, o desenvolvimento econômico, se torna, cada vez mais, um ideal impossível de ser alcançado.

Todos os exemplos de países que conseguiram alçar o verdadeiro desenvolvimento econômico e produtivo garantiram fortes recursos educacionais para todos os cidadãos, grandes investimentos em formação de capital humano, foco constante em pesquisa científica e tecnológica, grandes atrativos para atrair as melhores cabeças em todas as áreas do conhecimento humano, variadas oportunidades de crescimento profissional e novos horizontes de ascensão social para todos os indivíduos. Precisamos compreender, urgentemente, que educação não é gasto, muito pelo contrário, educação é formação dos cidadãos, conscientização política, educação é investimento produtivo que traz ganhos substanciais para todos na sociedade.

Para desenvolver a sociedade brasileira precisamos compreender que somos detentores de vantagens comparativas que poucas nações possuem, somos detentores de grandes espaços geográficos, vegetações abundantes e variadas, clima propício, energias renováveis e somos detentores de uma infinidade de recursos naturais e minerais que enchem os olhos das nações do mundo, estimulando a cobiça e o interesse mesquinho de muitos países, notadamente aqueles que trazem uma forte trajetória de imperialismo, exploração e dominação econômica.

Todas as nações que conseguiram seu desenvolvimento econômico se utilizaram de políticas industriais efetivas, protegendo seus setores estratégicos, exigindo transferências de tecnologias de empresas estrangeiras, fortes investimentos em educação, pesquisa e tecnologia, desta forma, capacitando os trabalhadores para concorrerem numa economia internacional marcada pela volatilidade crescente.

As nações que conseguiram garantir seu desenvolvimento econômico e produtivo construíram um setor exportador dinâmico e altamente diversificado, adotando câmbio desvalorizado, taxas de juros civilizadas para angariar novos mercados consumidores e investindo em setores dotados de ciência e tecnologia, exportando produtos de alto valor agregado e garantindo retornos financeiros como forma de estimular o crescimento econômico e, posteriormente, melhorar as condições de vida da população, vide o caso de países asiáticos, como Japão, Coréia do Sul e China, dentre outros.

Embora encontremos na literatura econômica internacional, inúmeros intelectuais, economistas e cientistas sociais que se debruçaram no tema do desenvolvimento econômico, variadas nações conseguiram o intento de se desenvolverem, percebemos que, cada país precisa encontrar seu caminho de desenvolvimento, cada nação tem sua trajetória, precisamos enfrentar limitações políticas e costurar novos consensos políticos para evitar a perpetuação do subdesenvolvimento, fugindo de receitas estrangeiras de nações que pregam máximas que nunca fizeram, países que demonizam o Estado Nacional e que sobrevivem as custas da exploração dos governos de plantão.

O desenvolvimento econômico é o sonho para muitas nações, para isso precisamos construir as condições internas, abrir mão dos supérfluos, investir em educação, fomentar ciências e tecnologias, diversificar os setores produtivos, construir uma visão sistêmica dos desafios contemporâneos e fortalecer as instituições nacionais, sem estes pré-requisitos seremos sempre vistos como o país do futuro.

Desafios Nacionais

Vivemos momentos interessantes, preocupantes e cheios de desafios, marcados por transformações econômicas, alterações políticas, novos modelos produtivos, exigências constantes de atualizações e capacitações cotidianas, incremento de tecnologias que alteram os comportamentos humanos, valores e relações sociais, impactando sobre empresas e todas as organizações sociais, além de posicionamentos variados quanto Estados Nacionais.

Vivemos numa sociedade que estimula o crescimento das inovações tecnológicas, seus ganhos são substanciais, aumentando a eficiência do sistema econômico e produtivo, fortalecimento das áreas médicas com a cura de doenças anteriormente vistas como incuráveis, uma verdadeira revolução na medicina e na prevenção dentre outras variadas vantagens que trazem ganhos substanciais para a comunidade internacional.

De outro lado, percebemos desafios que exigem uma unidade e consenso entre os grupos sociais, para isso precisamos nos debruçarmos sobre o crescimento das desigualdades, o incremento da exclusão social, a devastação do meio ambiente, o aumento dos conflitos militares e seus gastos estratosféricos, somente no ano passado, a indústria bélica mundial gastou mais de US\$ 2,3 trilhões em armamentos, gastos militares, beneficiando poucos grupos em detrimento de uma pobreza crescente e exclusão social em ascensão, impactando não apenas países pobres e subdesenvolvidos, mas cidadãos de nações ricas e desenvolvidas, gerando uma verdadeira degradação da sociedade global, tão tecnológica, dotada de riquezas inimagináveis e, ao mesmo tempo, dominada por pobrezas e exclusões crescentes.

Neste cenário de grandes transformações mundiais encontramos o Brasil, um exemplo de variadas contradições que perduram durante séculos, um país notadamente rico, dotado de inúmeros recursos, clima propício, vasta vegetação, riquezas minerais, população marcada por dinamismo e grande flexibilidade, além de um grande espaço geográfico. Em contrapartida, percebemos ainda, grandes desafios políticos para

que consigamos alçar um local de crescimento sustentável vislumbrando um desenvolvimento econômico que inclua todos os grupos sociais e melhore as condições de vida da população nacional.

Nos anos setenta do século passado, o Brasil era visto como uma nação de destaque, muitos especialistas acreditavam que éramos o país do futuro, suas vantagens comparativas nos cacifavam para um futuro mais grandioso e, desta forma, o século XXI nos traria crescimento econômico, pujança produtiva e o aumento de oportunidades para todos os grupos sociais. Infelizmente este sonho não se efetivou, perdemos espaço na economia global, a distância entre os grupos sociais aumentou, os mais ricos ficaram mais ricos e os pobres ficaram cada vez mais pobres, neste momento, os desafios brasileiros cresceram de forma gigantesca.

Dentre os grandes desafios precisamos elencar alguns mais imediatos, reduzir a pobreza extrema que degrada a sociedade e fomenta a violência urbana, investimento maciço em educação, afinal não existe desenvolvimento sem educação de qualidade para todos, recursos garantidos para a pesquisa científica e tecnológica, fortalecimento das vantagens competitivas, estimular o aumento do valor agregado dos produtos exportados, reduzir a burocracia que trava investimentos cruciais para o crescimento da economia nacional, criar instrumentos macroeconômicos para reduzir as taxas de juros que, neste patamar, impedem os investimentos produtivos e estimula os ganhos dos rentistas e financistas que ganham com este quadro de degradação nacional. Em poucas palavras, como nos ensinou o maior economista brasileiro, Celso Furtado, os grandes desafios nacionais não são econômicos, como muitos acreditam, são claramente desafios políticos

Novas Tecnologias

Vivemos um momento de grandes transformações tecnológicas, novos modelos de negócios surgem diuturnamente, novas demandas crescem de forma acelerada, o surgimento de novos mercados de consumo exigem que as empresas e as organizações se modifiquem, ganhando espaço para novas estratégias de sobrevivência, num mercado, cada vez mais competitivo que abarca produtores e consumidores de todas as regiões do mundo.

As novas tecnologias estão moldando o nascimento de uma nova sociedade, surgindo novos valores e comportamentos, os trabalhadores percebem as modificações no mundo do trabalho, as corporações sofrem demandas constantes e cotidianas, as universidades estão em constantes mutações e, desta forma, abrem espaços para novas oportunidades e, ao mesmo tempo, novos desafios, gerando expectativas crescentes, medos e constrangimentos.

As tecnologias estão transformando as formas de comunicação social, fenômenos mundiais que demoravam dias para se espalharem para a sociedade mundial, são vistos imediatamente em todos os quadrantes do globo, exigindo uma flexibilidade constante de todos os atores econômicos e produtivos, sob pena de serem ultrapassadas pelos concorrentes dotados de maior agilidade.

Todas estas tecnologias nascem dos grandes investimentos em ciência, pesquisa e inovação, cujos recursos aumentam e consolidam o conhecimento humano, transformando as formas de vida e de reprodução social, trazendo ganhos substanciais e, ao mesmo tempo, gerando destruição de muitas empresas e setores produtivos e, ao mesmo tempo, o nascimento de novos setores econômicos, exigindo novas qualificações, novas habilidades e novos comportamentos.

Os investimentos responsáveis pelo incremento tecnológico são oriundos dos governos nacionais e dos grandes conglomerados econômicos, que incentivam fortemente as pesquisas científicas e as inovações tecnológicas, vislumbrando melhorias e benesses sociais, além

do aumento do lucro monetário, os ganhos de novos mercados, alegria dos acionistas e a satisfação de seus consumidores.

Até pouco tempo, as empresas nacionais atuavam em mercados altamente protegidos pelos governos locais, os investimentos em tecnologias eram reduzidos, os mercados eram marcados por pequena concorrência, setores fortemente oligopolizados, mercadorias com pouca qualidade e produtos de baixo valor agregado. Com a abertura econômica, percebemos uma verdadeira revolução no mercado nacional, a entrada de atores estrangeiros, com produtos melhores e maior qualidade, com isso, os mercados passaram a exigir uma modernização dos setores econômicos e produtivos, uns conseguiram sobreviver neste tsunami econômico, mas ao mesmo tempo, muitos setores sucumbiram, empresas quebraram, trabalhadores perderam seus empregos e passaram a adotar uma nova estratégia visando a sobrevivência.

As novas tecnologias exigem uma postura mais efetiva e mais consistente em investimentos científicos e tecnológicos, com foco na inovação, fortes aportes financeiros em educação e em pesquisa científica, evitando discursos evasivos da classe política e dos setores empresariais, este último, que pouco investe em tecnologias. Neste cenário, precisamos evitar a degradação das universidades públicas e dos centros de pesquisas que são eles os grandes responsáveis pelo desenvolvimento científico e tecnológico, evitar cortes sistemáticos de recursos e mostrar para todos os grupos sociais a importância das universidades e da pesquisa científica para alavancar o desenvolvimento do país. As mudanças econômicas globais nos mostram que a ascensão das nações asiáticas está associada aos grandes e consistentes aportes financeiros na educação, na ciência e no desenvolvimento tecnológico, construindo tecnologias nacionais, valorizando a ciência e evitando a perpetuação da dependência dos atores internacionais que reproduzem uma colonização mental que perdura a séculos.

Insistindo no atraso

A sociedade internacional vem passando por momentos nebulosos marcados por guerras fraticidas, conflitos políticos, degradação de regimes democráticos, devastação do meio ambiente, pobreza generalizada, fortalecimento em excesso do capital financeiro, devastação do mundo do trabalho, crescimento exagerado do poder político das grandes empresas de tecnologias, aumento do negacionismo e aversão ao pensamento científico, neste cenário, encontramos o incremento da desesperança, do crescimento da ansiedade dos indivíduos, depressão e a degradação da saúde mental dos trabalhadores, estamos num momento difícil da humanidade que exige lideranças conscientes dos desafios da sociedade contemporânea.

A sociedade contemporânea traz grandes desafios para todas as nações, as transformações tecnológicas exigem das empresas grande flexibilidade para compreenderem os anseios dos consumidores e se atualizar constantemente, evitando que outros atores econômicos e produtivos ganhem espaço neste ambiente, cada vez mais competitivo, instável e volátil. Aos indivíduos, os desafios não são menores, as mutações no mundo do trabalho exigem novas habilidades comportamentais que não são ensinadas nos modelos educacionais dominantes, gerando preocupações crescentes, medos e ressentimentos que culminam em fortes desgastes emocionais e afetivos, gerando ansiedades, depressões crescentes e degradação da saúde mental, esse último vem ganhando espaço no noticiário das mídias tradicionais e nas empresas com discursos superficiais, cheio de pompa e marcados pela superficialidade.

Neste cenário, as grandes nações estão aumentando seus investimentos em pesquisa e tecnologia, reestruturando seus modelos educacionais, aumentando os dispêndios em infraestrutura, investindo na melhora do capital humano e atraindo recursos para alavancar o desenvolvimento nacional, assim como foi feito nas nações asiáticas, tais como a Coréia do Sul, Taiwan, Indonésia, Singapura, Vietnã, China, Malásia, Japão, Índia, dentre outros. E, no Brasil, uma nação dotada de grande capacidade

produtiva, empreendedorismo natural, recursos naturais pouco vistos na sociedade global, fonte inestimável de energia, mas, infelizmente, estimula-se cotidianamente, discussões secundárias, brigas entre poderes, uns querendo mostrar mais força política e capacidade de influência, deixando de lado as demandas da comunidade e fomentando agenda de grupos endinheirados com seus interesses particulares, vivemos numa sociedade marcada por conversas baseadas em futricas e intrigas, desconvencendo sobre os desafios nacionais, tais como a degradação da educação, aumento da pobreza urbana e o aumento da vulnerabilidade social, da insegurança e o incremento da malversação dos recursos públicos.

Enquanto as nações que crescem rapidamente no cenário internacional e se destacaram no cenário global entram na competição mundial com fortes investimentos nos seres humanos, defendendo as riquezas naturais, investindo no aumento do valor agregado dos produtos exportados, canalizando grandes recursos para desenvolver uma ciência sólida e consistente, construindo regulações modernas e se esforçando para desenvolver um aparato jurídico e institucional que preservem as riquezas nacionais, fortalecendo o meio ambiente, mas, infelizmente, percebemos grupos econômicos nacionais atrelados a interesses de conglomerados estrangeiros e políticos entreguistas que degradam o patrimônio nacional, entregando empresas estatais a preços irrisórios, mantendo taxas de juros escorchantes e penhorando a sociedade nacional e condenando as futuras gerações a exclusão e a pobreza generalizada.

Neste momento de incertezas globais, choque de tarifas comerciais e concorrências econômicas crescentes, percebemos a ausência de lideranças nacionais capazes de compreenderem os desafios contemporâneos e, ao mesmo tempo, uma grande quantidade de entreguistas e falsos nacionalistas que degradam o Estado e sobrevivem através de subsídios e isenções tributárias.

Ambição, guerras e o caos

A comunidade internacional caminha a passos largos para uma grande destruição global, depois de anos de convivência conflituosa, discursos belicosos, confrontos verbais e discussões improdutivas, além do avanço crescente da violência verbal, os seres humanos estão conseguindo superar sua mediocridade, as ofensas estão se transformando em guerras campais, bombas sobrevoam os céus, destruindo comunidades inteiras, devastando países, degradando famílias, espalhando rancores e ressentimentos e continuamos colhendo a devastação dos seres humanos, destruindo o planeta e nos afastando do conceito de civilização e nos aproximando dos mais terríveis animais.

Vivemos momentos de grandes instabilidades econômicas, polarização política, conflitos comerciais, violências crescentes dentro das nações, ataques sistemáticos contra a democracia, avanços de regimes autoritários, incremento de grupos fascistas, degradação das universidades e do pensamento científico, tentativa de fragilização das instituições nacionais e o estímulo de uma realidade paralela, onde tudo se transforma em narrativas, espalhando inverdades e se aproximando de um caos generalizado, com impactos para todos os grupos mais fragilizados, beneficiando os mais endinheirados, setores que controlam o grande capital, a mídia comercial e os grupos políticos.

Neste momento percebemos o crescimento dos cenários belicosos em todas as regiões do mundo, as conversações diplomáticas são limitadas, as discussões das agências multilaterais são substituídas pelo crescimento acelerado dos gastos militares, nações que historicamente se destacavam como pacíficas e amistosas estão entrando numa verdadeira corrida armamentista destrutiva, com incremento dos gastos militares, dispêndios crescentes em armas de destruição em massa, com drones, aviões de guerra, caças, blindados e armas nucleares. Diante deste cenário do crescimento dos conflitos entre nações, alguém racionalmente poderia imaginar, que, num ambiente marcado por tantas potências nucleares, alguém conseguirá sobreviver neste cenário de caos nuclear?

Países europeus que reduziram imensamente os dispêndios militares depois da segunda guerra mundial em prol de um Estado de bem-estar social, estão aumentando os recursos monetários para alavancar os gastos militares, grandes conglomerados de defesa estão recebendo bilhões e trilhões de euros para desenvolverem tecnologias militares, com o aumento da produção de drones de alta complexidade, incremento das pesquisas militares para o desenvolvimento de novas tecnologias e o aumento dos lucros, já elevados, de poucos conglomerados que dominam esses setores. Neste cenário, percebemos que os recursos para alavancar os gastos militares europeus tendem a ser retirados dos gastos sociais, reduzindo benefícios da população mais fragilizada, diminuindo as políticas públicas que sempre garantiram melhores condições de vida da população europeia e, num futuro próximo, se este cenário se efetivar, os conflitos sociais tendem a aumentar de forma acelerada, difundindo ressentimentos generalizados, aumentando o desemprego estrutural, elevando a desesperança da população, reduzindo a solidariedade, o crescimento do individualismo e destruindo os laços de convivência social.

Nesta semana a comunidade mundial acordou chocada com mais uma guerra em curso na sociedade global, ataques militares, mortes violentas e destruições tendem a aumentar os confrontos entre nações, elevando a tensão na sociedade mundial, impactando sobre o preço do petróleo, aumentando a inflação e gerando impactos negativos para os grupos mais fragilizados. Se a degradação do meio ambiente não foi suficiente para levar as elites globais a acordarem para este cenário de destruição, quem sabe um conflito nuclear tenha mais êxito para convencer que estamos caminhando rapidamente para o caos e a destruição

Conjunturas

Vivemos momentos de grandes conflagrações na sociedade internacional, com repercussões em todas as nações, gerando confrontos, violências generalizadas, crescimento dos movimentos migratórios, conflitos políticos, impasses econômicos, guerras comerciais e tarifárias, aumento substancial dos gastos militares, violências verbais e muitas inverdades travestidas em narrativas que aumentam as incertezas, os medos e a desesperança.

Neste cenário, percebemos que as instituições internacionais, criadas no pós segunda guerra mundial, vem sendo destruídas sistematicamente todos os dias, agressões ás leis internacionais em prol dos interesses das nações mais desenvolvidas, conflitos militares crescem diuturnamente, gerando mais instabilidades e o crescimento constante daquilo que chamamos de individualismo e a diminuição da solidariedade humana entre os povos, onde cada nação busca seus interesses imediatos, seus ganhos monetários ou políticos, olhando apenas para seus interesses, deixando de lado outros países, outros povos, outras culturas e seus interesses imediatos, desta forma, não é difícil percebermos o aumento dos conflitos militares, o incremento dos dispêndios militares e o incremento da cultura da destruição, da violência e da devastação da natureza como forma de garantir ganhos imediatos e se esquecendo dos efeitos devastadores do longo prazo.

Neste cenário de incertezas e instabilidades crescentes, percebemos uma escalada militar entre nações, países que sempre se caracterizaram pelo pacifismo estão canalizando grandes recursos orçamentários para alavancar a defesa interna. A Europa é um exemplo cabal da insanidade militar, inicialmente criam uma ameaça externa para justificar seus gastos militares e, ao mesmo tempo, reduzir seus dispêndios nas políticas públicas exitosas que sempre garantiram na sociedade uma qualidade de vida maior para seu povo, estas políticas públicas exitosas estão na mira dos governantes e, usam a ameaça externa para legitimar a redução dos gastos sociais e, em contrapartida, defender os elevados gastos militares que beneficiam poucos grupos privilegiados.

A conjuntura mundial está envolta em grandes volatilidades e incertezas crescentes que trazem benefícios para os grupos detentores do capital financeiro internacional, são eles que constroem a agenda econômica das nações, elegem os congressistas, conseguem passar matérias que geram grandes privilégios e isenções fiscais e tributárias, usam seu lobby para evitar a tributação dos grupos mais abastados, exigem redução dos repasses monetários para as políticas públicas e, ao mesmo tempo, exigem somas altíssimas para rolar a dívida das nações, como percebemos no caso brasileiro que, com uma taxa de juros estratosférica, Selic 15%, exigem uma transferência de quase 1 trilhão de reais da sociedade para o bolso dos rentistas, dos herdeiros e dos financistas, defensores da falácia da meritocracia.

No caso brasileiro, percebemos uma conjuntura interessante e muito atípica, de um lado percebemos uma gritaria geral falando do descontrole inflacionário, que atingiu 4,73% ao ano nos últimos dois anos, mesmo sabendo que nos últimos quatro anos a inflação ficou na casa do 6,17% e abaixo da média dos últimos trinta anos (6,5% ao ano). O desemprego está na casa dos 6,6% no primeiro semestre, a informalidade caiu para 37,9%, menor na série histórica iniciada em 2015. A desigualdade de renda medida no índice de Gini foi a mais baixa no ano passado e o crescimento econômico gira em torno de 3% ao ano e, mesmo assim, percebemos que para os donos do dinheiro a conjuntura econômica é sempre desastrosa e usam seus poderes para degradar as condições econômicas e eleger seus apaniguados.

Problemas Fiscais

Vivemos momentos de grandes incertezas na sociedade internacional. Conflitos políticos, fragilização da democracia, crises fiscais e financeiras, crescimento da concorrência, mudanças no mundo do trabalho, degradação ambiental, crescimento do crime organizado, diminuição da esperança da população mundial, dentre outros, nos colocando em num momento de grandes vulnerabilidades civilizacionais.

Neste cenário, percebemos o crescimento da dívida soberana das nações, que impactam fortemente sobre as políticas públicas e limitam os investimentos governamentais, levando os governos a impulsionarem as parcerias públicas e privadas e criando estratégias para a construção de instrumentos fiscais que atraiam investimentos privados. Atualmente, percebemos que a grande maioria das nações apresenta dívidas elevadas e fortes desequilíbrios fiscais, exigindo uma reestruturação fiscal dos governos nacionais, cortando gastos públicos, reduzindo investimentos e evitando desperdícios.

Neste ambiente onde as nações estão assoladas com dificuldades fiscais, a pergunta que todos nós nos fazemos é onde os governos nacionais deveriam começar os cortes dos gastos neste momento de reestruturação fiscal? Afinal, todos falamos, cotidianamente, das dificuldades fiscais e dos desperdícios dos governos e, ao mesmo tempo, exigimos ajuste estrutural, mas evitamos pagar a conta deste desequilíbrio fiscal, queremos, sempre, que o ajuste recaia sobre os ombros alheios, como nos ensinou Jean Paul Sartre “o inferno é os outros”.

No caso brasileiro, é importante destacar que vivemos numa sociedade marcada por desigualdades estruturais, profundamente arraigadas no processo de formação econômica e social do país, neste caso, seria prudente começarmos esta reestruturação estrutural diminuindo os inúmeros privilégios de pequena parte da população nacional, como a redução dos subsídios e das isenções fiscais que totalizam mais de 600 bilhões de reais. Se o governo conseguir reduzir em apenas 30% deste

montante, teríamos recursos para melhorar a infraestrutura nacional, aumentando a capacidade produtiva e alavancando os gastos em educação que garantiriam, no futuro, grandes retornos para sociedade brasileira.

Sabemos que somos um dos três únicos países do mundo, além de Estônia e Letônia, que não tributam dividendos distribuídos a acionistas de empresas, uma excrescência criada nos anos 1990 que foi colocada para beneficiar poucos iluminados e detentores de grande capacidade de influência política, criando mais uma deturpação do sistema tributário nacional.

Precisamos reestruturar o sistema tributário nacional, fortemente concentrado no consumo da população em detrimento da renda, com isso, percebemos que os detentores de grandes recursos ganham fortunas e pagam poucos tributos e, em contrapartida, grupos de classe média e classe média baixa são fortemente tributados, criando, desta forma, um monstrengº tributário que concentra renda no topo da pirâmide social e onera fortemente os grupos menos abastados, perpetuando as desiguais que reinam na sociedade brasileira.

Precisamos falar ainda dos recursos monetários enviados para as emendas parlamentares que perpassam mais de 50 bilhões de reais, que geram vantagens adicionais ao Legislativo e um espaço crescente de desperdícios de recursos orçamentários, corrupção sistêmica e servem para limitar a capacidade do governo federal.

Neste momento, os problemas fiscais são reais e precisam ser encarados pela sociedade. Precisamos ter maturidade para escolhermos caminhos estruturais, antes de limitar as políticas públicas que geram benefícios para milhões de cidadãos, precisamos reduzir os privilégios de poucos, aqueles que criticam as políticas públicas e, ao mesmo tempo, vivem abraçados nos subsídios, nas isenções e nas taxas escorchantes de juros.

Bagunça generalizada

Vivemos numa sociedade internacional marcada por uma verdadeira bagunça generalizada, marcada por interesses mesquinhos, políticas protecionistas em excesso, intervenções em outras nações, incremento dos subsídios nacionais, crescimento de um falso nacionalismo, aumento de mentiras e muitas bravatas que espalham volatilidades, incertezas e instabilidades em todos os cantos da economia mundial.

Este cenário leva as nações a buscarem novos espaços de comércio exterior e integração econômica, buscando fortalecer seus sistemas econômico e produtivo, diversificando seus parceiros comerciais, investindo fortemente em novos modelos de negócios para diversificar sua pauta de comércio internacional, reduzindo a dependência externa, num mundo, cada vez mais integrado e interdependente, onde as instabilidades se espalham para toda a cadeia produtiva, impactando sobre todas as nações e gerando riscos crescentes, tudo isso afugenta os investimentos produtivos e alimenta uma financeirização da economia mundial, aumentando os ganhos dos mais ricos e degradando, os mais pobres, culminando na piora da distribuição de renda das nações.

Neste momento, destacamos uma grande bagunça internacional, países atacam outras nações e iniciam guerras fraticidas com milhares de mortes, meio ambiente degradado e florestas sendo devastadas para expandir seus setores agrícolas, regras internacionais construídas no pós segunda guerra estão sendo deixadas de lado, instituições multilaterais perderam espaço e relevância, onde podemos destacar a Organização das Nações Unidas (ONU), instituição criada para estimular ambiente de solidariedade entre países, cujo poder está cada vez mais reduzido, sem voz e sem relevância global.

Na contemporaneidade, percebemos movimentos globais para fragilizar as moedas nacionais e fortalecer as criptomoedas, reduzindo o poder das Autoridades Monetárias, limitando a capacidade de intervenção dos governos nacionais, desta forma, percebemos o crescimento do poder dos atores privados e dos grandes grupos financeiros internacionais, que

garantem o incremento de recursos dos grandes fundos de investimentos e seus congêneres, os grandes conglomerados de informação e de tecnologias, as chamadas Big Techs.

Nesta bagunça generalizada, percebemos ataques crescentes a democracia liberal, onde grandes grupos econômicos e financeiros, dotados de poderes monetários inimagináveis, dispensem grandes recursos para eleger seus políticos de estimação, que servem para colocar em pauta seus interesses mesquinhos e imediatos, seus ganhos estratosféricos e servem ainda, para garantir e perpetuar os seus privilégios e suas isenções fiscais e tributárias, se afastando das necessidades básicas da população e contribuindo para criminalizar a política, o Estado e a Democracia, além de perpetuar as iniquidades.

Neste momento, marcado por uma bagunça generalizada, percebemos que a maior economia do mundo vem aplicando tarifas escorchantes para todos os seus parceiros comerciais, elevando tarifas comerciais e gerando impactos para todos os setores produtivos, aumentando os preços internos e a inflação, elevando as incertezas, espalhando rastros de instabilidades, além de desemprego, informalidade e desesperança.

A elevação das tarifas comerciais dos EUA vislumbrava a atração de novos investimentos internacionais, o incremento do emprego interno e a melhora na renda agregada dos trabalhadores norte-americanos, mas essas políticas unilaterais tendem a criar novos constrangimentos, aumento dos preços e instabilidades crescentes da economia. Num mundo de incertezas, como o atual, medidas unilaterais contribuem para o crescimento da bagunça generalizada e nos mostra que, num mundo integrado, interdependente e multilateral, precisamos construir consensos e não destruir seus semelhantes.

Cassino Global

Vivemos num momento de grandes transformações estruturais da sociedade mundial, regras internacionais, escritas e consolidadas desde meados do século passado, estão sendo desrespeitadas todos os dias, modelos de negócios exitosos estão sendo destruídos, empregos consolidados estão exigindo novas habilidades, investimentos que demandam previsibilidade e planejamento estratégico estão sendo alterados e substituídos por investimentos de altos riscos, estimulados pelo crescimento das incertezas e das instabilidades econômicas, o mundo vem se transformando rapidamente, alterando comportamentos humanos, aumentando a concorrência entre governos, empresas e indivíduos, um verdadeiro cassino global, marcado pelo incremento do imediatismo, do individualismo, do fanatismo e na busca crescente pela acumulação monetária, vistas como um verdadeiro símbolo de sucesso individual.

O mundo contemporâneo está sendo dominado pelos interesses do grande capital financeiro global e das chamadas *big techs*, as chamadas empresas de tecnologias, conglomerados dotados de grande desenvolvimento tecnológico e elevado poder político global, que controlam setores fundamentais da economia mundial, elegem representantes, impõem agendas de seus interesses, criam legislações que garantem retornos financeiros, evitando que órgãos de regulação limitem seus poderes, além de fragilizar as estruturas democráticas e contribuindo para distanciar os representantes eleitos dos interesses dos seus eleitores.

Vivemos num momento de grande mutação econômica, agitação política, movimentação cultural, fragilização social e degradação ambiental, que se manifestam na sociedade global num verdadeiro caos institucional, as regras do Direito Internacional estão sendo colocadas de cabeça para baixo, governos estrangeiros se arvoram no poder de intervir em outras nações, exigindo reparações, impondo tarifas, elevando taxas e ameaças crescentes.

Neste cenário de grande instabilidade e crescente incerteza, os ganhadores garantem seu incremento econômico, aumentam seus patrimônios monetários, adquirem seus concorrentes, fortalecem seus monopólios e, em contrapartida, aumentam as desigualdades sociais e incrementam rapidamente as vulnerabilidades dos seres humanos, degradando famílias e criando indivíduos desesperançados, muitos deles buscam auxílio em terapias humanizadas para compreenderem seus conflitos individuais e coletivos, encontrando a frieza das máquinas e das inteligências artificiais que tendem a se colocarem na mediação dos conflitos humanos e a substituir os psicólogos, psicanalistas e demais profissionais.

Neste ambiente de incertezas, marcadas por transformações comerciais estimuladas pelas imposições do governo norte-americano, percebemos graves constrangimentos para a economia internacional, setores inteiros estão em polvorosa, os prejuízos crescem todos os dias, as incertezas podem levar ao aumento dos preços internos, levando governos a adotarem políticas monetárias mais restritivas, trabalhadores percebem que seus empregos estão sendo ameaçados, o desemprego eleva as instabilidades profissionais e impactam sobre as questões familiares e geram movimentos nacionalistas verdadeiros e genuínos para defenderem seus interesses e seus setores econômicos e produtivos.

Neste cenário de incertezas e desesperanças deste verdadeiro cassino global, as violências crescem de forma acelerada e generalizada, levando os governos nacionais a aumentarem os dispêndios em segurança pública, contratando efetivos maiores, aumentando os gastos em tecnologias internacionais de monitoramento e vigilância urbana, se esquecendo de que as raízes dos desequilíbrios estão em outras searas, não adianta encarcerar indivíduos sem combater os privilégios de poucos, não adianta aumentar a população carcerária sem combater a degradação da educação, diante disso, estamos longe, muito longe de atacarmos nossos maiores desafios. O cassino global enfatiza a chamada guerra entre ricos e pobres na sociedade mundial e, os ganhadores não são os últimos.

Debates exaltados

Nos últimos meses percebemos novos debates na sociedade internacional, as guerras e os conflitos militares ganharam relevância, os debates sobre a degradação do meio ambiente ressurgem, antes concentrados nos grupos de ambientalistas agora aparecem na boca dos cidadãos mais conscientes, as tarifas comerciais se transformaram num espaço de grandes contendas econômicas, o genocídio ganhou força nas mídias tradicionais, a regulação dos grandes e poderosos conglomerados de tecnologia se fazem presentes nos parlamentos, além de assuntos técnicos, como a tributação, que passou a ser discutida nas mesas dos bares e, as desigualdades sociais, assunto antigo e, esquecido por muitos e analisados apenas no mundo acadêmico, vem ganhando importância nas redes sociais e nos canais alternativos, diante disso, percebemos uma mudança na agenda global e dos debates da sociedade mundial.

As tarifas adotadas pelo governo norte-americano estão gerando grandes constrangimentos para a sociedade internacional, internamente poucos analistas e especialistas acreditam que essa medida vai contribuir positivamente para a reindustrialização da economia dos Estados Unidos, poucos conglomerados nacionais trarão de volta suas plantas produtivas, sabendo que os custos externos são muito menores, tudo isso tende a gerar frustração e abalos políticos internos, além do aumento da inflação e, posteriormente, incremento das taxas de juros internas, que aumentam o endividamento das famílias, reduzindo o poder de compra e diminuindo o dinamismo dos setores produtivos. Externamente, as tarifas elevadas comprometem inúmeros setores produtivos mundiais, fragilizando as cadeias de valor global, gerando incertezas crescentes, além de instabilidades que levam os trabalhadores a flertarem com o desemprego e a exclusão social.

Neste cenário, percebemos que os assuntos relacionados a conflitos militares e guerras fratricidas ganham relevância na sociedade global, canais de youtube se especializam em mostrar episódios das guerras cotidianas que se espalham para a sociedade internacional, mostrando massacres televisionados ao vivo, explosões, bombas e destruições que

degradam a infraestrutura das nações, destroem comunidades inteiras, disseminando ressentimentos, ódios e desesperanças, além de destacar os grupos financeiros e conglomerados industriais que ganham valores astronômicos com a morte e a devastação da vida humana.

Outro assunto que vem ganhando espaço nas discussões internacionais é referente aos projetos mundiais de uma tributação mais progressiva, uma taxação dos bilionários que garantiriam trilhões de dólares que poderiam ser utilizados para reduzirem as desigualdades globais.

Neste debate que cresce no mundo contemporâneo, embora sejamos uma das nações mais desiguais do mundo, onde os grupos mais favorecidos pouco pagam em impostos, garantem isenções do pagamento de tributos sobre lucros e dividendos, impedem discussões sobre a progressividade tributária e se comportam como uma elite rentista, patrimonialista, endinheirada e que pouco se preocupa com os rumos da sociedade nacional, defendem seu status quo, lutam para manter seus privilégios, suas benesses e suas pomposas isenções fiscais e tem a pachorra de defender, nas mídias tradicionais, a redução dos repasses para os grupos mais depauperados.

Mesmo sabendo de que os debates exaltados crescem no mundo todo, percebemos que estas discussões são frágeis em seus conteúdos, cada grupo busca manter seus ganhos imediatos, buscam defender seus interesses em detrimento de seus concorrentes, se esquecem de que vivemos num mundo fortemente globalizado e integrado. Os melhores debates precisam reconhecer que vivemos num mundo multilateral, fortemente desigual e interdependente, onde os poderes não estão concentrados em uma única nação.

Jogos geopolíticos

As transformações cotidianas nos levam a reflexões sobre o futuro da humanidade, alterações crescentes em todos os setores da comunidade global geram medos, decepções, incertezas e variadas angústias. Vivemos num mundo centrado no medo e na desesperança, os empregos estão passando por fortes modificações estruturais, atividades que anteriormente exigiam força física passaram a ser substituídas por máquinas e novas tecnologias digitais, neste cenário, percebemos que os adultos estão receados de perderem seus empregos e serem substituídos por novos equipamentos, os jovens, ao olharem a situação dos adultos, perdem suas esperanças e reformulam seus objetivos de vida, sua empregabilidade, modificam seus relacionamentos afetivos, postergam seus estudos e investem nas jogatinas das bets, sonhando com o enriquecimento fácil.

Vivemos numa sociedade marcada por grandes mutações geopolíticas, os interesses das nações estão passando por modificações estruturais, países vistos como amigos estão deixando alianças históricas e buscando novos horizontes, os vínculos anteriores estão sendo alterados e reestruturados, gerando incertezas e novos espaços de conflitos, que podem culminar em confrontos militares e outras agressões cotidianas. Depois de mais de 80 anos tutelando os países europeus, os norte-americanos se afastam e exigem que os países da região banquem seus custos de defesa, desta forma, abrem novos espaços para alavancar os setores de defesa e garantem novos negócios milionários para os Estados Unidos.

Neste ambiente, vivemos um momento de grandes agitações geopolíticas motivadas pelos interesses de grandes grupos norte-americanos que dominam a sociedade, impondo suas estratégias, aumentando as tarifas comerciais, adotando medidas que geram ingerências em questões internas de outras nações, estimulando nacionalismos, conflitos econômicos e gerando uma verdadeira bagunça institucional que limita a capacidade de planejamento econômico e organização de suas cadeias produtivas.

A conjuntura econômica internacional está passando por grandes transformações, neste cenário, percebemos agitações geopolíticas globais, nestas mutações visualizamos o nascimento de um mundo multipolar, onde os centros de poder não estão mais concentrados em apenas uma única nação, percebemos o surgimento de vários polos de poder que nascem e se estruturam, com isso, percebemos o crescimento dos confrontos cotidianos entre países, ameaças constantes, violências verbais e simbólicas que crescem diuturnamente, aumentando as incertezas e as instabilidades que geram caos econômicos e produtivos.

A Ásia cresce de forma acelerada e ganha espaço em todas as áreas e setores produtivos, gerando preocupações crescentes pelo fortalecimento econômico e produtivo de seus países. As nações que dominavam o cenário global vêm perdendo espaço na sociedade mundial, a antes nação dominante, que dominou o ambiente econômico e financeiro mundial sente o crescimento de novos polos de poder e usa seu poder e sua influência para limitarem o crescimento de seus opositores, desta forma, percebemos, mais claramente, as ações adotadas pelo governo norte-americano, que nos últimos meses gerou grandes constrangimentos na sociedade internacional.

Neste cenário, vivemos um verdadeiro xadrez geopolítico global, onde todos os passos devem ser estudados e planejados, novos horizontes estão sendo construídos e cabe a cada nação escolher seus passos, analisar seus horizontes e os desafios que se apresentam, neste ambiente, percebemos, ainda, que somos muito mais frágeis e dependentes do que imaginamos, passou da hora de reconhecermos nossas fragilidades econômicas, institucionais e tecnológicas e investirmos fortemente em capital humano, as colheitas não são imediatas, antes de colhermos, precisamos plantar.

Violência e Insegurança

A sociedade mundial vem passando por muitas transformações nos últimos 30 anos. As estruturas estão sendo todas modificadas, a instabilidade e a insegurança tem se transformado na nova regra social, gerando um aumento da insegurança e da violência entre os indivíduos, entre empresas e entre nações.

Neste ambiente de inúmeras mudanças, a violência e a insegurança crescem de forma acelerada no Brasil, apenas em 2023 mais de 45 mil pessoas foram assassinadas, colocando o Brasil na condição de uma das nações mais violentas do mundo, soma-se a este clima de perturbação, as crises política e econômica, a alta informalidade e a redução da renda agregada, todas estas questões contribuem para este ambiente de desesperança, medo e a degradação social.

A insegurança cresce de forma acelerada, gerando medo e preocupação em todos os indivíduos e famílias. Viver em grandes centros urbanos se transformou em um grande desafio, sair para trabalhar todos os dias pela manhã e retornar no final da tarde é uma conquista que todos almejam. A violência transforma hábitos, costumes e comportamentos, somos escravos destes medos e nos cercamos de produtos para nossa proteção. Os grandes ganhadores deste ambiente de barbárie se refugiam em lucros astronômicos com a venda de armas, munições, blindados e a falsa sensação de segurança.

As violências e as inseguranças crescem em todas as regiões do mundo, atingindo as estruturas econômicas, degradando a lógica política, devastando as questões sociais, deformando as emoções, impondo valores, rechaçando a solidariedade e fortalecendo a concorrência, o lucro imediato, o individualismo e o hedonismo, valores que crescem na sociedade global.

O mundo contemporâneo caminha para o caos e nem mesmo as promessas de prazeres gerados pelas tecnologias estão encantando mais os indivíduos, a Inteligência Artificial nos fascina, mas ao mesmo tempo, nos geram medos e preocupações com seus empregos e sua

sobrevivência, o clima está mais próximo de uma guerra de todos contra todos e a paz nos parece, cada vez mais, um projeto distante e inacessível para a grande maioria.

As regras econômicas estão sendo destruídas todos os dias, discursos fanatizados crescem nas redes sociais, as realidades se transformam cotidianamente em narrativas de acordo com seus interesses imediatos e as fake News se espalham em todas as regiões, gerando adoradores, seguidores e defensores de uma realidade paralela, espalhando inverdades, corrompendo a verdade e transformando a sociedade em um verdadeiro cassino global.

Neste ambiente de instabilidades preocupações e medos, os indivíduos se apegam a um arsenal de medicamentos, drogas e terapias alternativas, os agentes da redenção anterior não mais conseguem dar as respostas necessárias. A religião e a família, eixos centrais dos antigos modelos de organização social, antes responsáveis pelas explicações, hoje se restringem a tentar se reconstruir, marcados por denúncias e degradações de todas as naturezas, o mundo contemporâneo está nos levando a reflexões mais íntimas, uma nova organização social é fundamental, centrada no respeito às diversidades e na construção coletiva como instrumento de melhorias sociais, um mundo novo é possível e sua construção é cada vez mais urgente, unamo-nos todos.

Dependências

Vivemos momentos inquietantes, marcados por instabilidades, volatilidades e incertezas crescentes e, ao mesmo tempo, estamos descobrindo as fragilidades estruturais e conjunturais, além de vislumbrarmos as dependências e as subalternidades que dominam a sociedade brasileira, num mundo marcado por grandes mutações, poderes hegemônicos e conflitos geopolíticos, neste cenário, precisamos reforçar nossa autonomia nacional.

Neste momento, percebemos uma situação inédita na sociedade global, o aumento dos conflitos militares, invasões territoriais, agressões externas, ingerências e políticas retaliatórias com interesses “ocultos”, que ameaçam a soberania e a autonomia das nações, além de tarifaços, mentiras e inverdades que degradam as organizações econômicas dos países, desestruturam as cadeias produtivas, gerando instabilidades e destruindo setores econômicos inteiros, com fortes impactos sobre o emprego e a renda nacional, degradando as condições de vida dos trabalhadores, exigindo uma atuação mais efetiva dos governos com políticas fiscais para evitar uma devastação social.

Neste ambiente, percebemos nosso subdesenvolvimento estrutural, cultuamos valores externos, defendemos interesses estrangeiros, valorizando nações que nos exploram, agredimos símbolos nacionais e criamos um universo paralelo, rechaçando o nacional, degradamos as instituições nacionais e acreditamos que somos verdadeiros patriotas.

Neste momento percebemos nossa dependência tecnológica e sentimos, na pele, nossas fragilidades econômica, produtiva e financeira. No mundo digital, que caracteriza a sociedade contemporânea, os agentes econômicos e produtivos buscam novas formas de agradar e satisfazer as necessidades dos consumidores, para isso, compram tecnologias externas, pagam royalties gigantescos, importam produtos e técnicas estrangeiras e rechaçam a tecnologia nacional, entregam empresas nacionais estratégicas, além de deixar a língua as universidades, os centros de pesquisa, reduzindo os investimentos na

educação e, com isso, aprofundam a forte dependência tecnológica que acumulamos a séculos. Neste momento, percebemos que cultivamos um verdadeiro viralatismo, termo cunhado por Nelson Rodrigues, que perpetua nossa dependência econômica e, principalmente, a nossa dependência intelecto cultural.

Vivemos num momento em que as nações estão buscando valorizar suas potencialidades, defender seus interesses nacionais e sua soberania política, fortalecer seus setores produtivos, estimular uma reconstrução industrial e diminuir nossas dependências externas, para evitarmos que, em momentos de incertezas e instabilidades externas, como as que vivemos atualmente, não degradem nossas estruturas econômicas e limitem nossa capacidade de organizar seus setores produtivos.

Atualmente vivemos momentos valiosos para a sociedade nacional, as crises tarifárias e as ameaças estrangeiras nos mostram nossa fragilidade externa e nossa polarização interna. Nos anos 90 apostamos que a melhor forma para alcançarmos nosso desenvolvimento era internacionalizar nossa estrutura produtiva, abrimos nossa economia, atraímos grandes conglomerados econômicos, compramos produtos estrangeiros, adquirimos mercadorias melhores e mais eficientes e, não percebemos que fragilizamos nossa estrutura produtiva. Passamos a comprar produtos industrializados de todas as regiões do mundo, atraímos novos parceiros comerciais, diversificamos nossas importações, desindustrializamos nossa economia e aumentamos nossas dependências externas.

As grandes mudanças engendradas desde o final do século passado foram interessantes e transformaram nossas estruturas econômica e produtiva. Estabilizamos nossa moeda, estabilizamos nossa economia privatizamos empresas estatais, diminuímos o papel do Estado, aumentamos nossa dependência tecnológica e nossa subordinação financeira e consolidamos nossa primarização econômica e nos tornamos mais dependentes da setor agroexportador, neste cenário global de novos desafios, percebemos os equívocos cometidos ao desindustrializar nossa economia e, neste momento, se não

aumentarmos nossa complexidade econômica vamos perpetuar nosso atraso histórico.

Desacelerando a economia

A economia brasileira apresenta uma desaceleração nos últimos meses, com impactos para toda a estrutura econômica e produtiva. Depois de uma melhora nos últimos anos, com crescimento na casa dos 3%, estamos percebendo uma perda de dinamismo econômico, ainda mais, num momento de grandes incertezas externas geradas pelo governo estadunidense, com medidas abruptas, tarifas elevadas e uma política mais pragmática.

A economia brasileira apresentou indicadores macroeconômicos positivos desde 2023. Melhora no ambiente de negócios, crescimento no produto interno bruto (PIB), aumento nos superávits comerciais, investimentos produtivos em ascensão, redução do desemprego, incremento do crédito e aumento significativo da renda dos trabalhadores, tudo isso, contribuiu para a melhora significativa da economia nacional.

Vivemos numa sociedade global marcada pela crescente instabilidade econômica e uma forte polarização política, que afugenta investimentos produtivos e levam os agentes privados a buscarem ativos mais seguros, restando aos governos nacionais aumentarem os dispêndios governamentais como forma de evitar a retração da economia nacional, cujos impactos negativos são elevados e, ao mesmo tempo, prejudicam fortemente os governos de plantão.

No caso brasileiro, percebemos o agravamento das questões fiscais que limitam o incremento dos gastos públicos, limitando os investimentos internos e canalizando grandes recursos monetários para o pagamento da dívida pública que, com uma taxa de juros estratosférica de 15%, transfere somas elevadas de recursos do orçamento público para os rentistas, aumentando a concentração de renda e incrementando as variadas desigualdades da sociedade brasileira.

Percebemos que a economia brasileira vem desacelerando, isto está acontecendo porque os motores do crescimento econômico estão sendo fragilizados, o consumo das famílias vem perdendo o dinamismo em

decorrência das taxas de juros elevadas e o endividamento crescente, o setor exportador que sempre contribuiu para acelerar o crescimento vem perdendo espaço em decorrência das incertezas e das instabilidades motivadas pelas políticas altamente protecionistas adotadas pelo governo norte-americano, além das dificuldades fiscais, vistas pelo mercado como um limitador dos investimentos públicos, neste cenário, estamos vivendo um momento de inquietação e fortes incertezas, onde estamos aguardando novas medidas para impulsionarem o crescimento econômico e evitar uma maior degradação econômica.

O país acumula grandes desequilíbrios estruturais, o crescimento econômico é fundamental para reduzir os péssimos indicadores econômicos e sociais, sem fortalecer nossos setores econômicos e produtivos, sem impulsionarmos os empregos e sem uma melhora da renda agregada vamos gerar graves constrangimentos sociais, com aumento de violência urbana e uma degradação das condições de vida da população mais fragilizadas.

Neste momento, marcado por instabilidades crescentes em todas as regiões do mundo, é importante construirmos um verdadeiro projeto de país, precisamos olhar para o futuro e adotarmos, com urgência, políticas efetivas que garantam espaço de crescimento e inserção mais soberana no ambiente global, deixando modelos ultrapassados de crescimento econômico que pouco trouxeram de melhorias para a sociedade brasileira. Neste momento, precisamos construir empresas nacionais consolidadas, desenvolver tecnologias inovadoras, desenvolver setores que apresentem vantagens reconhecidas internacionais, reduzindo dependências externas e diversificando nosso comércio internacional, precisamos evitar a concentração de vendas externas em apenas poucas nações, consolidar novos parceiros comerciais e fortalecer nossa estrutura produtiva, deixando de lado um viralatismo estrutural que perpassa a elite nacional, sempre ativa e muita criativa para perpetuar nossa submissão e nossa dependência externa.

Agitando o mundo

Nos últimos meses estamos visualizando uma grande transformação na sociedade mundial, estes movimentos são estimulados pelo forte poder dos Estados Unidos da América, com medidas unilaterais, pressões generalizadas, adoção de tarifas comerciais, com ofensas de amigos e de parceiros tradicionais, além de ofensas internas e demissões sumárias, gerando uma grande instabilidade no cenário internacional e afetando a imagem da nação, da moeda, das tradições e das instituições, sempre vistas como um exemplo de estabilidade, credibilidade e confiabilidade.

Neste momento, vivemos um período de grandes incertezas na sociedade internacional, movimentando conflitos militares em variadas regiões, agitando o mercado de armas e tecnologias bélicas, levando as nações a investirem grandes somas monetárias para a defesa nacional, acreditando que os inimigos estão em outras regiões ou aqueles que batem as suas fronteiras nacionais, como os imigrantes, que saem de suas nações vitimadas pela miséria e pela exploração, gerando um ambiente de medo e de desesperança, não compreendendo que os maiores adversários estão dentro de nossas fronteiras nacionais, grandes grupos financeiros que se comprazem com lucros estratosféricos, com taxas de juros escorchantes e setores empresariais que pagam salários desumanos e que pregam, usando seus instrumentos de comunicação, o patriotismo nacionalista e são, verdadeiros entreguistas, que vendem seu país, defendem golpes militares ou parlamentares e se comprazem com a miséria da população nacional.

Recentemente, circulou nos meios de comunicação de massa, matérias que mostravam o aumento da desigualdade econômica na sociedade internacional, publicações que mostravam este verdadeiro escárnio mundial, onde as raízes desta situação de degradação se faz, cada vez mais evidente, onde os bilionários crescem rapidamente e dominam a sociedade global, comandando as instituições políticas e garantindo seus benefícios imediatos, controlando as estruturas econômicas e produtivas, garantindo isenções fiscais e financeiras para suas próximas gerações e difundem a ideia, bem construída, da meritocracia e o poder

do empreendedorismo, falácia do mundo dominado pelo grande capital improdutivo.

As discussões mais importantes para estruturar a sociedade mundial estão sendo deixadas de lado, as conversas que prosseguem servem para estimular ódios e ressentimentos, grupos muito bem-organizados que investem grandes somas de recursos monetários para degradar a reputação dos indivíduos que pensam diferente, vídeos que fomentam a mentira e a desinformação crescem e são alavancadas por empresas de tecnologias, visando estimular inverdades, provocar violências, medos e conflitos generalizados. Neste cenário, os verdadeiros assuntos que poderiam melhorar as condições de vida da população, discussões que mostram as verdadeiras lacunas nacionais e internacionais estão sendo escondidas ou escamoteadas para perpetuar as condições de vida existentes na contemporaneidade, um verdadeiro conflito generalizado de todos contra todos, o resultado de tudo isso, todos conhecemos, uns poucos mais ricos e poderosos e uma grande massa de degradados, empobrecidos e sem perspectivas de melhorias futuras. Assim caminha a humanidade...

Vivemos um momento estratégico para a sociedade brasileira, os conflitos crescem, as violências aumentam e a pobreza cresce, neste instante, precisamos saber o que queremos do futuro, será que queremos vender nossos patrimônios e nossas riquezas, entregando nossos rumos a outra nação ou precisamos compreender que estamos num momento interessante e devemos tomar conta da nossa soberania e de nossa autonomia. Acorda Brasil...

Desigualdades Crescentes

Num mundo marcado por grandes transformações estruturais, onde os modelos de negócios estão sendo alterados rapidamente, onde o mundo do trabalho se movimenta constantemente e os trabalhadores precisam se reinventar cotidianamente como forma de angariar, ou manter, um emprego decente e garantir as mínimas condições de sobrevivência.

Vivemos num país marcado por grandes desigualdades em todas as áreas e setores, marcados por uma história de explorações constantes, externa e interna, constituído como nação “independente” pelas mãos de trabalhadores escravizados, humilhados e degradados e, em contrapartida, por uma elite imediatista, individualista e entreguista, que vangloria os produtos estrangeiros, que paga fortunas para desfilar em cidades internacionais, tirando fotos para mostrar seu sucesso e se exime da sua responsabilidade diante da desigualdade crescente, apoiando a exploração de nações estrangeiras e batendo palma para aqueles que vendem a soberania nacional e acreditam serem verdadeiros patriotas e nacionalistas.

O Brasil se caracteriza por inúmeras contradições, somos vistos como uma das maiores economia do mundo, detemos setores produtivos dotados de grande tecnologia e, ao mesmo tempo, somos uma das nações mais desiguais do mundo, onde quase cinquenta milhões de pessoas não possuem saneamento básico, uma nação marcada por um educação deficiente e incapaz de preparar os cidadãos para os desafios do mundo digital e marcado por elevado desenvolvimento tecnológico, desta forma, estamos perpetuando uma desigualdade estrutural, onde os sonhos mais íntimos e pessoais se concentram na sobrevivência imediata e sem espaços sólidos para a construção de novos horizontes, desta forma, percebemos o crescimento da violência urbana, da pobreza generalizada, da corrupção crescente e o incremento de pessoas vivendo nas ruas.

Recentemente conseguimos retirar o país do mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU), um feito que deveria ser elogiado

e comentado pela mídia nacional e pelos formadores de opinião, mas infelizmente, muitos ignoraram o assunto para não elogiar as políticas adotadas, desta forma deixam de informar a população e mostrar as medidas que trouxeram melhorias na condição de vida da população. Para colher os frutos positivos da retirada do mapa da fome da ONU foram necessárias uma atuação maior do governo federal, a recuperação de políticas públicas degradadas anteriormente, além do crescimento econômico que ultrapassou os 3% do produto interno bruto, além da redução do desemprego e a melhora da renda dos trabalhadores.

Vivemos num país onde, em 2024, os 10% mais ricos da população brasileira detinham 39,8% da massa de rendimentos, enquanto os 70% mais pobres ficavam com 33,4%. Dados vergonhosos para um país como o nosso, dotado de grandes riquezas e forte potencial de desenvolvimento, mas exigiria uma discussão mais séria, menos falatórios, discursos inflamados e mais medidas estruturais imediatas.

Sabemos que são muitas as iniciativas necessárias e imprescindíveis, além de urgentes, para vislumbrarmos uma melhora das desigualdades estruturais da sociedade brasileira, dentre elas, precisamos alavancar a educação nacional, fortalecer a carreira docente, aumentar os investimentos em pesquisa, ciência e tecnologia, sem estas medidas vamos perpetuar nosso atraso e nossa subserviência de nações estrangeiras. Neste cenário, percebemos que estamos caminhando no sentido contrário, nossa educação vem sendo degradada cotidianamente, os professores chamados de mestres, são ridicularizados, suas condições de trabalho são péssimas e seus salários estão sendo arrochados há décadas, desta forma, estimulamos o crescimento da ignorância, da subserviência e a desesperança.

Morte por desespero

Vivemos momentos de grandes inquietações na sociedade internacional, modelos econômicos perdem espaço no cenário global, transformações frenéticas no mundo do trabalho, um sólido e consistente desenvolvimento tecnológico que traz grandes ganhos de produtividade da economia mundial e, ao mesmo tempo, percebemos o incremento de guerras crescentes em todas as regiões do mundo, levando especialistas a afirmarem que estamos nos aproximando de um conflito militar, com grande potencial destrutivo da sociedade internacional.

Nesta sociedade, percebemos problemas prementes de desigualdades variadas e crescentes em todas as nações do mundo, países que eram vistos pelo sólido ambiente de bem-estar social e um forte desenvolvimento econômico, baixa desigualdade e variadas oportunidades para todos os grupos sociais, estão sentindo na pele o crescimento das desigualdades, com o incremento da pobreza, da violência e da desesperança, deixando características mais evidentes da comunidade internacional.

Em pleno século XXI, numa sociedade global altamente tecnológica, integrada e interdependente, percebemos novas formas de morte, onde os indivíduos estão perdendo a vida por desespero, uma situação que aparece fortemente nos Estados Unidos da América, como destacou o renomado economista e ganhador do Prêmio Nobel de Economia, Angus Deaton. Segundo o autor, estamos vivendo as mortes por desespero, motivados pelo consumo crescente de overdose de opiáceos, depressão, suicídio, mortes associadas ao álcool... que vitimam mais de 150 mil pessoas ao ano. Segundo Deaton, no livro *Mortes por desespero e o futuro do capitalismo* retrata, neste sentido, a queda do sonho americano, o fracasso do capitalismo americano em proporcionar bem-estar a muitos.

Percebemos, desde os anos 1980, o crescimento da desigualdade da renda na maior economia mundial. Os Estados Unidos se transformaram na maior economia do mundo depois da Segunda Guerra Mundial,

seus números de crescimento econômico e a melhora substancial das condições de vida da população eram palpáveis, sua democracia era vista como um exemplo a ser seguido por todas as regiões do globo, suas empresas eram as mais pujantes e seu sistema produtivo era o mais eficiente mas, nos últimos anos, essa locomotiva perdeu sua força, a renda se concentrou de forma acelerada, o 0,1% da população concentra mais de 20% da riqueza nacional, o 1% mais alto controla mais de 40% e a metade da população estadunidense tem um ativo líquido negativo, o que significa que as dívidas superam os ativos, neste cenário, percebemos uma estagnação da renda dos trabalhadores no período neoliberal, estimulando raivas, rancores, violências e ressentimentos. De um mundo de oportunidades, riquezas e pujança econômica e produtiva estamos vislumbrando uma estagnação e o incremento da desesperança, tudo isso contribui para o crescimento das chamadas mortes de desesperos.

Neste cenário, a expectativa de vida nos EUA, que vinha aumentando de forma sistemática ao longo do século XX, estagnou e, em seguida, caiu nos últimos anos, queda de 78,9 anos para 78,6 anos entre 2014 e 2016, um fenômeno descrito como uma especificidade norte-americano, uma sociedade marcada pela competição, pelo individualismo, pelo imediatismo e cujo foco fundamental está sempre no lucro, no culto das armas e do ganho monetário. Neste ambiente de grandes transformações estruturais da geopolítica global, precisamos construir as nossas aspirações, deixando de lado tutelas externas e construir nossa história, respeitando nossa trajetória e consolidando valores esquecidos da sociedade contemporânea.

Polarizações Crescentes

Vivemos numa comunidade internacional marcada por grandes confrontos políticos, discussões econômicas e desajustes sociais, com impactos generalizados para todos os indivíduos, empresas e governos nacionais, gerando constrangimentos para todos os setores sociais, conflitos bélicos e militares, crescimento tecnológico inimaginável e dificuldades crescentes de relacionamento interpessoal, além de grandes desequilíbrios emocionais e espirituais.

Neste ambiente de tantos desequilíbrios percebemos o aumento sistemático da polarização em todas as esferas e setores da comunidade global, cientistas renomados, responsáveis por pesquisas relevantes, se sentem ameaçados e perseguidos por movimentos negacionistas que renegam descobertas científicas importantes para a comunidade mundial, gerando incertezas, medos e instabilidades na população, contribuindo para a divulgação do pânico, da confusão e do descrédito das pesquisas científicas.

No front político, percebemos o incremento da polarização, embora percebamos que a discussão faz parte da lógica política para a construção dos ideais democráticos, os debates nos parlamentos são imprescindíveis, as conversações são fundamentais entre os atores sociais, políticos e econômicos para defenderem ideias e pensamentos com o intuito de fortalecer os laços sociais, aumentar e consolidar os consensos sociais, vislumbrando um bem-estar na comunidade. Infelizmente, as polarizações crescentes, em todas as regiões do mundo, nos trazem confrontos físicos, agressões constantes, violências verbais, cancelamentos, represálias e inverdades, que contribuem para a fragilização dos ideais democráticos, levando a sociedade a perder tempos preciosos com discussões estéreis e inapropriadas, onde cada grupo defende seus interesses imediatos.

No campo econômico, percebemos um conflito secular entre ortodoxos e desenvolvimentistas, com visões diferentes do comportamento econômico e da percepção política, um se deliciando com políticas de

austeridade, juros altos e arrocho da renda da população mais fragilizada, defendendo a limitação dos gastos públicos e sociais, além de manterem os subsídios para grupos mais abonados da sociedade, muitos deles seus empregadores. De outro lado, percebemos que outros priorizam os investimentos produtivos, a geração de emprego, aumento da renda e salários melhores, sendo vistos, muitas vezes, como populistas e gastadores.

No campo ideológico, percebemos um conflito crescente e assustador, pessoas defendendo pensamentos e ideologias desconhecidas, bradando ideias e teorias conspiratórias supostamente defendidas por intelectuais e, pasmem, autores que não foram lidos e mesmo assim, se arvoram na condição de críticos travestidos de intelectuais e dotados de capacidade reflexiva. Neste cenário, percebemos, na sociedade global, uma visão binária, acreditando que um dos lados é o representante do bem e outros são representantes do mal, uma dualidade medíocre e limitadora da capacidade de reflexão crítica sobre os grandes desafios da comunidade internacional.

A polarização do mundo coloca os indivíduos em um grande conflito existencial, neste cenário ao encontrarmos pessoas com ideias e pensamentos diferentes são taxados de ignorantes e atrasados, limitando a capacidade cognitiva, gerando um conflito de todos contra todos, num momento fundamental para compreendermos os grandes desafios da humanidade. Esta polarização nos coloca em polos contrários, num momento imprescindível para unir forças em prol da humanidade, elencando desafios coletivos, tais como a degradação ambiental, a corrupção generalizada, a pobreza material que assola parte significativa da sociedade mundial, a concentração de riqueza que patrocina uma guerra fratricida entre ricos versus pobres, dentre outros. Será que estamos na hora de acabarmos com essa polarização equivocada e atrasada, que destroem os elos dos seres humanos e leva a sociedade global para uma desagregação civilizacional.

Inquietações

O mundo contemporâneo nos traz grandes desafios e oportunidades, vivemos numa sociedade marcada por grandes desenvolvimentos tecnológicos, máquinas e novos equipamentos trouxeram grandes avanços para a sociedade global, doenças agressivas que foram responsáveis por milhões de mortes de indivíduos foram eliminadas. O sistema econômico passou por novos modelos de negócios, o marketing ganhou relevância e os seres humanos, para sobreviverem, passaram a desenvolver novas habilidades emocionais, construírem novos comportamentos e valores, estimulando novas formas de inovação, uma verdadeira revolução que impactou sobre as pessoas, os relacionamentos, as famílias, os valores e as necessidades humanas.

Os modelos econômicos e produtivos anteriores transformaram os comportamentos humanos, o estudo e a busca crescente pelos conhecimentos abriam novos horizontes para a comunidade, a obtenção de um curso superior consolidava novas habilidades profissionais, as religiões ganhavam adeptos e os cultos eram espaços de fortalecimento dos laços sociais e comunitários, as famílias cresciam e se consolidavam como um ator central na sociedade, todos buscavam estabilidade econômica, emocional e espiritual, esperando uma aposentadoria digna e decente que pudessem consolidar uma vida de trabalho.

Nesta sociedade em constante transformação, percebemos grandes modificações, as gerações passaram por alterações crescentes de valores, novos comportamentos e novas motivações, anteriormente as pessoas por volta dos quarenta anos falavam em casa própria, estabilidade, relacionamentos sólidos e duradouros, buscando casamentos e, posteriormente os filhos, buscando uma formação e constituição familiar. Na atualidade, para pessoas da mesma idade, percebemos novos comportamentos e novas conversas, agora, estão falando sobre boletos, faturas atrasadas, dívidas acumuladas, qualificação profissional constante, valor do aluguel, ansiedades, depressão e uma sensação de que a vida está sempre atrasada. O

cotidiano do indivíduo da meia idade passou por grandes alterações, essa geração percebe na pele que estão envelhecendo rapidamente, sem estabilidade, sem segurança profissional, aposentadoria precária, endividamento elevado ou, neste cenário preocupante, buscando se reinventar constantemente, para descobrir ou redescobrir o que é viver bem.

Pesquisas feitas pela revista Fortune mostram que essa geração ganha, em média, menos que seus pais recebiam em nossas idades, além do salário menor, percebemos que os custos de vida cresceram, o aluguel disparou sensivelmente, a previdência social nos parece inalcançável e o emprego, cada vez mais instável e incerto, marcados por fortes instabilidades, desta forma, é impossível que os indivíduos construam um planejamento futuro, com isso, percebemos o incremento das ansiedades, os medos e os ressentimentos.

Essa geração, chamada de millenials, está vivendo a crise da meia idade, uma sociedade centrada na volatilidade, no individualismo, no imediatismo, a cultura do sucesso se transformou em uma verdadeira tirania, convivendo constantemente com a exaustão física, exploração profissional, salários degradados, benefícios sendo reduzidos, aumento do burnout, reinvenções profissionais forçadas, dívidas acumuladas e o peso de não ter seguido o roteiro prometido pelo mercado, promessas e mais promessas, quando param para perceber, o tempo passou...

Neste ambiente, percebemos um choque constante entre as promessas do capitalismo contemporâneo e o que o mundo se tornou, um ambiente mais incerto e competitivo, onde foram prometidos estabilidade, ascensão profissional e prosperidade econômica e, ao invés disso, percebemos a perpetuação da instabilidade, da precariedade e do crescimento constante e sistemático das cobranças cotidianas. Neste cenário de degradação e instabilidades, percebemos que estamos envelhecendo, sem perspectivas, sem previdência e sem esperanças de dias melhores.

Modelo Econômico

Vivemos numa sociedade bem interessante, marcada pelo crescimento da tecnologia, que aproximam as pessoas e, ao mesmo tempo, nos distanciam; uma sociedade marcada pelo crescimento da riqueza material onde poucos podem usufruir de bens sofisticados e, uma grande massa, sobrevive na indignidade, na exploração e na subserviência. Estamos vivendo em um momento de grandes transformações estruturais, cujos impactos ainda não podem ser mensurados, onde os vestígios do futuro são preocupantes e muito inquietantes.

De um lado, percebemos uma alteração nos relacionamentos humanos, neste cenário de instabilidades, medos e incertezas, as pessoas evitam relacionamentos duradouros e compromissos mais sólidos, como nos ensina o grande sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, estamos no mundo sólido, dos amores sólidos e dos sentimentos líquidos, marcados pela superficialidade, onde as pessoas se refugiam em seu individualismo crescente, no imediatismo defensivo, buscando seus prazeres imediatos, vontades variadas e se distanciando das frustrações, acumulando imaturidades e vazios sentimentais.

Vivemos num mundo onde a ciência destravou grandes descobertas científicas e tecnológicas, superando doenças vistas como incuráveis e criou novos horizontes para a vida humana, mas ao mesmo tempo, nos deliciamos com a destruição material, destruímos nações inteiras para nos apoderarmos de suas riquezas naturais, deixando os povos na devastação e na degradação, aumentando as privações materiais e as pobrezas morais, um mundo marcado por grandes contradições.

Vivemos numa sociedade marcada pela hiperconcorrência, neste cenário estamos em constante competição, antes competíamos com produtores locais, muitos deles conhecidos, atualmente estamos num mercado global, competindo com produtores de outras regiões do mundo. Neste ambiente estamos cotidianamente nos preparando para a sobrevivência, requalificando, recapacitando, reconectando e mesmo

assim, não temos a garantia de que conseguiremos sobreviver na competição global, acreditamos nas virtudes do livre comércio e percebemos que, em muitas nações, governos dispendem bilhões de dólares para garantir seus negócios bilionários e proteger seus sistemas econômicos e produtivos.

Vivemos num mundo marcado pela busca frenética por riquezas naturais, minérios estratégicos e energias alternativas para garantir e manter o status quo de poucos e, para isso, destroem nações inteiras, acusam terrorismo externo e invadem países, gerando destruições e colocando, no poder, apaniguados e fantoches para garantirem e perpetuarem a exploração e um novo colonialismo.

Vivemos num mundo onde os donos do poder controlam os grandes recursos monetários e financeiros globais, exigem taxas de juros estratosféricas, controlam os Bancos Centrais, compram governos subservientes e garantem enriquecimento de seus apaniguados e, num momento de crises financeiras globais, como a acontecida nos anos 2007/2008, exigem resgates bilionários para evitar perdas elevadas e transferem os passivos estratosféricos para os pobres, endividando a classe média e levando pessoas ao desemprego crescente, criando uma epidemia de depressão e suicídios, que embora crescentes, são ignoradas e deixadas de lado pela mídia tradicional.

Vivemos num momento de grandes degradações da humanidade, na meca do capitalismo global, os Estados Unidos, estamos percebendo o surgimento de mortes por desespero, todos percebemos as devastações crescentes do mundo contemporâneo e deixam de lado uma reflexão sobre o modelo econômico dominante, excludente, destruidor da dignidade humana, impulsionando a desigualdade global e, neste cenário, percebemos um receituário surreal, mais privatização, mais empreendedorismo, mais concorrência e mais devastação ambiental. O mundo civilizado acordou deste nefasto receituário, mas nós, infelizmente, estamos adotando as mesmas políticas e acreditando que somos modernos.

Tributação e Desigualdades

Vivemos num momento marcado por grandes alterações na sociedade global, neste ambiente percebemos novos modelos econômicos que surgem cotidianamente, novas profissões surgem e modificam o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, profissões consolidadas perdem espaço, exigindo dos trabalhadores transformações no cotidiano, novos conhecimentos, novos valores e novos comportamentos. O desenvolvimento tecnológico vem transformando o dia a dia dos indivíduos, afinal, somos impulsionados por novas plataformas, novos produtos e novos aplicativos, que alteram a comunicação, o entretenimento, os relacionamentos humanos e as relações sociais.

Neste ambiente, marcado por grandes transformações tecnológicas, onde os modelos de convivência social estão sendo alterados e transformados, novos modelos de negócios surgem e destroem os modelos anteriores, gerando, o que o grande economista austríaco Joseph Schumpeter, chamou de destruição criadora, onde empreendedores e inovadores constroem novos modelos produtivos e destroem modelos antigos, inaugurando novas formas de acumulação e contribuindo para a criação de riquezas.

Neste momento, percebemos o surgimento de novas discussões econômicas e sociais, onde aparentes consensos passaram a ser questionados, gerando confrontos de ideias e pensamentos, motivando novos questionamentos e trazendo novas reflexões que organizam a opinião pública, exigindo novas posturas e novos instrumentos de resolução de problemas complexos. Na sociedade brasileira, desde os anos 1990 vivemos uma agenda econômica centrada na austeridade financeira, onde os governos devem ser austeros com os gastos públicos pois estes podem gerar processos inflacionários crônicos, diante disso, deveríamos cortar os repasses públicos, privatizar empresas estatais e abrir a economia nacional, um receituário “moderno” para superarmos nossos atrasos e nossos retrocessos históricos.

Adotamos as medidas “modernizantes” e colhemos uma economia sem setor industrial, dependentes de tecnologias do setor de serviços, comandadas pelos grandes conglomerados estadunidense e asiáticos, além de sermos dominados por um setor agroexportador, marcado por subsídios exagerados e isenções fiscais ilimitadas. Nossas empresas estatais, que eram ineficientes, foram vendidas na bacia das águas para grandes grupos internacionais e, atualmente, fazem parte do portfólio de grandes fundos financeiros globais que dominam a economia mundial, com isso, perdemos nossa autonomia interna, dependendo, cada vez mais, de tecnologias externas e exportamos produtos primários de baixo valor agregado.

Em tempo de transformações econômicas, políticas e sociais, precisamos rever nossa estrutura tributária, afinal somos um dos países mais desiguais da sociedade global, segundo dados do Banco suíço UBS, que analisa a dinâmica da riqueza em 56 nações, o Brasil fica no primeiro lugar, a frente da Rússia, África do Sul, Emirados Unidos, Suécia, Estados Unidos, Índia, Turquia e México e, ao mesmo tempo, nos coloca com o maior número de milionários da América Latina, mais uma estatística que nos envergonha perante a sociedade internacional.

Os motivos desta desigualdade são conhecidos por muitos teóricos, neste espaço gostaria de destacar apenas um dos mais evidentes, a tributação. Muitos dizem que pagamos muitos impostos, mas quem realmente paga imposto no Brasil? Os grandes contribuintes que movimentam a estrutura estatal são os mais pobres e a classe média, os donos do grande capital financeiro pagam muito pouco, patrocinam isenções variadas que garantem seus benefícios tributários, deixando de pagar quase 1 trilhão por ano, nada pagam dividendos e usam seu poder político para manter suas benesses. Se estamos num momento de reflexões intensas, está na hora de revermos as desigualdades criadas pelo sistema tributário nacional...

Trabalho Contemporâneo

A sociedade contemporânea vem vivendo uma verdadeira mutação em todas as áreas e setores, com impactos sobre os setores produtivos, organizações e indivíduos. Nestas transformações cotidianas, motivadas pelo incremento da tecnologia e da inovação, um dos setores mais sensíveis da contemporaneidade é o mundo do trabalho, onde os avanços da tecnologia estão moldando um mundo novo, mais complexo e cheio de desafios e oportunidades.

Especialistas em carreira nos mostram que muitas profissões tendem a desaparecer por completo e, ao mesmo tempo, novas ocupações tendem a ganhar espaço nas organizações, exigindo novas habilidades, novos comportamentos e novos valores. Neste ambiente, marcado por alterações cotidianas, percebemos o crescimento das incertezas, o incremento dos medos e das ansiedades, impulsionando comportamentos extremados e violências generalizadas, além do aumento significativo da depressão e dos suicídios.

Neste ambiente de grandes transformações estruturais, encontramos novas profissões, que exigem novas habilidades e novos comportamentos, onde destacamos especialista em IA e aprendizagem de máquina, especialista em sustentabilidade, analista em inteligência de negócios, analista de segurança da informação, engenharia de Fintech, especialistas em transformação digital, cientistas e analistas de dados, além dos conhecidos youtubers, influenciadores e motoristas de aplicativos, que estão revolucionando a sociedade contemporânea, gerando novas oportunidades e exigindo, da comunidade, a construção de novas estratégias e muita criatividade para empregarem os trabalhadores, evitando que muitos grupos econômicos e sociais fiquem excluídos.

O mundo do trabalho passou por grandes modificações, o século XX foi caracterizado pelos modelos fordista e taylorista, uma sociedade industrial, marcada pela quantidade de trabalhadores, pela disciplina e pelo comando centralizado. No modelo contemporâneo percebemos

uma transformação estrutural, os valores são outros, o setor de serviços ganhou espaço da indústria, o setor financeiro, que anteriormente financiava os setores industriais, passou a impor valores, adquirindo empresas e passaram a gerenciar os setores industriais, gerando instabilidades e incertezas, com impactos generalizados sobre o emprego e a empregabilidade, além de exigir da mão-de-obra novas habilidades, novas qualificações e novas capacitações.

A tecnologia contemporânea está alterando estruturalmente as relações trabalhistas, novas ocupações demandam novas habilidades, o desenvolvimento de novas tecnologias e novas formas de comunicação, os relacionamentos profissionais estão em movimento, cada vez mais marcada pelo individualismo e pelo imediatismo que reina na sociedade, onde a competição e a concorrência são as tónicas crescentes da comunidade. Neste cenário de individualismos crescentes, os setores econômicos e produtivos demandam flexibilidades, inteligência emocional, agilidade e empatia, lembrando que muitas destas habilidades demandadas no mundo dos negócios, confrontam cotidianamente com este ambiente de competição e de individualismo exacerbados, mais uma das contradições da sociedade contemporânea.

Neste ambiente, percebemos o crescimento de um sistema que promete liberdade através do desenvolvimento de plataformas e tecnologias digitais mas, ao mesmo tempo, está entregando o controle de algoritmos e transformando o sonho de empreender num verdadeiro pesadelo das jornadas intermináveis, extenuantes e ausência de direitos sociais ou horizontes coletivos, gerando frustrações, endividamentos, ansiedade e depressões constantes. Como diz o filósofo germânico – coreano, Byng Chul Han, na obra *A sociedade do cansaço*, estamos vivendo a sociedade do desempenho, onde o sonho de ser empresário de si mesmo está se tornando um verdadeiro calvário de endividamento e depressão.

Duelos de Gigantes

A sociedade mundial vem passando por grandes abalos econômicos, sociais e políticos nestes últimos meses, que estão impactando toda a comunidade internacional. O crescimento das políticas protecionistas adotada pelos governos, onde destacamos o tarifaço adotado pelo governo estadunidense, impactando sobre países de todas as regiões do mundo, gerando fortes constrangimentos econômicos e produtivos nas nações parceiras e aliadas e países mais distantes, com visões ideológicas diferentes e sem alinhamento político com os Estados Unidos.

Neste momento, o que nos chama a atenção é o confronto entre as duas maiores economias do mundo, China e Estados Unidos. Este confronto econômico e político deve nortear as discussões estratégicas nos próximos anos, quem sabe décadas, que devem estimular medidas protecionistas variadas para angariar espaço e vantagens na economia internacional.

De um lado, encontramos uma nação que vem perdendo espaço no cenário global, caracterizada como a mais relevante do ambiente internacional no século passado. Nesta época, os Estados Unidos da América se caracterizaram como a maior economia do mundo, detentora do maior setor indústria e bélico, responsável pela emissão da moeda referência dos setores comercial e financeiro, responsável pelos maiores investimentos científicos e tecnológicos do mundo e dona da classe média vista como referência global.

Do outro lado encontramos uma nação milenar, detentora de uma das maiores populações do globo, responsável por um feito histórico da sociedade mundial, a única nação do mundo que conseguiu retirar da pobreza extrema mais de 800 milhões de pessoas num período de quarenta anos. Uma nação que se transformou rapidamente, com fortes investimentos em ciência, pesquisa e tecnologia, se transformando na indústria do mundo e transformando toda sua estrutura produtiva, com forte planejamento estatal e empresas referências na economia mundial.

Neste confronto, os estadunidenses tentaram impedir a comercialização de semicondutores, os chamados chips, para seu maior competidor, impedindo que as grandes empresas norte-americanas vendessem este produto para os produtores chineses, desta forma, sem este produto, os asiáticos não conseguiram construir o seu setor produtivo global, fragilizando seu setor industrial e obrigando-os a aceitar as exigências do governo dos Estados Unidos. Para infelicidade dos estadunidenses, o governo chinês canalizou grandes investimentos para as áreas científica e tecnológica, fortalecendo a produção local, garantindo sua soberania política e fomentando sua autonomia econômica.

Em contrapartida, recentemente, os chineses passaram a limitar as exportações das chamadas terras raras para os Estados Unidos, já que a China detém mais de 80% da produção global, gerando grandes preocupações para os setores de tecnologia e de defesa, afinal, estas terras raras são minerais estratégicos que entram na cadeia global dos setores de alta tecnologia.

Neste duelo de gigantes, cada um dos lados busca arregimentar nações parceiras, ganhando musculatura para enfrentar o confronto do século e angariar novas alianças e novos espaços de comércio e integração produtiva. Neste cenário, marcado por um conflito desta envergadura, não podemos esquecer a possibilidade, ainda real, de um conflito militar entre estas potências que, com certeza, podem inviabilizar a vida humana no planeta Terra, uma guerra fratricida desta proporção, pode destruir a humanidade, o que seria um risco gigantesco e uma possibilidade real, ainda mais sabendo que, nos últimos anos, a incivilidade e a crueldade vem dominando a sociedade global.

Indústria do Mundo

Nas últimas décadas a sociedade internacional vem passando por muitas reviravoltas e inúmeras transformações, o surgimento de novos modelos de negócios vem ganhando espaço, uma verdadeira revolução no mundo do trabalho, com novas tecnologias e o incremento da inteligência artificial, além do crescimento vertiginoso da economia chinesa que se transformou na indústria do mundo, responsável por uma grande parte das mercadorias comercializadas no cenário global.

A ascensão chinesa deslocou setores industriais inteiros de seus países de origem para grandes investimentos produtivos nas cidades chinesas, levando regiões atrasadas e dependentes de produtos primários para se transformarem em grandes produtores de produtos industrializados, com fortes investimentos governamentais em capital humano, grandes recursos financeiros canalizados para setores de pesquisa e inovação científica. O resultado desta política foi a construção de grandes metrópoles, como Shenzhen, uma aldeia de camponeses, nos anos 1980 com apenas 120 mil habitantes que, atualmente, se transformou numa metrópole de 17 milhões de pessoas, com um setor produtivo inovador, dinâmico e dotado de grande capacidade empreendedora.

Neste período, a China passou por inúmeras revoluções, marcadas por uma política industrial rigorosa e muito disciplinada, onde os setores estratégicos receberam grandes aportes financeiros, exigindo parcerias com empresas estrangeiras que tinham interesses em produzir no mercado chinês, com câmbio desvalorizado, juros baixos, créditos fartos, mão de obra barata e fortes investimentos em capital humano, além de estímulos crescentes nas áreas de pesquisa científica e cobranças sistemáticas para angariar novos mercados internacionais.

Nos últimos vinte anos, a economia chinesa ganhou musculatura, eficiência e produtividade, levando os países ocidentais a sentirem receio da ascensão chinesa, atualmente o maior competidor dos Estados Unidos. Em 2006, 148 países e territórios tinham mais trocas comerciais com os EUA do que com a China, em 2024 o cenário passou por grandes

alterações: 141 nações priorizam os chineses enquanto 82 fazem mais negócios com os americanos.

Nestas duas décadas, os chineses ganharam novos parceiros comerciais, inicialmente começaram na Oceania, depois se aproximaram da África, espalharam seu comércio para as Américas, ganhando relevância na região e se transformaram no maior parceiro comercial da América Latina, desbancando os Estados Unidos. Atualmente, os europeus passaram a se aproximar dos chineses e a Europa ganhou relevância no comércio exterior, muitos países da região estão integrados na iniciativa Um Cinturão, Uma Rota, onde o país asiático vai despejar trilhões de dólares em setores de infraestrutura e de logística em países que são parceiros comerciais, com isso a China se transformou na maior fábrica do mundo, responsável por mais de US\$ 4 trilhões em produtos industrializados, transformando a China, para muitos especialistas, no detentor do maior produto interno bruto (PIB) do mundo, superando o estadunidense.

Em equipamentos e maquinaria elétrica, a China detém sozinha 32% do mercado global de exportação. Em computadores pessoais a China foi responsável por 75% do valor e volume das exportações mundiais. Na indústria fotovoltaica o gigante asiático responde por cerca de 80% da produção em toda a cadeia de valor. Neste cenário de instabilidades constantes, o incremento industrial chinês pode ser visto como inspirador da recuperação industrial brasileira, valorizando inovação, garantindo oportunidades e políticas industriais ativas, vislumbrando um país industrializado, aproveitando novas oportunidades, alavancando tecnologias e abandonando os resquícios de exportadores de produtos primários de baixo valor agregado.



**ARY RAMOS DA SILVA JÚNIOR, FORMADO EM
CIÊNCIAS ECONÔMICAS (UNESP),
ADMINISTRAÇÃO (UNIRP), ESPECIALISTA EM
ECONOMIA DO SETOR PÚBLICO (UNYLEYA),
MESTRE, DOUTOR EM SOCIOLOGIA (UNESP) E
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.**

